

Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Domingo 23.10.2022 / Diário / Ano 158.º / N.º 56 068 / €1,90 / Diretora Rosália Amorim / Diretor adjunto Leonídio Paulo Ferreira / Subdiretora Joana Petiz

PASSOS COELHO GESTÃO DO SILÊNCIO DE EX-PRIMEIRO MINISTRO GERA RUÍDO

Marcelo Rebelo de Sousa chama-o para a política: "Tem muito a dar".
Quem o conhece garante que ninguém antevê a estratégia do antigo líder do PSD. Fontes garantem que pode ter um papel no futuro do país e, de novo, no partido ou na Presidência.

PÁGS. 4-5

DAVID SIMAS, CEO
DA FUNDAÇÃO OBAMA
O FILHO DA
DEOLINDA
E DO ANTÓNIO
TEM "O MELHOR
EMPREGO
DO MUNDO"

PÁGS. 20-21



SNS

Médicos de família
satisfeitos com OE e
vagas para internos,
mas não chega

PÁGS. 10-11

Champanhe

Uma dose de
paixão, outra
de Ciência

PÁGS. 12-13

Mundial

Que Ronaldo
no Qatar? "Doido
para se vingar
de Ten Hag" e
"ao estilo de Jardel"

PÁG. 23



CHINA

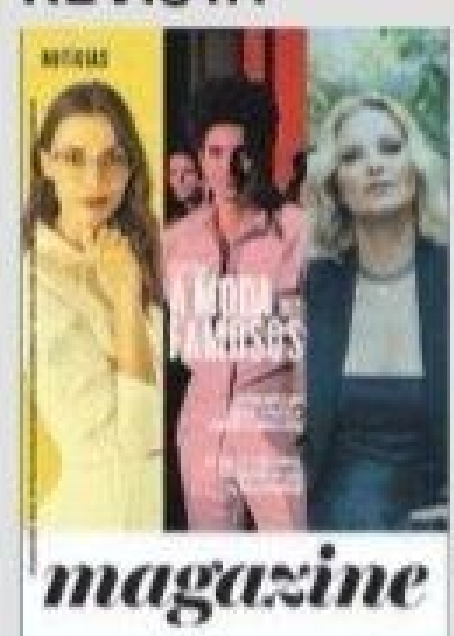
A SAÍDA DE HU DO CONGRESSO
QUE SOLIDIFICA O PODER DE XI

PÁG. 19

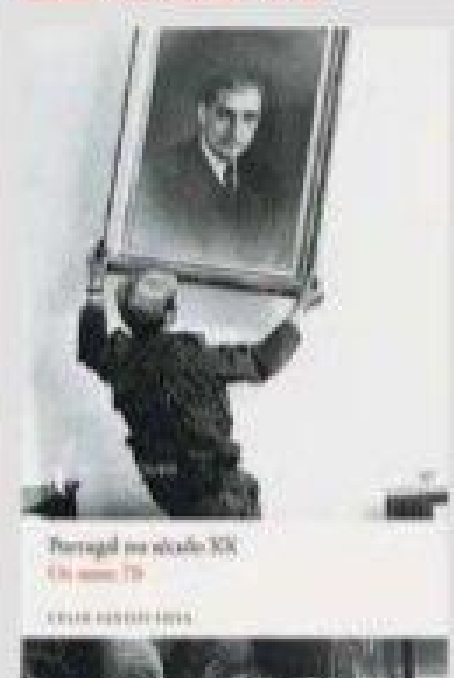
NOEL CELIS / AFP

NOVO LIVRO ANTÓNIO COSTA PINTO: "MODELO DE SALAZAR ERA MAIS PALATÁVEL
DO QUE O FASCISMO ITALIANO PARA DITADORES DE DIREITA" PÁG. 6

HOJE GRÁTIS
REVISTA



COLEÇÃO
PORTUGAL
NO SÉCULO XX
OS ANOS 70



POR
APENAS
6,50€
PEÇA JÁ NO SEU AGENTE

EDITORIAL**Leonídio
Paulo Ferreira***Diretor adjunto do Diário de Notícias***Thatcher e Merkel
como inspiração**

Liz Truss tornou-se o mais efêmero dos chefes de governo britânicos e Giorgia Meloni acaba de tornar-se o primeiro político de extrema-direita designado primeiro-ministro de Itália desde o fim da Segunda Guerra Mundial. No primeiro caso, ficou no caos o Partido Conservador e de certa forma o próprio Reino Unido, no segundo abre-se uma era de incerteza na Itália mas também na União Europeia, pois pela primeira vez um país fundador e dos chamados grandes tem uma liderança pouco entusiasta do projeto europeísta.

Talvez tenha reparado que usei a regra do masculino para referir Truss no contexto dos chefes de governo britânicos e que também o fiz para enquadrar Meloni no dos políticos italianos do pós-1945, mas propositadamente não referi que uma era já a terceira mulher a chegar a primeira-ministra britânica (todas conservadoras!) e que a outra se tornara a primeira primeira-ministra italiana da história, deixando a Espanha como o único dos tais grandes da UE (incluindo a Polónia e o Reino Unido pré-Brexit) a nunca ter sido governado por uma mulher.

Sem querer exagerar, é positivo que em 2022 o sexo do governante ou da governante já não seja automaticamente notícia ou pelo menos o essencial da notícia. E há algumas razões para isso. Quando comecei a trabalhar no DN em 1992 eram já célebres líderes como a cingalesa Sirimavo Bandaranaike, a indiana Indira Gandhi, a israelita Golda Meir, a paquistanesa Benazir Bhutto ou a turca Tansu Çiller, mas na Europa Ocidental, muitas vezes identificada como a mais progressista parte do mundo, as primeiras-ministras até então contavam-se pelos dedos das mãos (e sobrevivam alguns), com a britânica Margaret Thatcher como a pioneira em 1979 a brilhar, mas também a norueguesa Gro Harlem Brundtland, a portuguesa Maria de Lourdes Pintasilgo e a francesa Edith Cresson (ambas por nomeação presidencial) e duas presidentes, Vigdís Finnbogadóttir da Islândia e Mary Robinson da Irlanda. Nas contas europeias, claro que não eram incluídas as chefes de Estado que eram rainhas, como Isabel II, mesmo que o seu desempenho possa ter ajudado à normalização da ideia de ter mulheres líderes.

Passados 30 anos, e contando com Meloni e sem ter em conta já Truss (nem a hipótese de a sua sucessora ser Penny Mordaunt, candidata a liderar os conservadores), conto em toda a Europa cerca de dezena e meia de primeiras-ministras e presidentes, da francesa Élisabeth Borne à húngara Katalin Novák e à georgiana Salomé Zourabichvili, com praticamente todas as regiões europeias representadas. É óbvio que uma análise mais ao pormenor identificará verdadeiros pesos-pesados da política nacional lado a lado com figuras mais decorativas, mas isso acontece também se estivermos a olhar para os líderes masculinos.

Tenho um filho e uma filha e desejo para ambos que possam igualmente ambicionar ser o que quiserem sem constrangimentos herdados de outras eras. E tenho consciência de que Portugal (como o essencial da Europa) beneficia dos tremendos progressos recentes na condição feminina, tanto ao nível das leis como na evolução da própria sociedade. Mas não deixo de pensar que, independentemente de se concordar ou não com as respetivas ideologias, personalidades com Thatcher e Merkel (tal como hoje de outra forma a finlandesa Sanna Marin) são inspiradoras para qualquer jovem europeia que sonhe ter uma voz na definição do futuro do seu país. E foram elas, as europeias, a fazer a diferença, até porque ao contrário do que se passa na Ásia do Sul e outras partes do mundo, não contou serem filhas ou viúvas de políticos.

FOTO 1947

Cortejo de oferendas durante a cerimónia da inauguração do novo Hospital de Almada, em setembro de 1947. O hospital custou "2300 contos", escreveu o DN, e o cortejo arrecadou "200 contos" em dinheiro para a Misericórdia de Almada. "A contribuição do povo de Cacilhas - 84 contos - era transportada numa velha arca sobre o dorso dum burro", lia-se na legenda desta foto.

OPINIÃO HOJE**Sebastião
Bugalho**Nós também
atravessaremos o Canal
PÁG. 7**Joana
Amaral Dias**O atum comeu
o mexilhão
PÁG. 8**José Mendes**The show must go on
PÁG. 8**Claire
Rochecoste**Austrália-Portugal: Uma
parceria
contemporânea
PÁG. 9**Daniel
Deusdado**Classe média
e Amazônia: o Brasil
a perder tudo
PÁG. 11**Paulo Rosado**Software com uma
missão, de Portugal para
o mundo
PÁG. 15**António
Araújo**Os donos disto tudo
PÁGS. 26 e 27**João Lopes**O saber não ocupa lugar
PÁG. 29**NOVA RUBRICA**

Countdown to Web Summit 2022 é uma nova rubrica no Diário de Notícias, que antevê algumas das tendências que vão marcar o próximo encontro mundial de startups no final de outubro, em Lisboa. Até à semana do evento, estarão em análise as oportunidades e os desafios dos investidores, os exemplos inspiradores e as novidades que vão marcar a agenda dos empreendedores nacionais e mundiais. O palco passa por aqui, com a reflexão de especialistas numa nova série de artigos de opinião. O artigo hoje publicado tem a assinatura de Paulo Rosado, fundador e CEO da OutSystems.

countdown to
web
summit
LISBON
2022

DNGlobal Media
GROUP

23.10.2022

Diretora Rosália Amorim **Diretor adjunto** Leonídio Paulo Ferreira **Subdiretora** Joana Petiz **Secretário-geral** Afonso Camões **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs
Editores executivos Carlos Ferro, Helena Teódeiro, Pedro Sequeira e Artur Cassiano (adjunto) **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Céu Neves e Fernanda Cândido **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil, João Pedro Henriques e Nuno Fernandes **Redatores** Ana Moreira, César Avó, David Pereira, Inês Dias, Isaura Almeida, João Pedro Henriques, Mariana de Melo Gonçalves, Paula Sá, Rui Miguel Godinho, Sara Azevedo Santos, Susete Francisco, Susete Henriques, Susana Salvador e Valentina Marcelino **Fecho de edição** Elsa Rocha (editora) **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, Maria Helena Mendes, Ulia Gomes, Rafael Costa e João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Joana Petiz (diretora) **Evasões** Inês Cardoso (diretora) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (diretora) **Conselho de Redação** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Cândido, Susana Salvador, Susete Francisco e Rui Frias **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 5.º - 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515. Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º - 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Rua João Machado, 18, 2.ºA - 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de setembro de 2022: 6594 exemplares.

VISAPRESS®
Direitos do Autor Protegidos

apct



Encontro
Fora da Caixa
MADEIRA

EXPORTAR,
CRESCER
E INOVAR

24 OUTUBRO | TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS | FUNCHAL

PROGRAMA

MEDIA PARTNER



Moderadora/Host – Rosália Amorim | Diretora do Diário de Notícias

15h00 Abertura

Paulo Moita de Macedo | Presidente da Comissão Executiva da Caixa Geral de Depósitos

15h30 Portugal 2023, Crescimento ou Sobrevivência?

Miguel Albuquerque | Presidente do Governo Regional da Madeira
Entrevista por Rosália Amorim

16h00 Crescimento e Produtividade das Empresas – Uma Economia Mais Competitiva

Fernando Alexandre | Professor na Universidade do Minho

16h30 Painel: Para Onde Caminha a Economia Nacional?

Moderadora: Rosália Amorim
Bruno Freitas | Administrador Grupo Savoy
Christopher Blandy | CEO do Grupo Blandy
Francisco Taboada | Presidente da Empresa de Eletricidade da Madeira
Francisco Cary | Administrador Executivo da Caixa Geral de Depósitos

17h20 Um Arquipélago e um País Esculpido por Francisco Simões

Uma conversa com Rosália Amorim

18h00 Encerramento

Caixa Geral de Depósitos, S.A., registada junto do Banco de Portugal sob o n.º 35.

Assista em direto no site e nas redes sociais da Caixa ou em [dn.pt](https://www.dn.pt)



PASSOS COELHO

Quo vadis? A gestão do silêncio gera ruído

Marcelo voltou a chamá-lo para a política: "Tem muito a dar". Quem o conhece garante que ninguém sabe o que vai na cabeça do antigo primeiro-ministro. Mas descartar que possa vir a ter um papel no futuro do país é coisa que não fazem. Para já dá aulas e vai seguindo os que o querem dar-lhe um empurrão.

TEXTO PAULA SÁ

PROFESSOR UNIVERSITÁRIO? ENTUSIASMO POSTO NAS AULAS LIMITA FUTUROLOGIAS

Probabilidade de acontecer: **Elevada**



"Pode falar com 100 pessoas que ninguém lhe vai saber dizer o que Passos pensa fazer". A frase é de alguém que conhece bem o antigo líder do PSD e primeiro-ministro. E é dita com a mesma certeza com que assegura: "A todos fala com entusiasmo das aulas e é nesse cenário que se coloca, no presente e não no futuro". Substituído pela "geringonça" de António Costa no governo, em 2015, após a coligação PSD/CDS ter ganho as eleições, Pedro Passos Coelho largou a política e dedicou-se ao ensino. Está a dar aulas no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) da Universidade de Lisboa, tendo alunos de mestrado e doutoramento, onde tem um vínculo com a categoria de professor catedrático convidado. O mesmo que lhe foi conferido na Universidade Lusíada, onde se licenciou em Economia.

A amiga e antiga assessora de Passos Coelho Eva Cabral, num artigo publicado esta semana no semanário *O Diabo*, em que se insurge contra as tentativas de "pressão" sobre Passos, escreve: "Do ponto de vista profissional – tem mesmo de trabalhar para pagar as contas, pois não pertence ao cortejo dos que se serviram do Estado — está a ensinar Políticas Públicas a alunos de licenciatura, de mestrados e de doutoramento. Nos doutoramentos tem vários alunos africanos o que o deixa visivelmente feliz. Nasceu, por acaso, em Coimbra, mas a sua juventude foi em Angola".

Os que privam com ele sublinham esta ideia de que está encantado com a veste de professor e que não dá sinais de que esteja a prazo nas duas universidades. Passos passou mesmo ao lado da polémica que se instalou no ISCSP em 2018, depois de lhe ter sido conferido o estatuto de "professor catedrático convidado", sem que tenha doutoramento, pelos cargos que desempenhou no país e que a universidade considerou à altura do grau conferido. Em abaixo-assinado, professores universitários e investigadores contestavam a nomeação, mas de lá para cá não se levantou mais nenhuma onda contra a contratação do ex-primeiro-ministro social-democrata. Se não regressar à política, é muitíssimo provável que ensinar seja a estrada que continuará a trilhar. E o facto de só falar dessa rota limita as futurologias.

GESTOR? VOLTAR ÀS EMPRESAS SERIA "SINAL QUE TINHA DESISTIDO DA POLÍTICA"

Probabilidade de acontecer: **Muitíssimo reduzida**



Todos consideram muito improvável, senão impossível, que Passos Coelho volte ao setor privado, às empresas, como acontecia antes de ter sido candidato pela primeira vez à liderança do PSD em 2008. "O facto de não ter enveredado por esse caminho é um sinal claríssimo que ainda não desistiu da política", diz ao DN alguém que lhe é próximo.

"É normal que não tenha querido fazer essa passagem logo após ter liderado o governo, ainda para mais numa conjuntura de aperto financeiro do país, mas se tivesse vontade de voltar ao mundo empresarial teria todas as condições", assegura outra fonte do PSD.

Isto porque Passos passou por várias empresas e desempenhou cargos como consultor e gestor, tendo trabalhado na Quimibro, que se dedica ao *trading* nos mercados de metais, de José Bento dos Santos, entre 1987 e 1989, e iniciado a sua atividade de consultor na Tecnoforma, em 2000.

Em 2001, tornou-se colaborador da LDN Consultores, até 2004. Dirigiu o Departamento de Formação da URBE — Núcleos Urbanos de Pesquisa e Intervenção, entre 2003 e 2004. Em 2004, o antigo ministro Ângelo Correia convidou-o para ingressar no Grupo Fomentinvest, onde será diretor financeiro, até 2006, e administrador executivo, entre 2007 e 2009. Foi também presidente do Conselho de Administração das participadas Ribtejo e da HLC Tejo, a partir de 2005 e 2007.

A passagem de Passos pela Tecnoforma, empresa de formação e consultoria, valeu-lhe algumas dores de cabeça anos mais tarde. Só em 2017, já depois de ter deixado de ser primeiro-ministro, é que o Ministério Público arquivou um processo que o envolvia e ao ex-secretário de Estado Miguel Relvas por suspeitas de corrupção através daquela empresa.

Esta má experiência e as consequências de desgaste político durante a governação levam os próximos de Passos Coelho a considerar que a melhor forma de manter a sua "credibilidade intacta, para o que der e vier no seu eventual futuro político, é manter-se afastado de toda e qualquer potencial polémica que possa nascer na atividade empresarial. "Basta perceberem que está agora a acontecer com as incompatibilidades dos governantes", assinala um social-democrata.



CARGO INTERNACIONAL? MAIS DE PRESSÃO A GULBENKIAN DO QUE VOOS NO ESTRANGEIRO

Probabilidade de acontecer: **Muito reduzida**



“Não se pode excluir”. Esta é a resposta à pergunta: “Passos poderá vir a ser considerado para um cargo internacional?” E o patamar é colocado lá no alto quando se fala de possibilidades, por exemplo a presidência da Comissão Europeia (à semelhança do que aconteceu com Durão Barroso, mas que estava no ativo quando se candidatou).

“O país deve, num período muito difícil de crise na *troika*, ao primeiro-ministro Passos Coelho uma resistência que ainda há dois dias pude ouvir ser elogiada pela boca da então chanceler Angela Merkel. Portanto, é reconhecida cá dentro e reconhecida lá fora, é um facto”, disse o Presidente da República sobre a imagem do antigo primeiro-ministro fora de portas.

Quem o conhece bem coloca novamente um “mas” nesta equação. “Passos é um homem de família e ser-lhe-ia difícil ir para fora e ter de se afastar dela. Não é muito dado a isso”, diz um dos seus companheiros de partido de longa data, que vaticina, em mero jeito retórico: “Mais depressa ia a administrador da Gulbenkian do que para voos no estrangeiro”.

O que se conjuga com a imagem que também antiga jornalista Eva Cabral dele traça e do apego que tem às coisas da terra. “Sim. Gosta de política desde miúdo, mas foi-se apaixonando por outras coisas. De verão costuma tomar banho de mar e comer grelhados e ostras. Dizem-me que também tem mais tempo para falar com as filhas e com os amigos. Aproveita a pausa estival para carregar baterias na praia que escolheu há muitos anos. E para fazer festas ao cachorro, que entrou na família há escassos meses, mas já faz das suas.”

Sobre a eventual hipótese de Passos planejar a médio prazo uma carreira internacional, o professor universitário Viriato Soromenho-Marques chama a atenção para o “facto de o sistema internacional estar a mudar completamente” e com ele os atores políticos, num grau de imprevisibilidade enorme. Além disso, considera que Passos “não deu mostras de ter grande interesse pelos assuntos internacionais (ao contrário de Paulo Portas)”, até porque apanhou a governação do país numa altura em que “essa política não foi grata para Portugal”.

PRESIDENTE DA REPÚBLICA? UM FATO QUE TODOS LHE VEEM A VESTIR E A CAIR BEM

Probabilidade de acontecer: **Elevada**



Uma candidatura a Belém é vista como aquele cargo que melhor assenta a Pedro Passos Coelho e até já no pós-marcelismo, em 2026. Se, e se, voltar ao palco político – “conhecendo o seu perfil, o que pensa fazer está perfeitamente determinado, tal como o quadro que tem de existir para o fazer, mas não vai dizer nada a ninguém”, diz um amigo – é este o fato que todos lhe veem a vestir e a cair bem.

“Há outras figuras de centro-direita que querem correr para a presidência, como Marques Mendes ou Paulo Portas, mas se Passos quiser tem logo quem o apoie e será muito difícil qualquer dos outros avançar”, afirma a mesma fonte. A mesma ideia é partilhada pelo politólogo José Adelino Maltez: “Se ele entender que tem condições e que o país estará com ele quer, avançará, senão fará o que está a fazer”. Mas, Maltez adverte que o campo de centro direita, que era decidido entre o PSD e o CDS, nomeadamente no apoio aos candidatos presidenciais, agora depende de um novo espaço político, em que entram forças como a IL e o Chega. O politólogo admite, no entanto, que “Passos tem um percurso que lhe permite a soberania pessoal de escolher o caminho que quer seguir”.

Paradoxalmente, uma das qualidades de Passos Coelho, a gestão do silêncio, pode ajudá-lo a ser o sucessor de Marcelo Rebelo de Sousa. “A opinião pública é que escolhe e o silêncio pode resultar no pós-marcelismo, que é o oposto de Passos Coelho”, afirma Adelino Maltez.

O antigo ministro dos Negócios Estrangeiros Martins da Cruz sublinha essa característica política de Passos, a habilidade em gerir os silêncios, “que falta a Marcelo”, diz, e que o faz também concluir sobre a eventualidade de uma candidatura do antigo primeiro-ministro à Presidência da República. “Ou não quer ou tem um *timing*. Se não quer estão a desrespeitá-lo, se tem um *timing* estão a tentar forçá-lo”. E lança a questão: “Alguém perguntou ao professor Marcelo ou ao dr. Montenegro se já lhe perguntaram se estava disposto a regressar, se quer fazer política? As referências que foram feitas sobre o que tem a dar ao país aconselhavam a que falassem com ele primeiro”.

LÍDER DO PSD? SE UM DIA QUISER, O PARTIDO ESTARÁ RENDIDO A SEUS PÉS

Probabilidade de acontecer: **Média**



Os quatro anos de maioria absoluta do PS e uma atual liderança do PSD, a de Luís Montenegro, com fôlego para aguentar a travessia no deserto dos sociais-democratas levam alguns a considerar improvável que Pedro Passos Coelho volte a liderar o partido e, por consequência, seja novamente candidato a primeiro-ministro. Dúvidas ninguém tem que se o quiser fazer terá o partido a seus pés.

O professor Viriato Soromenho-Marques destaca esse “perfil de referência” de Passos, que considera um “político diferente da maior parte dos políticos”, para admitir que para o partido continuará a ser o desejado.

“Passos Coelho é o político que no PSD tem mais prestígio. Podia ter sido candidato a líder e unificava o PSD, mas sabia que ganhava o partido mas não o país. E ele tem a ambição de ser um vencedor político e social, por isso não avançou”, afirma José Adelino Maltez. O politólogo frisa que nesta conjuntura de forte instabilidade, gerada pela guerra da Ucrânia, é impossível saber se haverá espaço para que volte ao combate partidário.

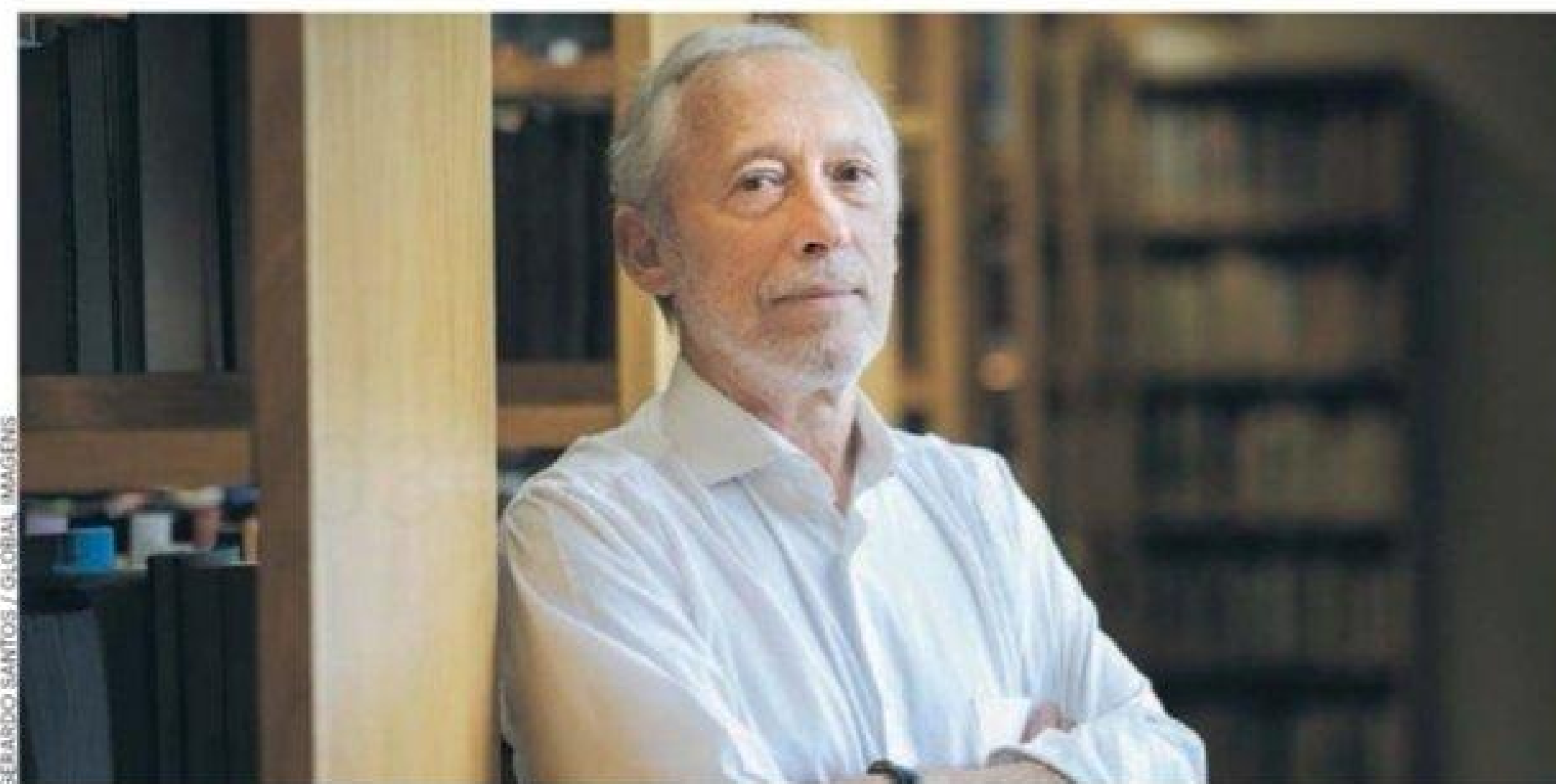
Mas, admite José Adelino Maltez, “se tiver condições, penso que estará disponível para a desforra e não dirá desta água não beberei”. Isto porque Passos demorou algum tempo a digerir o facto de em 2015, após as medidas draconianas do plano de ajustamento, que fizeram sofrer os portugueses, ter ganhado as eleições legislativas coligado com o CDS de Paulo Portas e tervisto, depois, o PS de Costa aliá-lo ao PCP e BE para formar uma maioria governativa.

O embaixador Martins da Cruz não quer especular sobre a possibilidade de Passos Coelho voltar ao combate na primeira linha do PSD, mas sublinha que o facto de se estar de novo a falar do seu nome “prova duas coisas”: “Prova o valor que ele teve quando dirigiu o país; e prova que no panorama deserto em que se apresenta no centro-direita têm de ir buscar como uma referência do passado e não como um *game changer* com uma perspectiva de futuro. É a ideia de que com o deserto que está em volta de nós talvez um regresso ao passado seja a melhor coisa”, afirma o antigo ministro.

António Costa Pinto “Modelo de Salazar era mais palatável do que o fascismo italiano para ditadores de direita”

LIVRO Sob direção do historiador António Costa Pinto, *O Estado Novo de Salazar - Uma terceira via autoritária na era do Fascismo* (Edições 70) revela como o regime português inspirou da América Latina à Europa.

ENTREVISTA LEONÍDIO PAULO FERREIRA



Não estamos a falar de uma terceira via no fascismo, estamos a falar, como diz o título do seu livro, numa terceira via autoritária numa era marcada pelo fascismo. De que outras vias se distingue o salazarismo? O período entre as duas guerras foi um laboratório político ditatorial muito importante. A ditadura que mais marcou as ditaduras de direita do pós-guerra, foi o fascismo italiano. E foi influente no Partido Nacional Socialista alemão, nos seus inícios. O fascismo italiano criou instituições, nomeadamente três centrais: a personalização do poder e o chefe carismático, o partido único de tipo revolucionário, e o sistema corporativo com um novo modelo de relações entre o capital e o trabalho. Por exemplo, a *Carta del Lavoro* do fascismo italiano, é o documento mais citado nas relações laborais de todas as ditaduras da era do fascismo. Dito isto, o nacional-socialismo alemão foi tendo uma evolução particular, e então para as elites conservadoras da Europa entre as duas guerras, o modelo de Salazar emergiu nos anos 1930, mas não resultado de esforço de propaganda. O salazarismo era um regime menor

em termos de impacto internacional, mas criou um conjunto de instituições com as quais as elites conservadoras simpatizaram bastante. Sendo um regime claramente de direita, porém, não tem a vertente revolucionária do fascismo italiano, nem se assemelha ao extremismo do hipernacionalismo alemão? Exatamente. Não tem a vertente radical, tem um ditador que é elitista, professor universitário, católico, e tem uma Constituição que tenta sintetizar elementos liberais com autoritários. Já sabemos que os liberais foram eliminados por decreto e que vinga o autoritarismo, mas a Constituição portuguesa de 1933 tem essa preocupação. Além disso, não é um regime político de mobilização de massas. Isto faz com que para segmentos das elites católicas tradicionais na América-Latina, a citação do modelo de Salazar é mais palatável do que o fascismo italiano que tem uma imagem demasiado radical. De certa forma esta é a razão pela qual fiz este livro, porque quando estava na Universidade de Nova Iorque a escrever sobre as ditaduras latino-americanas, comecei a ver que a imprensa católica conservadora e

reacionária, passava a vida a citar o exemplo de Salazar. E fui recolhendo exemplos do Chile, da Colômbia, da Argentina, do Brasil, e de outros países. Pensei, então, realizar uma obra coletiva com um conjunto de cientistas sociais de diversos países. Para minha surpresa, esta perceção e citação do modelo de Salazar, foi bastante maior do que supunha.

Não é só na América-Latina que Salazar atrai, mas também na Europa? Exatamente, ou seja, mesmo na Europa ocupada. A ditadura do rei Ca-



O ESTADO NOVO DE SALAZAR - UMA TERCEIRA VIA AUTORITÁRIA NA ERA DO FASCISMO

António Costa Pinto (coord.)
Edições 70
301 páginas
19,90 euros

rol da Roménia, cita o modelo de Salazar como exemplo a seguir. Já sabíamos que os conservadores de Vichy eram admiradores do salazarismo. Mas não sabíamos, por exemplo, que um grupo de ideólogos e empresários conservadores, quando a Alemanha Nazi invadiu a Dinamarca, tinham proposto ao rei – coisa que é recusada –, um regime autoritário seguindo alguns dos princípios do salazarismo. Isto era desconhecido. O mesmo se pode dizer das ditaduras bálticas. E da Eslováquia em plena segunda guerra mundial, cuja Constituição é em parte inspirada na constituição do salazarismo. O modelo do salazarismo foi utilizado pelas elites políticas locais, como o modelo mais palatável para congregar a direita autoritária do que o fascismo italiano.

Quando diz palatável, a imagem de Salazar ser um académico e não usar farda como Mussolini ou Hitler contou muito? Foi um modelo com que as elites conservadoras se identificavam muito?

Exatamente. Salazar prefigura o modelo de ditador tecnocrático conservador. Por acaso, era católico, mas poderia ser ortodoxo ou protestante, ou seja, cultivando os valores da tradição, do nacionalismo e, num certo sentido, o antirrevolucionário de direita.

Quando fala dessa terceira via autoritária, de certa forma, está a dar a sua leitura sobre a velha polémica de se Salazar era fascista ou não?

Não, não estou. Deixe-me dizer que creio que, atualmente, vale a pena falar sobre a época do fascismo e de ditaduras de direita, quase todas influenciadas pelo fascismo italiano. O fascismo italiano foi a matriz e muito os outros ditadores vão procurar instituições e adaptá-las.

Esabe-se que Salazar era um admirador de Mussolini.

Sim, isso é indiscutível. A Mocidade Portuguesa e a Legião Portuguesa, são instituições tipicamente inspiradas pelo fascismo italiano. O próprio Estatuto do Trabalho Nacional, copia princípios da *Carta del Lavoro*. Creio que o debate fascismo ou não fascismo perdeu um pouco de sentido, é demasiado técnico. Mas o que é interessante verificar é que, no fundo, o fascismo italiano foi uma fonte de difusão de instituições autoritárias na Europa entre as duas guerras. No entanto, o nacional-socialismo não o foi, influenciou muito pouco as outras ditaduras. O salazarismo, em grande parte porque se consolidou nos anos 30, tem para os intelectuais conservadores da Igreja Católica um modelo positivo. E a Igreja Católica foi muito importante para popularizar políticos católicos no Uruguai, por exemplo, utilizando o modelo salazarista para se demarcar do fascismo italiano e da sua imagem mais radical. Sobre tudo, quando com o Eixo o fascismo italiano se começa a confundir com o nacional-socialismo alemão, com todas as suas dimensões racistas, e a caminho da Guerra Mundial.

Nocaso específico do Brasil de Getúlio Vargas, um homem do autoritarismo mas que na hora H está a Segunda Guerra Mundial com os americanos e envia tropas para a Europa combater nazis e fascistas. Também se inspirou em Salazar?

Getúlio Vargas não tem as origens de Salazar. É um político republicano proveniente das elites oligárquicas do Brasil. É pragmático, mas na Constituição de 1937 vai inspirar-se em parte na ditadura de Salazar. Como diria um dos seus ideólogos, as nossas instituições são as vossas câmaras corporativas portuguesas. Há um intenso diálogo entre juristas portugueses autoritários, nomeadamente Marcello Caetano, e os juristas que vão dar a ossatura ao Estado Novo de Getúlio Vargas. A identidade entre os dois regimes é grande e Getúlio Vargas nunca será um pró-fascista no sentido clássico da palavra. E permita-me salientar que representa mais uma procura de elites políticas nacionais do modelo mais palatável, para se legitimarem, do que propriamente um efeito da propaganda de Salazar.

Este aspeto palatável de Salazar e esta atração do salazarismo enquanto modelo, é desta era do fascismo, mas não existe pós-1945?

É interessante que quer o franquismo, quer o salazarismo no pós-guerra, ensaiam um novo tipo de legitimidade política ditatorial. Tentam ser aquilo a que chamaram “democracias orgânicas”. Segmentos de elites conservadoras ainda vão referindo o salazarismo de vez em quando, mas a imagem positiva do salazarismo esgota-se com a Segunda Guerra Mundial, mesmo por parte das elites católicas e conservadoras. Porque o próprio corporativismo cristão de que Salazar se orgulhava tanto, também fica associado à era do fascismo. Como dizia um político autoritário colombiano, em 1950, “vamos tentar instituir um regime corporativo, mas vamos terminar com o nome que ficou associado ao fascismo”.

Foi feita uma comparação com Salazar, em 2015, aquando da vitória na Polónia do PIS e de Jaroslaw Kaczynski. Esta alusão a Salazar foi feita em duas componentes: o conservadorismo católico do político e a dedicação ao Estado, não tendo casado. Não é a mesma coisa de que estamos a falar aqui?

Não é a mesma coisa, porque aqui estamos a falar sobretudo do modelo de instituições políticas, mas não há dúvida nenhuma de que Salazar enquanto líder austero, dedicado teoricamente à nação, não corrupto e com valores conservadores, foi muito citado na época. E continuou a ser citado depois disso, não estranho que possa haver essa referência. Aliás, posso dizer-lhe até que Francis Fukuyama o citou há pouco tempo quando veio a Portugal, de com o a imprensa neocristã ultraconservadora americana, ainda hoje dá o exemplo de Salazar como o bom regime.

leonidio.ferreira@dn.pt



Paulo Rangel exige divulgação "na íntegra" do texto do acordo.

"De cavalo para burro". PSD contra acordo das interconexões ibéricas

ENERGIA Paulo Rangel diz que acordo com Espanha e França anunciado por Costa "não serve o interesse nacional".

TEXTO **SUSETE FRANCISCO**

Um "mau acordo" que "prejudica Portugal". O PSD, pela voz do vice-presidente Paulo Rangel, veio ontem tecer duras críticas ao acordo sobre as interconexões ibéricas firmado na última quinta-feira por António Costa, o primeiro-ministro espanhol, Pedro Sánchez, e o presidente francês, Emmanuel Macron. "Trocámos o valor das nossas renováveis e o potencial do porto de Sines por um prato de lentilhas, passámos de cavalo para burro", acusou o também eurodeputado, para quem "a energia nuclear francesa e os portos de Espanha são os grandes vencedores deste acordo trilateral".

Para o PSD, com o acordo alcançado na última quinta-feira — que prevê um corredor de energia verde, por mar, entre Barcelona e Marselha (BarMar) deixando cair a travessia pelos Pirenéus (MidCat) — Portugal fica "pior" porque "caíram os compromissos que existiam, firmes, calendarizados e financiados, desde 2014, para a construção de duas interligações elétricas nos Pirenéus". "Só se manteve o Golfo da Biscaia", mas para Portugal "aquelas duas interligações eram muito mais importantes" que "qualquer ligação de gás, e mais ainda que esta troca de gasodutos que vai secundarizar o terminal de Sines". "O transporte de gás importado é útil, mas é muito menos interessante para Portugal do que para Espanha", argumentou Paulo Rangel, acrescentando: "A poderosa indústria nuclear francesa ganhou, as indústrias renováveis portuguesas perderam".

Segundo o eurodeputado, "o abandono do Midcat, da interliga-

de gás espanhóis de Barcelona e Valência, e faz com que [o porto de] Sines deixe de ter importância estratégica". Fica assim em causa, sustentou o vice-presidente social-democrata, o "objetivo nacional que tantas vezes repetiu António Costa, de fazer de Sines a porta de entrada atlântica do gás natural líquido feito na Europa". E mesmo a questão do hidrogénio "suscita dúvidas".

Em conferência de imprensa, Rangel exigiu também que António Costa divulgue os termos do acordo "na íntegra", questionando "quanto vai custar este projeto a Portugal quando o anterior tinha todo o financiamento previsto e garantido, quem vai pagar, que aumento terão na fatura de energia os portugueses com este novo projeto" e "quanto tempo vai demorar". Prometendo que o PSD usará de "todas as diligências ao seu alcance na Assembleia da República e junto das instituições europeias", Rangel exigiu também uma avaliação técnica independente das novas soluções acordadas para as interconexões ibéricas — um acordo "sem prazo e sem preço que não serve o interesse nacional nem o interesse europeu".

Na última quinta-feira, o antigo ministro do Ambiente e Energia do PSD Jorge Moreira da Silva já tinha classificado o acordo como "um embaraço". "Espanha e França deixaram de ter de construir as duas interligações elétricas nos Pirenéus, ficando os consumidores portugueses impedidos de aceder aos benefícios do mercado europeu e os consumidores europeus impedidos de beneficiar da eletri-

IL quer PR "exigente consigo próprio"

O presidente da Iniciativa Liberal, João Cotrim Figueiredo, defendeu ontem que o Presidente da República deve ser o primeiro "a ser exigente consigo próprio", impondo ao Governo o uso dos poderes "com muito mais rigor".

Em declarações à agência Lusa à margem da iniciativa "Rotas Liberais", que decorreu em Cascais, João Cotrim Figueiredo considerou que, no caso das alegadas incompatibilidades de membros do Governo, Marcelo Rebelo de Sousa não devia ter pedido ao parlamento uma alteração da lei "à pressa, como se estivesse a querer exonerar os visados com alterações à lei para a tornar mais agradável a essas pessoas, nem devia ter exigido que isso fosse feito numa altura em que há demasiados casos na praça pública".

"Acho que já são demasiadas as circunstâncias em que o Presidente da República tinha tido a oportunidade de fazer aquilo que disse no seu discurso do 5 de Outubro, que era sermos exigentes com os poderes públicos. Acho que o primeiro a ter que ser exigente consigo próprio é o detentor do mais alto cargo da nação, exigindo que a utilização dos poderes do Governo fosse feita com muito mais rigor e utilidade para a vida concreta das pessoas", criticou Cotrim Figueiredo, defendendo que foi a tentar "resolver casos atrás de casos em cima do joelho que se chegou a essa situação de uma lei que ninguém entende". Para o líder da IL, o pedido de Marcelo Rebelo de Sousa para o parlamento revisitar "à pressa" a lei das incompatibilidades "não faz sentido e faz referência a legislação que está revogada", pelo que foi tudo "um pouco atabalhoado".

Cotrim Figueiredo referiu-se também ao acordo entre Portugal, Espanha e França para acelerar as interconexões ibéricas, deixando dúvidas quanto ao fi-



Opinião
Sebastião Bugalho

Nós também atravessaremos o Canal

Do outro lado do Canal da Mancha, não é apenas o Partido Conservador que está a implodir ou o governo da sra. Truss que está de saída, 44 dias depois de ter chegado. Se olharmos com atenção, o que se passa no Reino Unido corresponde à última página da vida do sistema político britânico como o conhecemos desde o início do século anterior. Venha o sr. Sunak ou regresse o sr. Johnson, as sondagens não mentem: 12 anos depois, Inglaterra quer ser novamente governada pelo Partido Trabalhista. A essa certeza junta-se a probabilidade de antecipar as eleições — agendadas para janeiro de 2025, mas inevitáveis após a soma de descalabros *tory* —, que o eventual *comeback* de Boris só reforçará.

O ex-primeiro-ministro, alvo de um inquérito parlamentar em curso por ter mentido à Câmara dos Comuns, passou o dia de ontem a recolher apoios e agarrar que já tem as 100 assinaturas de deputados necessárias para ser candidato à liderança e voltar a Downing Street. Curiosamente, não as mostra, o que levanta duas hipóteses: ou não as tem (o que dada a sua recente saída e tendência para a inverdade, não surpreenderia) ou tem mas não as mostra, porque muitos dos MP's que pedem o seu regresso são os mesmos que pediram a sua saída há quatro meses. Os 12 longos anos de poder conservador na Grã-Bretanha fazem com que os *tories* não consigam fazer política — nem política, já agora — sem cair na deslealdade a figuras (que apoiaram e desapoiam) e a ideias (que defenderam e contrariaram). Isso sente-se, diariamente, da contagem de apoios às sucessões de Truss até às votações deleis do Ambiente. É um partido exaustivo: de governar e de si próprio.

Além da incoerência a que a crise tem forçado todos os que governam (vejam o contraste entre o PS que fez campanha em janeiro e PS que apresentou o seu Orçamento em outubro), os Conservadores sofrem a incoerência de quem governa há demasiado tempo, com linhas ideológicas muitas vezes antagónicas. A fra-

interno, faz de Keir Starmer, hoje líder da oposição, o próximo primeiro-ministro do Reino Unido. Mas será muito mais do que isso — e esse é o ponto deste texto.

Com a obliteração política dos conservadores, a futura supremacia parlamentar *labour* permitirá a Starmer implementar reformas constitucionais que alterarão profundamente a estrutura do sistema político britânico. No congresso de setembro, os trabalhistas aprovaram uma proposta de reforma do sistema eleitoral para uma representação mais proporcional, menos maioritária. Gordon Brown, ex-primeiro-ministro, está a coordenar o *paper* do partido para uma revisão constitucional que inclui uma assembleia das várias nações e regiões do Reino Unido e que pondera abolir a Câmara dos Lordes.

O importante no insucesso de Liz Truss não é tanto o que o provocou — uma escandalosa incompetência —, mas o que ele provocará. Três bandeiras tradicionalmente propriedade dos conservadores (o unionismo, a boa gestão económica e o reformismo) estão, neste momento, na mão dos trabalhistas. E o futuro do Reino Unido também.

Mais interessante do que paralelismos simplistas entre a sra. Truss e os nossos liberais, é isso que nos deveria fazer pensar por cá. Que metamorfoses nas propostas dos vários partidos suscitará esta crise? Qual o papel dos que antes defendiam a redução do Estado num tempo em que ele está a ser empoderado um pouco por todas as sociedades livres? Que ideias têm os que confirmam a urgência de reforçar os serviços públicos, além de aumentar um esforço fiscal já gigantesco? No que resultará essa modificação de pensamento nos equilíbrios do nosso sistema partidário?

Seria um erro julgar que a realidade política seguirá imune a uma mutação tão significativa. Quando os problemas e as soluções se transformam, os seus protagonistas também mudam.

E nós também atravessaremos esse Canal.

Falta saber com quem.



Opinião
Joana
Amaral Dias

O atum comeu o mexilhão

Qual a relação entre a lata de atum portuguesa que, há uns meses, inopinadamente apareceu na ração de sobrevivência dos soldados da Rússia (fazia parte de um lote doado à Ucrânia) e as latas de atum com alarmes nas prateleiras dos nossos supermercados? É uma relação causal. No final do século XX, ficou famosa a fórmula – o bater de asas de uma borboleta pode provocar um tremor de terra do outro lado do mundo. Agora, no início do século XXI, pode ficar célebre o dito “como um enlatado europeu oferecido a Kiev provocou a maior onda de fome e miséria em todo o velho continente”. Isso significa que são os nossos apoios ao povo ucraniano que estão a provocar esta inflação canibal?

Vejamos: a mariposa e a catástrofe natural da teoria do caos também são simbólicos – não concretos. Vamos por partes. A gestão da covid rebentou a economia e originou a maior transferência de riqueza da história da humanidade (os mais ricos mais ricos do que nunca e os pobres mais pobres) – desde logo porque era necessário repor as perdas da crise do subprime de 2008. Com o coronavírus, fecharam-se negócios, faliram-se pequenas e médias empresas, fer-

mentou-se o desemprego. Nessa altura, quem ousasse constatar o óbvio e que o maior indicador de saúde pública é o PIB, logo era insultado e difamado, de perigoso negacionista para baixo. A economia logo se vê, bradava o poder, e foi então que a inflação começou a carcomer. Durante 2020 e 2021, as impressoras ocidentais regurgitaram novas notas a granel, o balanço do banco central europeu cresceu 4 biliões e, aí sim, começou o galope inflacionista. Ou seja – ele é, em primeiro lugar, resultado directo da sociopatia das cúpulas. Entre o final de 2019 e Fevereiro de 2022, algumas matérias-primas chegaram a subir mais de 200% (eg madeira). O gás natural aumentou 101%, o petróleo disparou 57%, alguns cereais mais de 100%, por exemplo. Com a guerra, as sanções a castigarem duramente os europeus, o euro-patrocínio do conflito (quer pagando caro à Rússia petróleo e gás, quer bancando a Ucrânia sem filtros), tudo piorou e somos nós, portugueses e alemães, espanhóis e franceses, que pagaremos a factura desta loucura por procuração e sem fim à vista. Agora, os preços batem no tecto – oito mil milhões de euros foi quanto já deixámos no supermercado até setembro deste ano, um aumento de 7,7% face ao mesmo período de 2021. Isto já para não falar dos custos da energia. Enfim, a gestão da covid, somada às sanções suicidas, multiplicada pelos apoios à Ucrânia (muitos vão parar à corrupção, outros – como armas – acabam em Moscovo), está a arrasar-nos. Por isso se pode dizer que uma lata de atum doada ao exército ucraniano que acabou no estômago dos combatentes russos provocou não um tremor de terra do outro lado do mundo mas fome e atum em lata lacrado em Portugal ou na Polónia. Pelo meio, os governos fecham os olhos aos lucros obscenos das grandes companhias (supermercados incluídos e sem que salários cresçam), insistem nesta estratégia de *drone kamikaze* e cumprem o sonho da Dra. Jonet (proteína só em dias de festa). Vá. Sosseguem. Os 125 euros permitem comer duas latas de *Thunnus thynnus* até Dezembro. Depois, logo se vê, não é?

“

Durante 2020 e 2021, as impressoras ocidentais regurgitaram novas notas a granel, o balanço do banco central europeu cresceu 4 biliões e, aí sim, começou o galope inflacionista. Ou seja – ele é, em primeiro



Opinião
José
Mendes

The show must go on

Corre no Reino Unido uma anedota que espelha bem a fineza do humor britânico: a primeira-ministra Liz Truss foi a única, em 70 anos, que atravessou no cargo dois monarcas. Todo um recorde, só ofuscado por outro igualmente expressivo: esteve no cargo 45 dias. Tempo suficiente para que o projeto neoliberal da sua liderança se afundasse e, de caminho, submergisse ainda mais um pouco o país.

Truss foi sempre um camaleão. Na sua carreira política, o número de vezes em que mudou de ideologia, de ideias e de posições seria suficiente para criar desconfiança. Na sua versão mais recente, procurava ser a nova “dama de ferro”, adotando uma postura liberal, eurocética e até nacionalista. O seu projeto económico “kamikaze” era uma espécie de terra prometida, o sonho dos neoliberais, onde pontificava esta ideia de que era possível cortar nos impostos, mesmo nos escalões mais altos, e manter em simultâneo um Estado a funcionar de forma eficaz. Como se esperava, não resistiu ao choque de realidade, caindo às mãos das regras que, concorde-se ou não, regulam a economia global. A este propósito, foi divertido observar a azáfama dos “spindoctors” do espaço liberal português, desiludidos por verem as ideias que eles próprios defendem caírem desamparadas, a afastarem-se de Liz e, num exercício anedótico, a colá-la a primeiros-ministros socialistas, como José Sócrates e António Costa.

“

A origem do naufrágio britânico jaz lá atrás, naquela que foi a mais desastrosa decisão tomada pelo Reino Unido nos últimos cem anos. Falo do Brexit, a

Esta é a espuma do tema. Porém, a origem do naufrágio britânico jaz lá atrás, naquela que foi a mais desastrosa decisão tomada pelo Reino Unido nos últimos cem anos. Falo do Brexit, a saída da União Europeia referendada em 2016. Os políticos britânicos venderam aos eleitores uma narrativa descolada da realidade geopolítica do século XXI, apelando ao mais básico egoísmo. A ideia da autossuficiência e do regresso exclusivo à aliança estratégica com os Estados Unidos resultou numa deriva a que agora se assiste.

Entre o dia 29 de março de 2017, data em que o governo britânico ativou o artigo 50º do Tratado de Lisboa, desencadeando a contagem decrescente para o processo de saída da União, até ao dia 1 de Janeiro de 2021, data em que o divórcio se consumou, decorreu um longo período de decisão e transição e, também, uma pandemia. Ou seja, não foi possível avaliar com clareza se as dificuldades vividas resultavam do Brexit ou da situação pandémica.

Com o fim da crise da Covid-19, o Reino Unido entrou naquele que deveria ser o seu funcionamento normalizado. O que se tem observado é, no mínimo, mau, ainda por cima num contexto de guerra na Europa que testa a resiliência das nações. O país não cresce, a inflação é enorme, o investimento direto estrangeiro caiu a pique e acumulam-se os problemas no funcionamento dos serviços básicos, como a saúde. As empresas, sobretudo as mais pequenas, enfrentam dificuldades nas exportações e na captação de talento, pois a burocracia é agora paralisadora, quando no mercado único da União tudo era mais célere. Em suma, o futuro risonho idealizado pelos eurocéticos simplesmente não existe.

Aquilo que o Reino Unido deveria estar a discutir, por estes dias, era o impacto do Brexit e os riscos do futuro a solo. Ao invés, alguns dos políticos conservadores estão apenas apostados em manter o circo a rolar, ponderando até o regresso do caótico Boris Johnson. Se há coisa que não se dispensa num circo tradicional é o velho e



Opinião Claire Rochecouste

Austrália-Portugal: Uma parceria contemporânea

Inciei em 2019 a minha missão diplomática como Embaixadora da Austrália em Portugal. Percebi de imediato a singularidade do povo português e como esta nossa relação é muito humana. O Governador-Geral, Peter Cosgrove, tinha visitado há pouco tempo o país – onde foi recebido e agraciado com a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade pelo Presidente da República Portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa. O sentimento generalizado era de grande otimismo no reforço das parcerias com Portugal. Hoje em dia, o próprio primeiro-ministro, Anthony Albanese, assume um carinho especial por este país e pela comunidade portuguesa residente na Austrália e recorda com satisfação a sua visita a Lisboa em 2019 (enquanto líder da oposição trabalhista).

Ao longo da minha missão em Portugal tenho procurado fortalecer as conexões – apesar das adversidades geradas pela pandemia da COVID-19. Em 2020, as fronteiras internacionais estavam interditas e um navio de cruzeiro com passageiros australianos a bordo pretendia atracar no país. A incansável ajuda das autoridades portuguesas determinou o desembarque dos 330 passageiros australianos em segurança. Em 2021, o fornecimento de vacinas de reforço da Moderna por parte de Portugal à Austrália resultou numa enorme gratidão do meu governo perante um ato tão nobre das autoridades portuguesas. Em 2022, Portugal reconheceu os certificados de vacinas emitidos pela Austrália – o que permitiu a australianos vacinados voltar a viajar para Portugal. Os jovens portugueses estão também a regressar à Austrália através do nosso famoso programa de vistos de trabalho e férias.

Este quadro tem consolidado as nossas relações nos demais domínios de atividade, transcendendo barreiras físicas. É com enorme satisfação que tenho testemunhado esta riqueza conectiva, de Lisboa a Cambera.

A capacidade de resiliência da nossa parceria prossegue nas esferas multilaterais. Os discursos proferidos pela Ministra dos Negócios Estrangeiros, Penny Wong, e pelo Primeiro-ministro português, António Costa, na Assembleia-Geral das Nações Unidas assemelham-se perfeitamente. A guerra na

violação grosseira do direito internacional merece uma resposta firme e assertiva de todos os membros das Nações Unidas, tal como nós fizemos ao impor duras sanções contra a Rússia; ao disponibilizar 388 milhões de dólares australianos em assistência militar; e em providenciar ajuda humanitária com vistos a mais de 8 500 refugiados ucranianos. Focados na cooperação internacional por esta causa maior, a nossa diplomacia também procura assegurar a sustentabilidade do planeta. A Austrália aprovou legislação amiga do ambiente, em linha com o Acordo de Paris. Estamos empenhados em reduzir as emissões carbónicas em 43% até 2030 (em relação a 2005) e atingir a neutralidade zero em 2050. A mensagem da Ministra do Ambiente, Tanya Plibersek, na Conferência dos Oceanos das Nações Unidas, realizada este ano em Lisboa, reforça o compromisso do nosso país a esse propósito.

As negociações comerciais por um acordo de comércio-livre com a União Europeia (UE) são também uma prioridade para nós. A última ronda negocial (a 13ª) realizou-se esta semana em Bruxelas. O otimismo parece imperar em ambas as equipas e um acordo final pode estar para breve. É essencial impulsionar o comércio, intensificar os investimentos, criar novos postos de trabalhos, promover políticas amigas do ambiente e garantir uma agenda de comércio internacional justa e equilibrada. Portugal tem desempenhado um papel vital nesta matéria. Ao longo da Presidência Portuguesa da União Europeia, em 2021, observei o trabalho eficaz da diplomacia portuguesa junto dos seus parceiros por maiores interligações comerciais e de investimento – incluindo com a Austrália.

Um acordo de comércio-livre com a UE significaria um reforço das relações económicas com Portugal – ainda modestas, mas saudáveis. Há um número crescente de empresas australianas a investir em Portugal, nomeadamente em energias verdes. Estas entidades têm um vasto conhecimento técnico das suas áreas de atuação e apresentam fortes credenciais para operarem com confiança em Portugal. Fico satisfeita por saber que nos últimos quatro anos (2017-21) houve um crescimento médio anual

sejável – incluindo para mim, que vou ter saudades da qualidade e variedade oferecida pela vinicultura portuguesa. O acordo de dupla tributação entre a Austrália e Portugal, ainda em negociação, também terá ele mesmo um efeito impulsionador nas nossas relações económicas, financeiras e fiscais. Esperamos por uma resolução final num curto prazo.

A diversidade das nossas parcerias estende-se a Timor-Leste. Sendo um ponto especial de diálogo com Portugal, tive a honra de providenciar a primeira reunião formal entre o Chefe do Estado-Maior-General das

Forças Armadas português, Almirante António Silva Ribeiro, e o seu homólogo australiano, General Angus Campbell. A acreditação do Coronel Paul Pembroke como Adido de Defesa para Portugal, a partir de Timor-Leste, representa da mesma forma uma parceria importante para a promoção da defesa e segurança global.

Temos participado e apoiado programas culturais muito interessantes, desde filmes australianos no DocLisboa e IndieLisboa, a peças no Teatro Dona Maria II e exposições no Centro Cultural de Cabo Verde. Músicos australianos como Courtney Barnett, Nick Cave e Chet Faker continuam em destaque em festivais de música em Portugal. Este mês, a comediantes Hannah Gadsby atuou no Tivoli BBVA para uma sala esgotada. O cantor australiano Ngulmiya deslocou-se igualmente a Portugal para cantar no Tivoli BBVA no âmbito da edição de 2022 do Festival Womex (recomendo a leitura da sua interessante entrevista ao *Diário de Notícias*, “Canções do outro lado do mundo”).

Dito isto, a minha missão em Portugal está prestes a chegar ao fim. Tem sido a honra da minha vida representar o povo australiano neste país. Faço votos de que a nossa parceria contemporânea continue saudável no futuro. Portugal apresentou a sua candidatura a Membro Não-Permanente do Conselho de Segurança da ONU para o biénio 2027-28, enquanto a Austrália formalizou a sua respetiva candidatura para o biénio 2029-30. É meu desejo ver Austrália e Portugal a trabalharem de forma coordenada em mandatos consecutivos neste tão relevante órgão de decisões.

Gostaria de agradecer às entidades governativas e cívicas portuguesas pela amizade compartilhada ao longo dos últimos três anos, nomeadamente aos colegas do Ministério dos Negócios Estrangeiros pela sua contínua amizade. E, ao Embaixador António Pedro da Vinha Rodrigues da Silva, um agradecimento especial pela sua ajuda desde Cambera.

A título pessoal: vim sozinha para Portugal e regresso casada à Austrália. Só posso estar grata a este país por tudo o que me proporcionou: novas amizades, um casamento memorável e uma companheira para a vida!

“

A minha missão em Portugal está prestes a chegar ao fim. Tem sido a honra da minha vida representar o povo australiano neste país. Faço votos de que a nossa parceria



Na área de Lisboa e Vale do Tejo há quase um milhão de utentes sem médico de família.

Médicos de família satisfeitos com orçamento e vagas para internos, mas só isto não chega

SNS Os cuidados primários vêm referidos no OE 2023 como uma prioridade para a Saúde. E o ministro já anunciou que no próximo ano serão lançadas mais vagas para internos, sendo 200 só para Lisboa e Vale do Tejo, a região mais carenciada. O presidente da Associação Portuguesa de Medicina Geral e Familiar diz que isto é positivo, mas são precisas medidas condizentes com o que se diz, porque continua a haver unidades sem papel, termómetros ou mediação básica.

TEXTO ANA MAFALDA INÁCIO

Há pouco tempo foi denunciado que médicos de família estavam a levar papel de casa para imprimir receitas, mas as falhas de material nos cuidados primários não se ficam por aqui. Há unidades em que faltam resmas de papel, mas há outras sem tinteiros, termómetros, oxímetros, material para medicação básica para consultas de doença aguda, para saúde infantil, material para pensos ou até papel para Marquesas, ou outras ainda onde há duas balan-

ças e até com elevadores parados durante meses ou anos.

Quem o diz ao DN é o presidente da Associação Portuguesa de Medicina Geral e Familiar (APMGF), Nuno Jacinto, classificando todas estas situações como "pequenas grandes coisas que afetam o nosso trabalho e o degradam, coisas que desagradam aos doentes e que dão uma imagem de desleixo, quando são importantes para se dar cuidados de qualidade". Por isto mesmo defende: "Não podemos continuar a funcionar assim. Este tipo de ma-

• **"É preciso uma aposta clara nos profissionais, sobretudo nos que já estão no SNS, para que não saiam, e nos mais novos, para que sintam que há sinais**

sionais e utentes, ficar à espera de que seja lançado concurso para a aquisição de material". E o problema, argumenta ainda, é que depois "dizem-nos para reportarmos as falhas, e as unidades reportam. Começam por fazê-lo ao ACES (Agrupamentos de Centros de Saúde), estes reportam às ARS, que ainda têm de reportar acima. A culpa nunca é de ninguém e o procedimento é sempre o mesmo".

Uma coisa é o discurso, outra o que é feito

e para esta equipa governativa, mas "o problema é que andamos a ouvir isto há muito tempo".

Aliás, a prática corrente tem sido "a discrepância entre o que é dito e o que é feito". Ou seja, os cuidados primários são sempre uma prioridade do sistema, até porque são a porta de acesso para qualquer utente, mas o que se verifica é que "não se tomam medidas que alterem, de facto, o funcionamento das unidades e que mudem os modelos remuneratórios. As vagas têm sido lançadas de forma completamente arbitrária ao que ditam as necessidades", mas, desta vez, assume, "temos esperança que, de uma vez por todas, o discurso se traduza na prática e que haja medidas condizentes".

O ministro da Saúde, Manuel Pizarro, já reconheceu que os problemas do Serviço Nacional de Saúde (SNS) levarão tempo a resolver, mas anunciou que a sua equipa já está a trabalhar num plano para cada uma das três regiões do país com maiores dificuldades no número de médicos de família para responder ao número de utentes inscritos, nomeadamente Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve. "Nos próximos anos, o balanço entre os médicos de família que atingem a idade de reforma e os novos médicos especialistas formados ainda é um balanço com dificuldades", mas "estamos a trabalhar ativamente num plano para cada uma destas três regiões", disse, embora nada mais tenha especificado.

Ao mesmo tempo, divulgou que a par das "medidas estruturais" necessárias, serão lançadas 560 vagas para o internato da especialidade a nível nacional para 2023, sendo 200 vagas só para a região de Lisboa e Vale do Tejo (LVT), que é a mais carenciada. Neste momento, e segundo dados do Portal da Transparência, atualizados até setembro, existem quase um milhão e 300 mil portugueses sem médico de família, mais precisamente 1 298 078. Na região de LVT há quase um milhão, 923 325, no Algarve 86 140 e no Alentejo 64 496.

Para os médicos de família, "só as 560 vagas para o internato a nível nacional já é muito bom, ainda mais porque 40% vão para a região mais carenciada, o que significa que, finalmente, estamos a formar profissionais nas regiões em que fazem mais falta. Mas o importante é sabermos o que vai ser feito para conseguirmos reter estes profissionais no SNS quando concluírem o internato? Isto é o que não tem sido possível nos últimos anos". O presidente da APMGF diz mesmo que, desta vez, tem de haver "uma aposta clara nos profissionais, sobretudo naqueles que já

RETRATO

As discrepâncias entre as cinco regiões do país são explícitas quando se consulta o Portal da Transparência. Os dados aqui divulgados estão atualizados ao mês de setembro e mostram que a região de LVT é de longe a que regista maior carência de profissionais.

8233

Médicos de Medicina Geral e Familiar inscritos na Ordem. Destes, 3285 têm mais de 65 anos e estão em condições de ir para a reforma ou já estão nesta situação. Ou seja, sobram 4948, mas destes 1920 têm entre 50 e 65 anos, 1249 entre 60 e 65 e 671 entre 50 e 60 anos. O que dá 3028 médicos nas faixas etárias mais novas, nem todos trabalham no SNS.

ARS Lisboa e Vale do Tejo

Tem 3 899 314 utentes inscritos nos cuidados primários. Destes, 2 959 533 têm médico de família e 923 325 não têm. Os ACES que têm mais dificuldades dividem-se entre Sintra, Loures, Estuário do Tejo e Lisboa Central. O de Sintra tem 120 474 utentes sem médico, o de Loures/Odivelas 93 525, o do Estuário do Tejo 82 924, o do Arco Ribeirinho 77 174 e o do Lisboa Central 68 687.

ARS Norte

Tem 3 779 909 utentes inscritos. Destes, 3 703 299 têm médico e 73 917 não têm.

ARS Centro

Tem 1 828 938 utentes inscritos. Destes, 1 670 844 têm médico de família e 150 200 não têm.

ARS Alentejo

Tem 511 973 utentes inscritos. Destes, 444 411 têm médico de família e 64 496 não têm.

ARS Algarve

Tem 530 981 utentes inscritos. Destes, 443 198 têm médico e 86 140 não têm

saber o que integra "o plano que está a ser preparado".

É preciso "aposta clara" nos profissionais e nas unidades

Uma coisa é certa, "é preciso começar a trabalhar nas carreiras médicas para que quando estes internos acabarem a especialidade tenham uma carreira atrativa à sua

autonomia aos ACES, às próprias unidades em termos de funcionamento e de organização. É preciso haver mais flexibilidade de horários, que é algo que não existe e tem afastado muitos colegas, e é preciso mexer nos modelos remuneratórios nas unidades de cuidados primários. Não é possível manter-se a discrepância que temos hoje nas remunerações entre Unidades de Saúde de Cuidados Personalizados (USCP) e Unidades de Saúde Familiar (USF) de modelo A e B", sendo que são estas últimas que reúnem as melhores condições. Como refere o presidente da APMGE, há muito que uma solução para esta discrepância remuneratória vem a ser reivindicada pela própria classe e até referida por muitos outros especialistas da área da Saúde. Nuno Jacinto diz tratar-se de uma questão premente para o bom funcionamento dos cuidados primários, mas, alerta, "a uniformização não pode ser nivelada por baixo, tem de ser por cima, senão vamos continuar a afastar muitos do sistema, incluindo quem já lá está".

O médico recorda também que quem faz as unidades de cuidados primários não são só os clínicos. "Precisamos de enfermeiros, de secretários, de psicólogos e de outros profissionais para melhorar os cuidados. É claro que nos podem dizer que este percurso é difícil e que não muda de um dia para o outro. É óbvio, mas esperamos que o plano que está a ser delineado inclua todos estes pontos para que haja de facto uma tentativa de mudança. É preciso dar sinais aos colegas de que há esperança e uma hipótese de ficarem no sistema". À questão se ainda faz sentido existirem USCP (que funcionam como os antigos centros de saúde, sem incentivos pelos atos praticados), Nuno Jacinto considera que mais do que se estara discutir siglas deveria arranjar-se "formas de se adaptar os modelos que existem ao contexto, quer sejam USCP, USF-A ou USF-B, com uniformização remuneratória e modos de funcionar mais atrativos para os profissionais e utentes", reforçando: "Não se pode é continuar com esta realidade tão dispar".

O OE 2023 inclui uma verba de quase 15 mil milhões de euros para a Saúde, tendo o governo estimado para a área de cuidados primários um investimento da ordem dos 260 milhões de euros. O objetivo "é melhorar o acesso aos cuidados primários e continuar a reforma do SNS, alargando as respostas dos cuidados de saúde primários, hospitalares, continuados e paliativos, universalizando a utilização das novas tecnologias, promovendo a reorganização interna dos serviços e reformulando

BREVES

Fenprof vai manifestar-se em frente à AR

A Federação Nacional dos Professores (Fenprof) convocou uma concentração em frente ao parlamento para 2 de novembro, dia de greve nacional de professores e educadores. Na reunião do Conselho Nacional da Fenprof, o sindicato decidiu promover "uma concentração de dirigentes, delegados e ativistas sindicais em frente à AR [Assembleia da República, juntamente com outras organizações que também participem". Segundo a resolução aprovada, a Fenprof ratificou a greve nacional de professores e educadores prevista para esse mesmo dia 2, em convergência com outras organizações sindicais. Esse é o dia em que o ministro da Educação, João Costa, estará no parlamento numa audição no âmbito da proposta do Orçamento do Estado para 2023.

Incêndios: GNR deteve 72 pessoas

A GNR deteve este ano 72 pessoas pelo crime de incêndio florestal, o maior número dos últimos cinco anos, sendo os distritos de Viseu e Vila Real onde foram feitas mais detenções. Dados da Guarda Nacional Republicana enviados à agência Lusa indicam que este ano foram detidas mais 20 pessoas do que em 2021, quando foram feitas 52 detenções pelo crime de incêndio florestal. Segundo a GNR, em 2017 foram detidas 65 pessoas, número que diminuiu para 63 no ano seguinte, para 58 em 2019 e em 2020 e 2021 foram 51 em cada ano. A maioria das 72 detenções feitas até 19 de outubro deste ano aconteceu nos distritos de Viseu (13), Vila Real (11), Guarda (8), Porto (7) e Braga (6). Foram



Opinião
Daniel Deusdado

Classe média e Amazônia: o Brasil a perder tudo

Por mais que seja um maravilhoso país, o Brasil é também um aperto no coração. A série da Netflix *Irmandade* é reflexo disso na reconstituição da arbitrariedade policial, da luta social entre pobres e o poder, na insegurança quotidiana de quem vive nos gigantescos subúrbios. Tendo por base a história verídica do grupo que controlou as prisões e se revoltou contra a violência dentro delas na década de 90, *Irmandade* tem a interpretação sempre gigante de Seu Jorge e mantém-se atual face ao momento em que o país se vê obrigado a escolher entre Lula e Bolsonaro. Exatamente estes dois porque é um país onde a classe média progressivamente se dissolve e os seus candidatos não têm qualquer expressão.

É este Brasil da *Irmandade* que está no centro dos problemas da política e da sociedade brasileira. Nenhum deles pode deixar de estar ligado (por ação ou omissão) a um país onde o 'fora do sistema' é o sistema. Qualquer um deles, nas suas equipas, terá a corrupção presente, contaminando-os. A violência é a outra face da moeda: convertendo à corrupção por medo, ou gerando mortes sistemáticas de quem não alinha no sistema.

A vitória de Lula parece ser a única capaz de reverter a crescente desigualdade no país. Mas não é certo que os brasileiros prefiram política social de esquerda *versus* um Bolsonaro onde a repressão, com aparência de segurança, não resolve nada mas parece sossegar. As vitórias do Presidente, no Rio de Janeiro e em São Paulo, provam o desespero em conseguir-se viver no meio da desordem.

As estatísticas, por outro lado, mostram que, com Lula o Brasil chegou pela primeira vez ao 38.º lugar no ranking da competitividade mundial em 2010, tendo descido entretanto para 59.º. O

Bolsonaro acentua no Brasil um feudalismo (sem terra) onde as classes são estanques. Isso é altamente apelativo para muito eleitorado, que quer compreender o seu papel no mundo – mesmo que ele seja o de estar limitado a um jugo inamovível. A teoria mil vezes repetida dos "evangélicos" no apoio a Bolsonaro ignora, além disso, o problema base: o medo. Essa é a verdadeira razão para quase metade dos brasileiros votarem num candidato que quer fazer recuar o Brasil ao tempo da ditadura militar.

Infelizmente, todos estamos com o pescoço metido nesta eleição à medida que a Amazônia desaparece. Os estudos mais recentes mostram que ao atingir 25% de desflorestação, o sistema natural da região reverte o seu processo atual, húmido e denso, para um cariz de savana seca e degradada. Calcula-se que 15% da Amazônia esteja já perdida – por exemplo, 22 de Agosto de 2022 foi o dia com mais fogos desde sempre, muitos deles criminosos para desmatação. Ora, com Bolsonaro, a humanidade dá mais um passo em direção ao apocalipse. E por mais que Bolsonaro (ou o Congresso, por silêndero) faça por ignorar as consequências, o Brasil também não escapará a uma brutal degradação ambiental se a Amazônia colapsar. Pelo contrário, será um dos que mais sofrerá a mudança radical da vida tal qual hoje a conhece.

Os brasileiros precisam de esperança, mas também de apoio global para manterem a Amazônia. Serem liderados por um Presidente que reconheça a necessidade da sua preservação é o mínimo que a comunidade internacional precisa para voltar a apoiar o país. Seria dramático vermos outra vez W.Bush/Al Gore ou Trump/Clinton: eleições com vitórias dos que aceleram o processo de destruição coletiva



Champanhe, uma dose de paixão, outra de Ciência

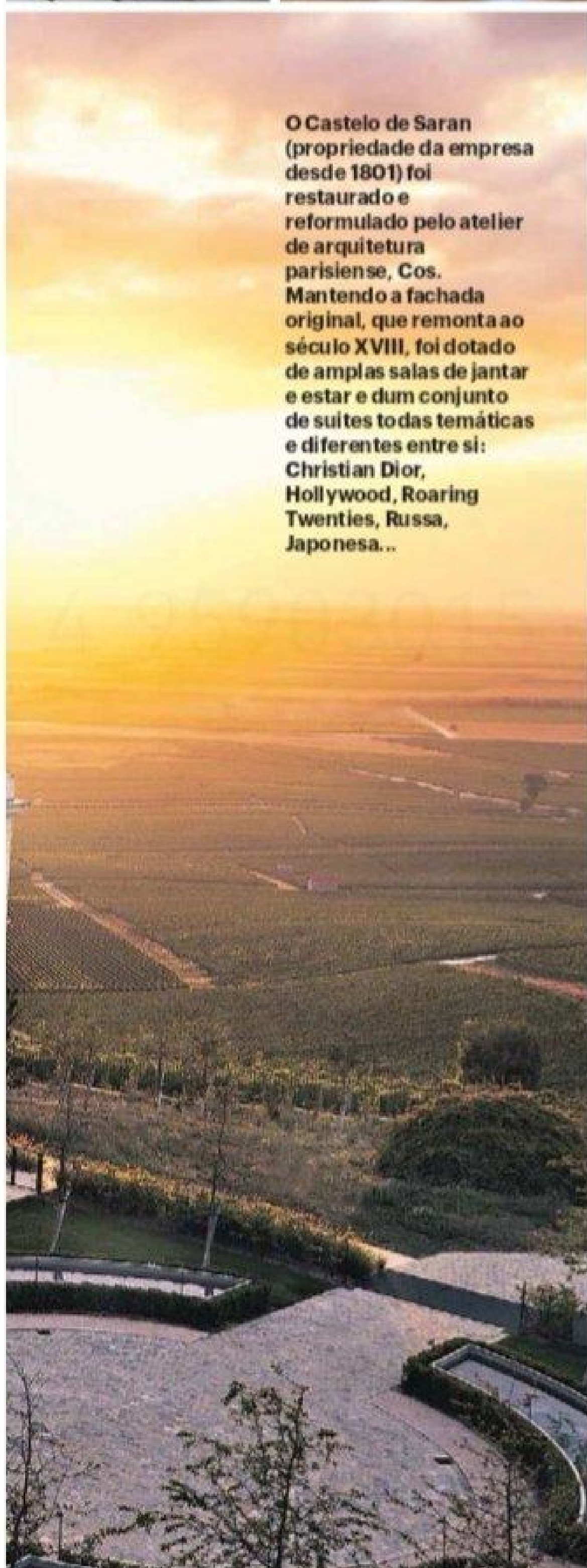
LIFESTYLE São quase 280 anos de uma História em que participaram favoritas reais, imperadores e empresários de visão. Mas nem por isso, a Moët & Chandon deixa de brindar ao futuro.

TEXTO MARIA JOÃO MARTINS, EM ÉPERNAY





O Castelo de Saran (propriedade da empresa desde 1801) foi restaurado e reformulado pelo atelier de arquitetura parisiense, Cos. Mantendo a fachada original, que remonta ao século XVIII, foi dotado de amplas salas de jantar e estar e dum conjunto de suites todas temáticas e diferentes entre si: Christian Dior, Hollywood, Roaring Twenties, Russa, Japonesa...



Em meados do século XVIII, quando a corte de Luís XV de França ditava modas a toda a Europa, coube à poderosa favorita do rei, Madame de Pompadour, decidir a sorte da nova bebida: "Le champagne é a única bebida alcoólica que torna as mulheres mais bonitas", terá proclamado. Sabendo-se que, para Madame La Favorite, a beleza era mais um instrumento de poder político do que uma concessão à vaidade, o champagne passou a circular pela Europa com uma popularidade até aí reservada apenas aos melhores vinhos.

Agradecido pela preferência, Claude Moët (súbdito francês de origem alemã), que em 1743 começou a distribuir em Paris os vinhos efervescentes da região de Champagne, aventurou-se na exportação quer para as cortes europeias, quer para as colónias americanas. Mesmo na Revolução Francesa, quando as cabeças rolavam como melões no Verão, o champagne continuou a correr. No período Império, Napoleão, cujo chapéu bicórnio se conta entre as relíquias expostas na sede da Moët & Chandon, em Épernay, brindou às suas vitórias com esta bebida, mas também o fizeram os seus vencedores reunidos à sombra de frondosa árvore, ainda hoje existente: Nada mais, nada menos do que o Imperador da Áustria e seu chanceler, Metternich, o czar da Rússia e o britânico Duque de Wellington. Num mundo em tudo tão diferente, a Moët & Chandon não só continua a existir como a aura glamourosa do seu champagne se mantém intacta, de tal modo que hoje a empresa faz parte da LVMH, o grupo económico mais importante do mundo em matéria de luxo. Ao lado da Dior, Givenchy, Louis Vuitton ou da Bulgari.

Fiel a este legado bicentenário, a marca não descansa, todavia, à sombra de tal reputação. Neste princípio de Outono, convocou jornalistas de diversas partes do mundo para apresentar as suas novidades: as ingeríveis e as que as sustentam. Entre elas, o Grand Vintage 2015, nas variedades branco e rosé. Benoît Gouez, mestre de adega da marca, explica: "Cada



um deles é único e irrepetível. Não é um sumário do ano mas é a minha interpretação dele. Eu seleciono os vinhos que compõem o blend final." 2015 marca ainda, segundo Gouez, um ponto de viragem: "Foi um Verão quente e muito luminoso, em que sentimos pela primeira vez, de forma palpável, o impacto das alterações climáticas. Foi nesse Verão que iniciámos um ciclo de colheitas cada vez mais prematuras. Este ano, por exemplo, começámos a fazê-las em meados de Agosto, quando tradicionalmente se começava no princípio de Setembro."

Este Grand Vintage branco tem uma composição de *pinot noir* (44%), Chardonnay (32%) e meunier (24%) e é recomendado para acompanhar peixe, carne e vegetais. O rosé, por sua vez, deve à sua cor vibrante a uma composição em que o *pinot noir* combina harmoniosamente com um toque de amora, groselha e o fígado que lhe foi acrescentado. Uma vez mais, pode ir à mesa e beneficia com a companhia de comida bem condimentada.

O jantar servido no Château Saran (também propriedade da Moët & Chandon), assinado pelo *chef* Yannick Alleno (detentor de 6 estrelas Michelin), serviu também para dar a conhecer o novo copo 870, fruto da parceria de Benoît Gouez e da Lehman, que é como quem diz filho do casamento da Enologia com o Design. Cada vez mais apostada em fazer do champagne uma bebida capaz de acompanhar com vantagem uma boa refeição (e não apenas algo

assim, criar uma alternativa às tradicionais flûtes. Depois de testar o comportamento do champagne em dezenas de protótipos de copos, com outras tantas formas e tipos de vidro (são tidos em conta parâmetros como o tamanho das bolhas, velocidade e trajetória do líquido), concluiu-se que o 870 da Lehman era o que garantia um melhor nível de efervescência. O que traduzido para números corresponde a 870 mil bolhas por copo, sensivelmente mais 40% do que nas flûtes.

Neste mundo, feito de paixão mas também de Ciência (de Efervescência, um neologismo assumido com graça pela Moët & Chandon), o champagne é o protagonista de todo um conceito de *lifestyle*. Nos últimos anos, o Castelo de Saran (propriedade da empresa desde 1801) foi restaurado e reformulado pelo atelier de arquitetura parisiense, Cos. Mantendo a fachada original, que remonta ao século XVIII, foi dotado de amplas salas de jantar e estar e dum conjunto de suites todas temáticas e diferentes entre si: Christian Dior, Hollywood, Roaring Twenties, Russa, Japonesa... Na Suite onde o DN ficou hospedado (a "Americana"), tudo evoca o ambiente tradicional da Louisiana (região dos Estados Unidos que chegou a pertencer à França e foi perdida para a Inglaterra na Guerra dos Sete Anos), da colcha patchwork à cadeira de balauço, sem esquecer a Declaração de Independência emoldurada na parede. A decoração de interiores esteve a cargo do historiador de arte e cenógrafo francês Yves de Marseille.

Este conceito de *lifestyle* faz-se acompanhar pela preocupação com a sustentabilidade na Agricultura. Com a maior propriedade da região de Champagne e (1190 hectares de vinha), a empresa está a desenvolver o programa Natura Nostra que procura promover a agroecologia. Depois de ter plantado vários milhares de árvores no vizinho Fort Chabrol (onde funcionou no princípio do século XX a primeira Escola Prática de Viticultura em toda a França), a aposta passa agora pela eco-pastorícia e pela polinização dos solos de modo a atrair enxames de abelhas. Com determinação e sem pressas porque, na região de Champagne, há muito que se conhecem os méritos da paciência. Aqui há um tempo para semear, outro para colher, outro para deixar o líquido amadurecer e ainda um outro para saber que o inimigo que saqueia as caves, um dia, de regresso à sua terra, será um bom cliente. Assim o dizia um dos proprietários, em pleno século XIX, quando os trabalhadores desesperavam com a extensão dos rombos nas adegas feitos pelos solda-

Com a maior propriedade da região de Champagne (1190 hectares de vinha) a empresa está a desenvolver o programa Natura Nostra que procura



Frente Comum, da CGTP, avança com paralisação nacional marcada para 18 de novembro.

Aumento de 104 euros para técnicos superiores sela acordo

FUNÇÃO PÚBLICA FESAP e STE, estruturas sindicais afetas à UGT, assinam pacto histórico com o governo esta segunda-feira. Frente Comum ficou fora do processo e mantém greve.

TEXTO SALOMÉ PINTO

O aumento de 104,22 euros para mais de 60 mil dos 76 mil técnicos superiores existentes, isto é cerca de 80%, já em janeiro de 2023 e não ao longo dos próximos dois anos, e a aceleração das progressões através da contagem dos pontos que sobram da última avaliação de desempenho foram determinantes para que a FESAP e o STE, ambos afetos à UGT, chegassem a um acordo para a valorização dos trabalhadores com o governo, segundo um comunicado que o Ministério da Presidência enviou ontem ao *DN/Dinheiro Vivo*. A Frente Comum, da CGTP, ficou de fora e mantém a greve nacional marcada para 18 de novembro, uma semana antes da votação final global da proposta de Orçamento do Estado para 2023 (OE2023).

Trata-se de um pacto histórico que não existia desde 1999 e serão primeiro de carácter plurianual, isto

é, para toda a legislatura, que termina em 2026. "Após um processo negocial intenso e exigente, é definido, pela primeira vez, um mecanismo de atualização salarial anual com um horizonte de quatro anos em articulação com o estabelecimento da revisão da Tabela Remuneratória Única, obedecendo a princípios de valorização das diferentes carreiras", lê-se na nota do Ministério da Presidência. A assinatura do acordo realiza-se amanhã, segunda-feira, às 15h, no Palácio da Foz, em Lisboa.

O objetivo é acomodar as medidas acordadas com os sindicatos no OE2023 durante a discussão na especialidade, no Parlamento. Recorde-se que o documento apresenta já um reforço da dotação orçamental para aumentos salariais e outras valorizações na Administração Pública ao prever 1320 milhões de euros para esta rubrica, ou seja, mais 20 milhões face aos

Subida salarial anual até 2026 de 52,11 euros para vencimentos brutos mensais até 2600 e de 2% para ordenados superiores, o que dá uma atualização entre 8% e 2%.

1300 milhões de euros que o governo inicialmente estimava gastar.

Nas últimas semanas, o Ministério da Presidência, que tutela a Administração Pública, teve reuniões suplementares com as estruturas sindicais e houve pontos de aproximação relativamente às reivindicações da FESAP e do STE que permitiram chegar a um entendimento. Para além da subida de 0,43 euros do valor isento de IRS do subsídio de refeição de 4,77 euros para 5,20 euros, em 2023, com efeitos retroativos a outubro deste ano, foram decisivas para a assinatura do acordo a valorização das carreiras de técnico superior e a reformulação da contagem de pontos no âmbito do Sistema Integrado de Gestão e Avaliação do Desempenho na Administração Pública (SIADAP).

Assim, e de acordo com o comunicado do Ministério da Presidência, todos os técnicos superiores

entre a terceira posição, com um salário de 1424,38 euros, e o décimo quarto e último nível da carreira, com um ordenado de 3404,80 euros, terão direito, no próximo ano, não apenas ao aumento transversal nominal de 52,11 euros mas também a um salto adicional de um nível na sua carreira, o que corresponde a mais 52,11 euros. Ou seja, em janeiro, vão receber mais 104,22 euros tal como os assistentes técnicos. "Esta medida corresponderá, em 2023, a um aumento médio de 5,6%", segundo o comunicado do Ministério de Mariana Vieira da Silva. Inicialmente, o governo propunha aplicar esta valorização de um salto de um nível na carreira de técnico superior ao longo dos próximos dois anos para as terceira e quarta posições e até 2026 para os patamares superiores.

No âmbito do SIADAP, o governo concretizou outra das medidas reivindicadas pela FESAP e pelo STE. Assim, os pontos para a progressão na carreira que sobram e que seriam anulados por efeito da subida na posição remuneratória passam a contar já com efeitos no ciclo avaliativo 2021/2022.

De igual modo, acelera-se a valorização da categoria de assistente operacional, com início em 2023, através de uma subida de um nível, o que corresponde a mais 52,11 euros para trabalhadores com mais de 15 anos de antiguidade e de um salto de duas posições, ou seja, mais 104,22 euros para quem tem mais de 30 anos de serviço. "Esta medida, conjugada com a valorização remuneratória, representa um aumento médio de 7,5% em 2023", segundo a tutela.

Há outros pontos que não sofreram mudanças como a subida do ordenado mínimo na Função Pública para 761,58 euros, mais 1,58 euros do que no privado, e os aumentos transversais anuais de 52,11 euros, até 2026, para vencimentos brutos mensais até 2600 euros ou de 2% para remunerações superiores, o que dá um acréscimo na folha salarial entre 8% e 2%, garantindo que, no mínimo, todos recebem mais 208 euros nos próximos quatro anos. FESAP e STE tinham propostas mais ambiciosas, até porque mais de três quintos (66,5%) dos 741 698 trabalhadores do Estado vão ter aumentos inferiores à inflação média anual estimada para este ano, de 7,4%, mas decidiram assinar o acordo tendo em conta a abertura do governo para reajustar a valorização da Função Pública nos próximos quatro anos. Este carácter plurianual está bem plasmado na comunicação enviada pelo Ministério da Presidência: "Nos próximos meses, o esforço negocial das partes vai ter continuidade na negociação das várias medidas previstas para 2023 e na fixação de calendários negociais para o horizonte da legislatura".

salome.pinto@dnheirivivo.pt

countdown to
web
summit
LISBON
2022

PAULO ROSADO FUNDADOR E CEO DA OUTSYSTEMS SOFTWARE COM UMA MISSÃO, DE PORTUGAL PARA O MUNDO

A OutSystems nasceu em Portugal em 2001 com o objetivo de acelerar a produção de software em empresas e organizações de todo o mundo. Com o aproximar de mais uma edição do Web Summit, vale a pena refletir sobre o alcance real do trabalho que temos feito no digital.

A nossa missão foi ambiciosa desde o primeiro dia e, hoje, as pessoas na OutSystems permitem a milhares de organizações criar as suas próprias soluções digitais em curtos espaços de tempo, de forma muito mais ágil e flexível. E quando pensamos no que resta às culturas organizacionais no mundo pós-pandemia, em que trabalhadores remotos estão dispersos em várias geografias e a distância dilui o sentido de pertença, a minha sugestão é precisamente um enfoque reforçado na missão. No caso da OutSystems, o que une as pessoas é esta vontade de resolver problemas de engenharia complexos, com impacto positivo no mundo. Foi o caso da iniciativa We Help Ukraine. Imediatamente após a invasão russa, profissionais de várias áreas da comunidade global OutSystems juntaram-se para desenvolver uma plataforma online que pôs refugiados em contacto com os voluntários que lhes disponibilizavam apoio – isto em menos de uma semana.

Tal só foi possível porque ao longo dos anos fizemos da OutSystems um verdadeiro centro de Research & Development, de Portugal para o mundo, com práticas de elite em várias áreas da engenharia. Por exemplo, na área da Cloud, temos projetos que exigem suporte para 1 bilhão de utilizadores em simultâneo (ou 1/7 da população mundial). Já na área de segurança, por termos várias instituições de defesa governamentais a utilizar OutSystems, tornámo-nos uma das poucas entidades portuguesas a fazer parte do FIRST (global Forum of Incident Response and Security Teams), organização única a nível mundial em termos de resposta a incidentes de segurança.

Podemos dizer que a OutSystems tem ajudado a pôr Portugal na vanguarda da engenharia, desde a segurança, à programação assistida por Inteligência Artificial, à inovação em User Experience ou ao desenvolvimento na Cloud. Somos uma empresa de inventores e



de engenheiros que querem levar o mundo para a frente. Isto é algo que também me traz uma enorme satisfação – contribuir para a sociedade portuguesa sendo um empregador de elite mundial sediado em Portugal, e que não vê o

nosso País como um centro remoto para contratação de pessoas “a metro”.

Criei a OutSystems porque queria estar num sítio onde se fizesse trabalho inovador, rodeado de pessoas excelentes que nos inspiram a dar o melhor de nós próprios. Na base da nossa cultura está um “pequeno livro de grandes regras” e entre elas encontra-se a regra “Excel” (praticar a excelência) – tudo aquilo que fazemos temos de fazer bem. É este impulso para fazer cada vez melhor que leva as melhores pessoas a querer trabalhar na OutSystems. Porque conseguem avançar a sua carreira mais depressa até do que no norte da Europa, e estão num país extraordinário a fazer trabalho extraordinário.

Isto está no cerne do que nos tem tornado bem sucedidos ao longo de tanto tempo e é por isto que a nossa cultura tem sobrevivido a tantas “dores de crescimento”. Na dúvida sobre o que nos une, voltamo-nos para a missão – tornar o mundo melhor e tornarmo-nos melhores no processo. Este é um ótimo motivo para continuar.

A OutSystems é líder global no desenvolvimento de aplicações com alta-performance. A plataforma de high-performance low-code OutSystems oferece às organizações as ferramentas para desenvolver, implementar e gerir rapidamente aplicações críticas para o seu negócio.



**“SOMOS UMA EMPRESA
DE INVENTORES
E DE ENGENHEIROS
QUE QUEREM LEVAR
O MUNDO PARA
A FRENTE.”**

Fisco esclarece como resolver problemas com IBAN para pagamento de apoio

FAMÍLIAS Contribuintes com diferentes IBAN associados ao NIF e à declaração anual de IRS têm suscitado dúvidas à Autoridade Tributária.

Os contribuintes que tenham detetado a existência de problemas com o seu IBAN no Portal das Finanças devem verificar qual o número da conta bancária que têm indicada e atualizá-lo. Num esclarecimento publicado no Portal das Finanças, começa por ser referido que cada contribuinte pode indicar à Autoridade Tributária e Aduaneira (AT) o IBAN de duas formas: no seu registo/NIF de contribuinte ou na declaração anual do IRS (Modelo 3 do IRS).

Mas como em nenhum dos casos a inscrição do IBAN é obrigatória, a AT alerta para as várias situações existentes havendo “contribuintes que têm o IBAN inscrito através das duas formas mencionadas [NIF e declaração anual do IRS], outros apenas mencionaram o IBAN na declaração modelo 3 de IRS e outros apenas têm indicação de IBAN associado ao seu NIF”.

Esta diversidade de situações

tem suscitado dúvidas “no que respeita ao IBAN a usar pela AT” numa altura em que está a ser processado o pagamento de 125 euros do apoio por cada adulto não pensionista e de 50 euros por dependente, pelo que a nota publicada aconselha os contribuintes a verificarem no Portal das Finanças, na funcionalidade “Apoio extraordinário”, qual o IBAN que está associado ao pagamento do apoio e, caso não seja esse o pretendido, a procederem à sua atualização através da funcionalidade “Alterar IBAN”.

Como forma de mitigar o impacto da subida de preços, o governo criou um pacote de ajudas às famílias que contempla o apoio extraordinário a titulares de rendimentos (que não de pensões), no valor de 125 euros, abrangendo pessoas com rendimentos anuais brutos até 37 800 euros na declaração de IRS de 2021.

LUSA

DECO

CONVOCATÓRIA

Nos termos dos estatutos do regulamento eleitoral e dos artigos 5.º e 7.º do Regulamento das Delegações Regionais, convoco a assembleia geral da Delegação do Minho da DECO - Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor, para o dia 30 de janeiro de 2023, das 9 às 18 horas, nas instalações da sede da Delegação, situadas na Av. Batalhão Caçadores 9, n.º 279, em Viana do Castelo, com a seguinte ordem de trabalhos:

Ponto único - Eleições para a Mesa da Assembleia Geral e para a Direção da Delegação Regional do Minho. De acordo com os Estatutos, Regulamento Eleitoral e Regulamento das Delegações Regionais, observar-se-á o seguinte procedimento:

1 - A votação terá lugar na sede da Delegação Regional, situada na Av. Batalhão Caçadores 9, n.º 279, em Viana do Castelo, das 9 às 18 horas do dia 30/01/2023. O voto é pessoal, não sendo permitido os votos por procuração ou correspondência.
2 - As candidaturas, a todos os órgãos, e respetivos programas, devem ser apresentadas até às 18 horas do dia 30/01/2023, na sede da Delegação, com observância do art.º 18.º dos Estatutos e do art.º 7.º do Regulamento das Delegações Regionais.

3 - As candidaturas serão divulgadas, através de afixação na sede da Delegação Regional, até ao dia 05/01/2023.

4 - Só terão direito de voto os associados que tenham a sua situação regularizada até ao dia 25/01/2023.

5 - O número de associados com mais de um ano ininterrupto no pleno gozo dos direitos associativos, com direito a voto, na área territorial da Delegação (Distritos de Viana do Castelo e Braga), à data da convocatória, é de 602, sendo o número de votos por associado como segue:

a) Os associados com mais de um ano e menos de cinco anos têm o direito a um voto.

b) Os associados com mais de cinco anos ininterruptos e menos de dez anos têm o direito a dois votos.

c) Os associados com mais de dez anos ininterruptos têm o direito a três votos.

7 - O apuramento dos resultados terá lugar às 18 horas do dia 30/01/2023, sendo declarada vencedora a lista que obtenha a maioria simples dos votos expressos.

Viana do Castelo, 4 de outubro de 2022.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Manuel Hipólito Almeida dos Santos

CANALIZADOR OF 1.º

- Experiência comprovada
- Entrada imediata

☎ 214 391 189

ÁREA
DE
LISBOA

PRECISA-SE / URGENTE MECÂNICO DE FRIO

SINTRA / SÃO MARCOS

TEL.: 214 261 313 / 917 252 326

CONFERÊNCIA Descarbonização e infraestrutura são os principais desafios do setor que é uma peça fundamental no paradigma da mobilidade a nível global. Investigação e indústria serão essenciais para suportar a transformação necessária para criar modelos de negócio mais eficientes e sustentáveis. Durante quatro dias, a conferência Transport Research Arena (TRA) será o palco para este debate.

Lisboa reúne especialistas para pensar mobilidade e transportes

TEXTO FÁTIMA FERRÃO

São mais de 2000 os participantes esperados em Lisboa para, em conjunto, repensar a mobilidade e os desafios que se colocam ao setor dos transportes. A capital recebe a 9ª edição da conferência internacional Transport Research Arena (TRA 2022), entre 14 e 17 de novembro, uma iniciativa que pretende ser um hub de conhecimento e soluções inovadoras, com o objetivo de pensar os transportes de uma forma mais eficiente, segura, não poluente, inclusiva e sustentável. "Face aos grandes desafios do transporte do futuro, é extremamente importante que trabalhemos em conjunto para encontrar as melhores soluções e avançar", afirma, em entrevista ao *Diário de Notícias*, Marta Pinto, delegada para o Programa Horizonte Europa e porta-voz da TRA2022.

Para esta edição da TRA2022, Marta Pinto explica que a Agência Nacional de Inovação (ANI), que lidera o consórcio de empresas responsável pela organização da conferência, pretende trazer a Lisboa profissionais internacionais, reconhecidos em matéria de mobilidade, para debater os principais desafios dos transportes, nomeadamente a descarbonização e a infraestrutura, "mas também para demonstrar que a investigação e a indústria portuguesa estão a par da vanguarda europeia".

Sob o mote 'Moving together: reimagining mobility worldwide', a conferência contará igualmente com representantes de empresas

— desde start-ups a grandes organizações industriais —, mas também de docentes e investigadores de universidades e centros de investigação & desenvolvimento (I&D), e de representantes da administração pública que, juntos, terão a missão de debater ideias inovadoras, apresentando soluções tecnológicas e resultados de investigação que conduzam a novos modelos de negócio. "Juntos, em Lisboa, a moldar melhor o futuro dos transportes e da mobilidade", salienta.

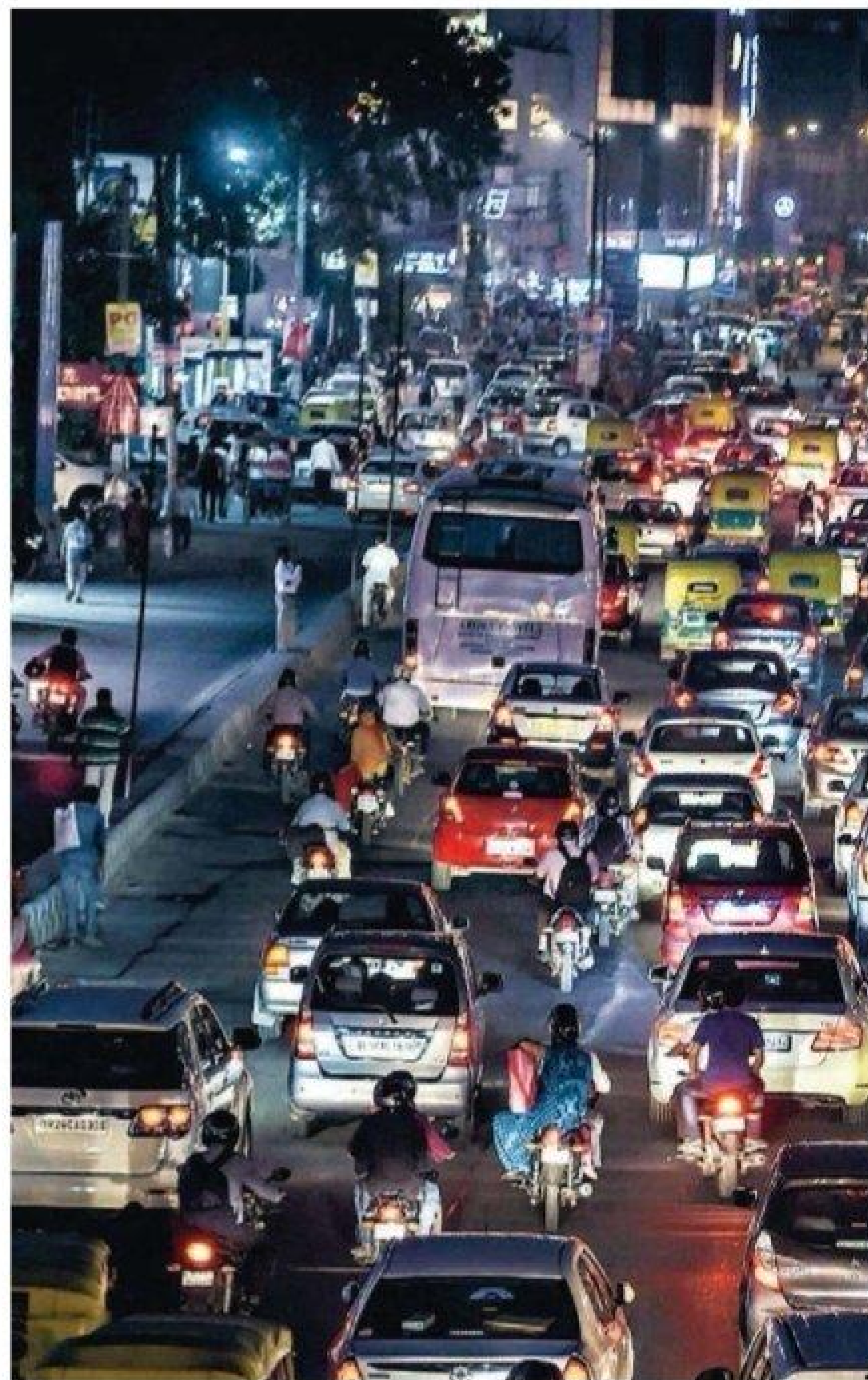
Ver e experienciar a inovação

A TRA nasceu em 2006, em Gotemburgo, na Suécia, e é hoje um dos grandes eventos europeus de-

dicados à investigação e desenvolvimento na área dos transportes e da mobilidade. Até chegar a Portugal, a conferência passou por capitais europeias como Bruxelas, Paris ou Viena. Por cá, e em paralelo com os debates, o Centro de Congressos de Lisboa contará com 7000 metros quadrados de exposição, onde será apresentado o que há de novo neste setor a nível europeu em matéria de produtos, serviços e soluções. "Uma das grandes mais valias da conferência é servir para promover a apresentação e demonstração de novas soluções inovadoras na área da mobilidade", explica Luís Maia.

O delegado para o Programa Horizonte Europa, porta-voz da TRA2022, e consultor sénior na Agência Nacional de Inovação, salienta que esta zona de demonstração e exibição permitirá aos participantes "experienciar um conjunto de inovações e tecnologias que refletem a natureza multimodal e multidisciplinar do setor dos transportes", e destaca igualmente o 'Portugal Corner', um espaço "que se pretende que funcione como uma mostra para toda a Europa do melhor que se faz em Portugal na área da mobilidade".

Mas, a representação portuguesa não estará apenas neste espaço. Noutras áreas do evento será possível conhecer projetos inovadores virados para o futuro da investigação, nos ramos da mobilidade, investigação e tecnologia. Uma das presenças será a digital Ubiwhere, sediada em Aveiro,



centrada na investigação e desenvolvimento de soluções tecnológicas inovadoras, orientadas para as áreas de cidades inteligentes e telecomunicações, focada para o setor do futuro e mobilidade conectada. A Universidade do Minho e o seu Centro de Investigação em Transportes e Mobilidade - TMob-Hub, que associa as competências de investigadores individuais, unidades de I&D e institutos de interface da Escola de Engenharia da Universidade do Minho também marcará presença na TRA2022. O TMob-Hub abrange os cinco principais modos de transporte, incluindo caminhos-de-ferro, metro, estradas, vias aéreas e vias marítimas e de navegação interior, bem como a sua interação. "Portugal tem certamente muito conhecimento para oferecer aos nossos convidados estrangeiros", refere Luís Maia.

Na conferência serão, igualmente, atribuídos os prémios TRA VISIONS. Estes galardões reconhecem os vencedores de duas competições — a TRA VISIONS

A TRA nasceu em 2006, em Gotemburgo, na Suécia, e é hoje um dos grandes eventos europeus dedicados à investigação e desenvolvimento na área dos transportes e da mobilidade.



Pensar os transportes de uma forma mais eficiente, segura, não poluente, inclusiva e sustentável é o mote da conferência.

2022 Young Researcher Competition e a TRA VISIONS 2022 Senior Researcher Competition – destinadas a investigadores jovens e seniores, respetivamente.

Criar valor pela investigação

Excelência científica, investigação e inovação são os três pilares fundamentais desta conferência. Por um lado, explica Marta Pinto, “temos a possibilidade de conhecer os mais recentes desenvolvimentos tecnológicos e industriais para os transportes e a mobilidade”. Por outro, a porta-voz destaca o debate em torno de políticas inovadoras, dentro da mobilidade europeia, e a troca de conhecimentos e experiências entre a Europa e outros continentes, como fatores diferenciadores e que, na sua opinião, devem merecer a atenção de todos quantos trabalhem em torno dos ecossistemas da mobilidade e dos transportes. “A criação de valor que decorre da interação en-

só numa perspetiva de investigação, mas também económica”, reforça.

Marta Pinto recorda que esta é, precisamente, uma das missões da ANI, enquanto agência que promove e valoriza a inovação. “Atuar para envolver as pessoas com a ciência e a pesquisa, estabelecendo prioridades focadas na valorização do conhecimento e na alavancagem do potencial da tecnologia pelas empresas e pela sociedade”. Um objetivo que para ser concretizado em pleno deve colocar as pessoas no centro da equação, “reunindo-as com empresas, centros de investigação e decisores políticos, num ambiente de inovação aberta, para debater e experimentar não só novas soluções que ajudem a alavancar a competitividade das empresas, nomeadamente em termos de desenvolvimento de produtos e serviços diferenciados e de alto valor acrescentado, mas também novas

Desafios abordados em quatro grandes temas

O maior desafio para a área da mobilidade e transportes, tanto em Portugal como na Europa, está relacionado com a necessidade de descarbonização do setor, o que, como explica Luis Maia, “terá um enorme impacto energético, com a desejável transição de combustíveis fósseis para energias renováveis”. Nas palavras do consultor da ANI, o programa da TRA2022 procura integrar todos os grandes desafios que o setor enfrenta, estando dividido em quatro grandes temas, em que cada dia será dedicado a um diferente:

2.ª feira (dia 14):
Smart Solutions and Society – Soluções de mobilidade inteligente e sociedade.

3.ª feira (dia 15):
Green Mobility and Decarbonisation – Mobilidade verde e descarbonização.

4.ª feira (dia 16):
Innovative Infrastructure for Europe 2030 – Infraestruturas inovadoras para a Europa 2030.

5.ª feira (dia 17):
Policies and Economics for a Competitive Europe – Políticas públicas para uma sociedade mais competitiva.

O programa diário da conferência aborda cada uma destas temáticas, estando estruturado em torno de uma sessão plenária, onde serão debatidas as questões mais estruturais e políticas públicas, múltiplas sessões científicas e técnicas, que servirão para apresentar e debater as questões mais técnicas e o que está a acontecer a nível científico, e três sessões estratégicas, que farão a ponte entre as plenárias e as sessões científicas e técnicas, debatendo as principais questões estratégicas dentro de cada tema. Veja aqui o programa completo: <https://traconference.eu/>

ANI – Agência Nacional de Inovação, pelo IMT – Instituto da Mobilidade e dos Transportes, pelo CEE – Consórcio de Escolas de Engenharia, pelo LNEC – Laboratório Nacional de Engenharia Civil e pela Magellan – European Affairs Association, e co-organizada em parceria com a Comissão Europeia e em colaboração com as plataformas tecnológicas e associações europeias ACARE, ATICE

100% ÚTIL
Men's Health

MANTENHA-SE EM FORMA!



@menshealthportugal

menshealthportugal

menshealth.pt

**ASSINE 12 EDIÇÕES
DA MEN'S HEALTH**
POR APENAS ~~43,20€~~ **29,90 €**

LIGUE 219249999



A ASSINATURA INCLUI A VERSÃO IMPRESSA E A VERSÃO DIGITAL. VALORES COM IVA INCLUIDO. CAMPANHA VÁLIDA PARA PORTUGAL ATÉ 31 DE OUTUBRO DE 2022. NÃO ACUMULÁVEL COM OUTRAS EM VIGOR. VALOR DA ASSINATURA NÃO REEMBOLSÁVEL. PARA MAIS INFORMAÇÕES: [HTTP://ASSINATURAS.QUOQUEM.PT](http://ASSINATURAS.QUOQUEM.PT). APOIO CLIENTE @NOTICIASDIRECTPT 12 192 49999. HORAS ÚTEIS: DAS 8H00 ÀS 18H00 - CUSTO DE CHAMADA DE ACORDO COM O TARIFÁRIO DE TELECOMUNICAÇÕES CONTRATADO PARA RED E FIXA OU REDE.



FITEI arranca em Matosinhos

O festival de teatro dedicado ao público infantojuvenil "O Meu Primeiro FITEI" regressa com seis espetáculos no Teatro Municipal de Matosinhos Constantino Nery e no Coliseu Porto Ageas. A 3ª edição do festival arranca com "Carmim", de Joana Carmo Martins, pela companhia de Vila do Conde Coração nas Mãos, dia 28, e prolonga-se até dia 2 de novembro.



Bombeiros de Ferro em Paredes

O quartel dos Bombeiros de Paredes vai receber a competição nacional "Bombeiros de Ferro", que deverá juntar cerca de 250 bombeiros provenientes de várias corporações de norte a sul do país. A prova, nos próximos dias 28 (individuais) e 29 (por equipas), é um espetáculo de demonstração das tarefas diárias destes "soldados da paz".



Estados Desunidos da América no Porto

A Câmara Municipal do Porto e a Casa da Imprensa apresentam a exposição fotográfica "Estados Desunidos da América", com fotografias do fotógrafo João Porfírio captadas durante a última campanha das presidenciais americanas, que levaram à vitória de Joe Biden sobre Donald Trump. Patente até 30 de novembro no Átrio dos Paços do Concelho.



Outono em Jazz na Casa da Música

Na Casa da Música dão-se a conhecer as últimas propostas do ciclo Outono em Jazz. Neste domingo (23) a Sala Suggia junta o Remix Ensemble da Casa da Música e a Orquestra Jazz de Matosinhos (18 horas), enquanto a Sala 2 recebe o quarteto Sexmob e o contrabaixista português Hugo Carvalhais (21h). Programação fecha dia 28, com um concerto de Manuel Linhares com a participação de David Binney.



Festival de chocolate em Gaia

Depois de se ter tornado uma referência na América do Sul, o Chocolat Festival chegou pela primeira vez à Europa, decorrendo até este domingo no espaço WOW, em Vila Nova de Gaia. É um evento dedicado a consumidores e apaixonados por chocolate, mas também pensado para os profissionais do setor. A entrada no Festival é gratuita.

Porto XL

ROTEIRO Teatro infantojuvenil em mais uma edição do FITEI, em Matosinhos e no Porto. Na Invicta, nos Paços do Concelho, há uma exposição fotográfica sobre a América e, na Casa da Música, entra na reta final o ciclo Outono em Jazz. Em Paredes, anuncia-se uma competição de bombeiros. Para os mais gulosos, o destino é Gaia, que acolhe um festival de chocolate.

TEXTO RUIFRIAS



Hu Jintao, no momento em que era retirado por um funcionário, ainda trocou umas palavras com Xi Jinping.

Doença ou purga? A saída de Hu do congresso que solidifica o poder de Xi

CHINA Antecessor do atual presidente foi retirado, visivelmente contra a sua vontade, da cerimónia de encerramento. Xi Jinping é apresentado como “o núcleo de todo o partido”.

TEXTO SUSANA SALVADOR

Num evento altamente coreografado como é o Congresso do Partido Comunista Chinês, a surpresa surgiu quando o ex-presidente Hu Jintao foi retirado contra a sua vontade do palco durante a cerimónia de encerramento. A explicação oficial de Pequim, que só surgiu várias horas depois, é que o antecessor de Xi Jinping “não se estava a sentir bem”. Contudo, há quem alegue que se tratou de uma purga planeada, destinada a humilhar o anterior líder que estava sentado ao lado do atual, que viu reforçado o seu poder no congresso.

Hu Jintao, de 79 anos, surgiu visivelmente enfraquecido no encontro do partido, que reuniu 2300 delegados durante a última semana no Grande Salão do Povo, numa das extremidades da praça de Tiananmen. O outro ex-presidente ainda vivo, Jiang Zemin, de 96 anos, esteve ausente. Segundo um jorna-

lista da agência estatal Xinhua, o ex-presidente que entregou as rédeas do partido a Xi Jinping em novembro de 2012 e do país em março de 2013, “insistiu em participar na cerimónia de encerramento apesar do facto de ter estado afastado a recuperar”, não sendo claro de quê. “Quando não se estava a sentir bem durante a sessão, os seus funcionários, pela sua saúde, acompanharam-no a um quarto ao lado do local da reunião para que descansasse”, acrescentando que ele já estava “muito melhor”.

Contudo, o vídeo do momento (e as câmaras tinham sido autorizadas a entrar pouco antes) mostra um funcionário a forçar um relutante Hu Jintao a levantar-se da cadeira. O ex-presidente ainda tenta agarrar nuns documentos na mesa de Xi Jinping (estavam sentados lado a lado), mas este agarra-os a tempo. Antes de sair, Hu ainda toca no ombro e diz qualquer coisa ao

presidente chinês, que lhe responde a sorrir, fazendo o mesmo gesto com o primeiro-ministro Li Keqiang, que estava sentado do outro lado de Xi Jinping e é considerado um aliado político de Hu.

Saúde ou purga?

Ainda antes da explicação oficial de Pequim, colocava-se a hipótese de um problema de saúde – mas essa tese parece entrar em contradição com a relutância do ex-presidente em deixar o lugar e o facto de ninguém à volta o ter tentado ajudar (só Li Zhanshu, cujo cargo equivale a líder do Parlamento, e que estava sentado do outro lado de Hu, fez um gesto nesse sentido).

O jornalista da *Foreign Policy*, James Palmer, especialista em China, lembrou que a saída de Hu Jintao ocorreu logo antes de uma votação e que podia haver receio que ele se preparasse para votar contra ou abster-se – pondo em causa a ideia

Os nomes dos novos 25 membros do Politburo e dos sete da Comissão Permanente serão conhecidos hoje, após o primeiro encontro do Comité Central.

de unanimidade no apoio a Xi Jinping. Outra possibilidade que levanta é de a situação ter sido planeada, numa espécie de purga do ex-presidente que esteve à frente dos destinos da China durante uma década, de 2003 a 2013.

Diferenças entre Hu e Xi

Na China de Hu Jintao o poder ainda tinha um cariz coletivo, tendo o presidente de atuar como mediador entre as várias facções sempre em guerra. Além disso, foi uma década de abertura económica ao mundo (e de corrupção) e de tolerância de novas ideias. Na China de Xi Jinping, que foi vice-presidente durante o segundo mandato de Hu, há uma aposta no nacionalismo e na censura das opiniões divergentes. E só há uma facção, a dele, com Xi a rodear-se de aliados prontos a defendê-lo, forçando a saída dos mais moderados.

Um exemplo é a saída prevista do primeiro-ministro, que não estará na próxima Comissão Permanente do Politburo – os sete nomes serão conhecidos hoje. Li Keqiang, visto como o mais liberal do ponto de vista económico do que Xi Jinping, não foi eleito sequer para o Comité Central, que tem 205 membros, de onde sairá também hoje o Politburo, com 25 pessoas.

Quatro dos atuais sete membros da Comissão Permanente vão sair – dois deles por terem atingido o limite informal de idade (têm mais de 68 anos), numa regra que não se aplica ao próprio Xi Jinping, que já tem 69. Mas tanto Li como Wang Yang (chefe do órgão consultivo do partido), que se falou que o podia substituir, ainda têm 67. O primeiro-ministro continuará contudo no cargo até à próxima eleição, que deverá ser em seis meses. Antes, Xi Jinping deverá ser eleito em março para um inédito terceiro mandato, depois de ter acabado com o limite de mandatos que existia.

A resolução aprovada ontem no congresso do Partido Comunista Chinês (PCC) diz que os quase 97 milhões de militantes devem “defender o papel central do camarada Xi Jinping”. O presidente, que este domingo será reeleito secretário-geral do partido, torna-se no líder mais importante desde o fundador da República Popular, Mao Zedong. Xi Jinping, que é apresentado como “o núcleo de todo o partido”, reiterou no seu discurso que o PCC deve “sofrer” e “vencer” para “continuar a avançar”.

O congresso também aprovou, pela primeira vez, a inclusão explícita de declarações sobre a “oposição resoluta” à independência de Taiwan e à “dissuasão dos separatistas” que a procuram. O atual texto só falava no “fortalecimento da união de todos os chineses, incluindo os compatriotas em Taiwan” e os esforços sobre a reunificação com a ilha – que Pequim vê como uma província rebelde.

susana.salvador@dn.pt

CEO da Fundação Obama. O filho da Deolinda e do António tem "o melhor emprego do mundo"

AMÉRICA David Simas esteve em Portugal para o Leadership Summit, e foi em Cascais que o DN falou com o lusodescendente que trabalhou com Barack Obama na Casa Branca durante oito anos, antes de assumir a presidência da fundação do ex-presidente em 2016. Guerra na Ucrânia, China como grande rival da América, uns EUA entre Biden e Trump em 2024 e o potencial de Portugal foram alguns dos tópicos abordados.

TEXTO HELENA TECEDIEIRO

Ele estava na Força Aérea. Ela trabalhava numa livraria e tinha quatro irmãos também na Força Aérea. Foi assim que se conheceram na então Lourenço Marques, em Moçambique. Ele entrou na livraria onde conheceu uma linda rapariga 'do Alentejo' [única expressão em português] e ela conheceu um 'rapaz muito educado' de Faial da Terra, São Miguel, como escreveu a um dos irmãos em 1967. Casaram em Santiago do Cacém e chegaram pouco depois a Taunton, Massachusetts. Que história! Dava um ótimo filme: Quando António conheceu Deolinda!

Quem conta a história é David Simas, filho de Deolinda e de António, e também CEO da Fundação Obama. Em Cascais para participar há dias no Leadership Summit, o lusodescendente que durante oito anos trabalhou ao lado de Barack Obama na Casa Branca e que desde 2016 dirige a fundação do ex-presidente conversou com o DN à margem de um almoço subordinado ao tema: Liderança, Paz e Democracia. Temas que refletem o mundo em que vivemos. Guerra na Ucrânia, crise energética, inflação, o advogado de 52 anos admite que "para muitos na comunidade ligada às relações exteriores, nos EUA e noutros países, este conflito representa o fim de uma era e a transição para outra."

Sentado na Sala das Aias, no Pestana Cidadela, diante do cartaz que anuncia o almoço em que participou com o académico Michael Baum, Simas não hesita em comparar o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, a Winston Churchill, o primeiro-ministro que liderou o Reino Unido durante a II Guerra Mundial. "Zelensky, de uma

forma muito churchilliana, conseguiu personificar o país. No início do ano li uma biografia de Winston Churchill é esse sentido que ele ganha numa altura de guerra, enfrentando os assaltos da Luftwaffe e os bombardeamentos de Londres as pessoas sabiam que todas as noites podiam ligar o rádio e ouvir a voz desafiante e encorajadora do povo britânico. Com Zelensky é o mesmo. Diariamente, não só os ucranianos o podem ouvir, como podem ver o seu líder a caminhar pelas ruas de Kiev. Esse é um dos aspetos da liderança. Não basta tomar as decisões, é também como é que, em momentos de crise, conseguimos captar o espírito de um povo."

"Zelensky, de forma muito churchilliana, conseguiu personificar o país [...] Diariamente, não só os ucranianos o podem ouvir, como podem ver o seu líder a caminhar pelas ruas de Kiev. Esse é um dos aspetos da liderança. Não basta tomar as decisões, é também como é que, em momentos de crise, conseguimos captar o espírito de um povo."

E dá outros exemplos, desta vez nos EUA, de líderes que o souberam fazer: "Após o 11 de Setembro, em que quase três mil americanos morreram, lembro-me da imagem do presidente Bush – e ele não é do meu partido político – mas naquele momento não importou. Ele estava de pé com um altifalante em cima de um monte de destroços no Ground Zero, com os bombeiros à volta dele. Todos nós fixámos aquela imagem. O presidente Reagan, também, quando o vaivém *Challenger* explodiu, apareceu na televisão. E quando nove pessoas foram mortas numa igreja na Carolina do Sul, o presidente Obama foi assistir a uma missa e no final começa a cantar *Amazing Grace*. Estes são exemplos de líderes que se apropriaram de um momento de uma forma que não é lógica, não é intelectual, nem sequer é racional. Trata-se de uma necessidade emocional, que todos temos, especialmente em momentos de crise, de fazer parte de algo." E é essa capacidade que agora vê em Zelensky.

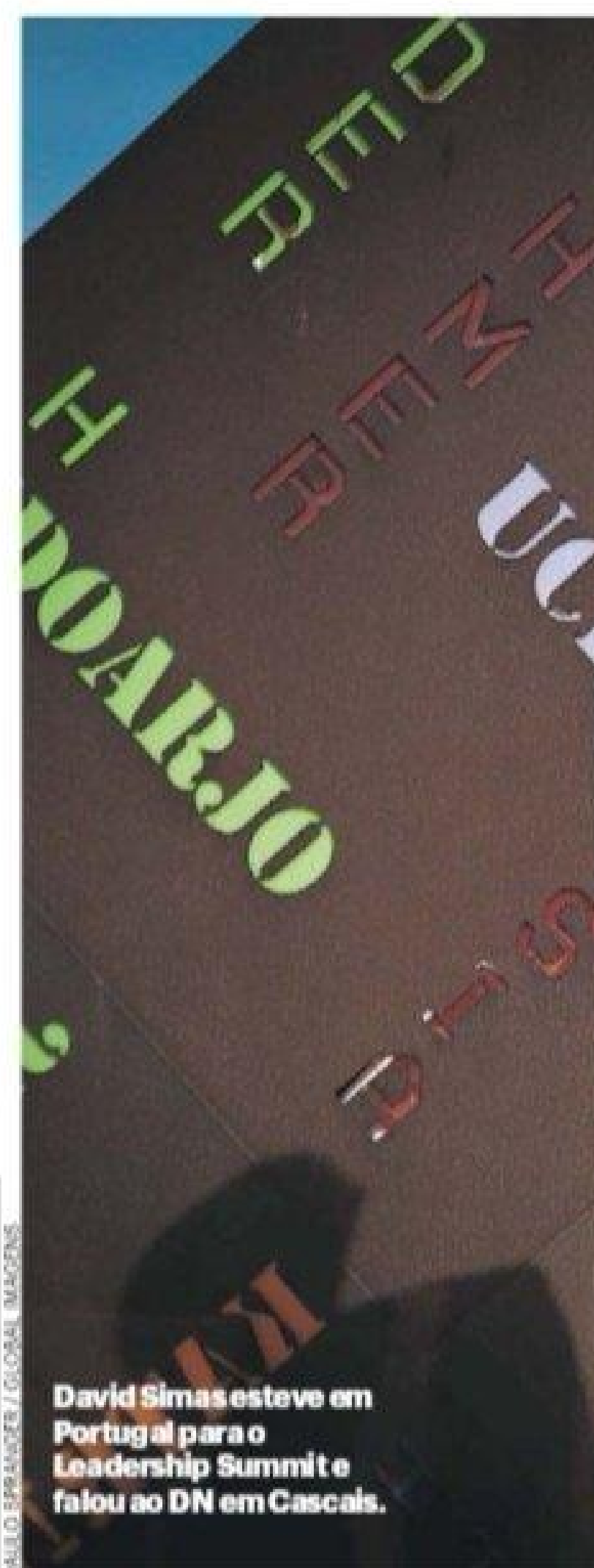
Também Joe Biden lhe parece o homem certo no cargo certo neste momento. Depois de oito anos a trabalhar de perto com o então vice-presidente de Obama, David Simas não tem dúvidas que o atual inquilino da Casa Branca é "uma das melhores pessoas que conheci." Sublinhando não querer entrar muito em considerações políticas, o CEO da Fundação Obama lá vai dizendo: "Assumir a liderança em 2021, após quatro anos de turbulência... e não digo isto como um ataque político ao presidente anterior, mas havia um sentimento de que as coisas eram sempre caóticas. O presidente Biden falou sempre em estabilidade, sabe como funciona Washington. Fico feliz por

neste momento ele ser o presidente dos EUA."

E de repetir: "É um bom homem, uma boa família, que sofreu mais do que... como pai nem consigo imaginar o que ele passou. Isso vê-se quando o vemos falar com pessoas que estão a sofrer." Depois da morte da primeira mulher da filha bebé num acidente de carro nas vésperas do Natal de 1972, Biden, então com 29 anos, tomou posse como senador no hospital onde os dois filhos mais velhos, Beau e Hunter, ainda estavam internados. Depois de refazer a vida ao lado da atual mulher, Jill, Biden passou ainda pela morte de Beau, de cancro, em 2015.

Tragédias que marcaram o carácter e a carreira de Biden, mas que talvez o tenham ajudado a conseguir o equilíbrio com que sempre procurou estar na sua vida política, erguendo pontes com os adversários. Olhando já para as presidenciais de 2024, David Simas garante que "se for Biden contra Trump, será uma escolha muito clara." Mas antes disso ainda temos as eleições intercalares, a no próximo dia 8 de novembro. E aqui Simas vai buscar a sua experiência nas campanhas de Obama: "Em 2010, nas nossas primeiras intercalares, perdemos uns 60 lugares na Câmara dos Representantes e depois ganhámos as presidenciais de 2012. Se há uma coisa que sei sobre a política americana é que a única constante é a mudança. Não tiraria demasiadas conclusões do que vai acontecer este ano para as presidenciais de 2024".

Neste momento, prefere sublinhar as vitórias alcançadas na atual Administração. "Nos últimos dois anos houve momentos em que os partidos trabalharam juntos no



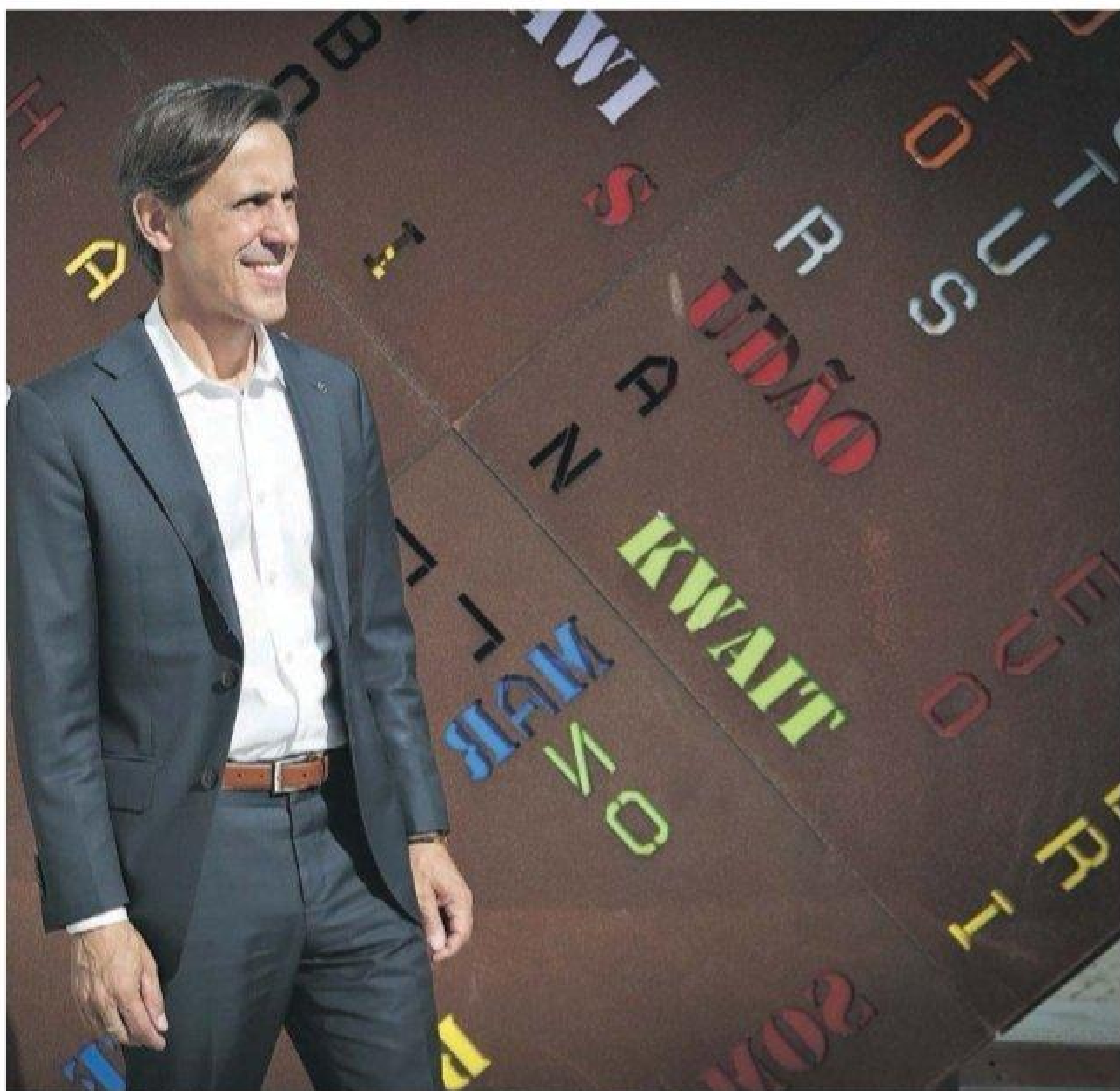
David Simas esteve em Portugal para o Leadership Summit e falou ao DN em Cascais.

Congresso, nas áreas limitadas em que podem. É isso que se quer. Vamos começar por trabalhar nas áreas em que podemos trabalhar juntos. E o que podemos esperar é que ao longo do tempo as relações se aprofundem, as coligações evoluam é que consigamos voltar a um período de... não diria unanimidade, que isso não é bom, não é democracia, mas cooperação".

Admitindo estar "talvez demasiado otimista", Simas reafirma contudo a sua fé na Constituição dos EUA. "Para nós os *checks and balances*, o sistema judicial independente, a natureza limitada dos poderes federais *versus* os dos estados significam que podemos ter presidentes que empurram os limites mas o sistema aguenta, as instituições funcionam perfeitamente. O Congresso vai analisar a questão do Colégio Eleitoral, mas até isso para mim é exemplo do sistema a adaptar-se para enfrentar os desafios. Para que quando alguém empurrar os limites, se possa ajustar, adaptar", explica, numa referência velada ao republicano Donald Trump, mas sem o nomear.

China é o grande rival

Mas se neste momento, na Europa, a Rússia é vista como a grande ameaça, até porque o presidente



MANDEL NGAN / AFP

Vladimir Putin não só invadiu a Ucrânia, às portas da União Europeia, como tem repetidamente ameaçado recorrer às armas nucleares para resolver o conflito, para os EUA a China continua a ser o grande rival, perguntamos. “O que sei é que nos anos em que fui ouvindo os eleitores nos EUA, há um sentimento geral, que atravessa o espectro político e ideológico, de que a China é o rival. Equando se fala com pessoas comuns nos EUA, elas lembram como a manu-

factura costumava ser na América e agora é tudo feito no estrangeiro, na China. Esse é o tipo de linguagem que se ouve”, afirma.

Mas para Simas, este sentimento, mais do que ser anti-China, ou contra o crescimento da economia chinesa, “é mais algo como ‘porque é que nós não podemos voltar a fazer aquilo? Somos os Estados Unidos da América.’” E, acredita o advogado, “uma das coisas que vemos depois da pandemia e da disfunção das cadeias de abasteci-

mento e a consequente instabilidade geopolítica, é que pela primeira vez em muito tempo há um verdadeiro ênfase na necessidade de fazer as coisas em casa. Os microchips por exemplo. Não podemos ficar dependentes de outros. Porque em momentos de incerteza, nestes períodos de transição de uma ordem mundial para outra, é o que podemos fazer para evitar a instabilidade e variabilidade.” Portanto, explica, “é menos este país contra aquele. É mais ‘sabes que

mais, vamos voltar ao básico: queremos algo feito, temos de ser nós a fazê-lo’”. E esse é “um traço cultural americano tradicional – a primazia do indivíduo, mas no final das contas, estamos todos juntos nisto e ‘vou ajudar-te se precisares e se estiveres disposto a ajudar-te a ti próprio’. É algo muito americano.”

Um exemplo chamado Obama

Claro que conversar com David Simas sem falar dos anos em que trabalhou com Obama é virtualmente impossível. Depois de dois anos como vice-chefe de gabinete de Deval Patrick, então governador do Massachusetts, em janeiro de 2009 David Simas começava um novo emprego como conselheiro do homem que fez história ao tornar-se no primeiro presidente negro dos EUA. Figura-chave na campanha para a reeleição em 2012, no segundo mandato foi Simas tornar-se chefe do gabinete político de Obama. Hoje recorda: “a melhor parte de trabalhar com ele é que nunca o vi tratar ninguém – fosse a pessoa que estava a lavar pratos num hotel em Los Angeles ou um chefe do Estado estrangeiro – que não fosse com dignidade, respeito e decência. Isso cria uma cultura. Ele era o presidente dos EUA e comportava-se de uma forma que mostrava decência e dignidade para com todos. Não é perfeito, ninguém é. Mas dá o exemplo.”

E quanto à maior lição que tirou desses oito anos, David Simas hesita – “foram tantas” –, mas acaba por contar como todos os dias, no envelope que recebiam com o selo presidencial e com o briefing vinham também as dez cartas que o presidente tinha selecionado para responder pessoalmente das centenas que chegavam todos os dias à Casa Branca. “Todas as manhãs líamos as cartas, algumas diziam que estávamos a fazer um bom trabalho, mas o resto era de pessoas a dizer como estavam a sofrer, que a sua vida era terrível, etc. E o paradoxo de, por um lado, trabalhar para o homem mais poderoso do planeta, e ao mesmo tempo ter um poder tão limitado, de depender de tantos factores instáveis, lembrava-nos que não estávamos ali para nosso prestígio. Ficávamos a olhar para a carta de uma mulher do khalo que ficara sem casa e com três filhos, a viver numa carrinha. A lição era que podíamos ter conseguido chegar até ali, mas o que estávamos a fazer para mudar as coisas? Era maravilhoso e é frustrante ao mesmo tempo.”

E quanto a lições de humildade, David Simas conta ainda este episódio: “Eu saí da Casa Branca em dezembro de 2016, mesmo antes do final do mandato. E poucos dias antes andei no Air Force One pela última vez. Uma semana depois, estava a voar, na fila de trás, no assento do meio, num voo da Southwest Airlines, com a casa de banho logo ali. Lembro-me de

“Portugal sempre teve bom tempo, sempre teve pessoas simpáticas, mas hoje tem esta geração, educada e com um sentido de potencialidade, que faz parte da União Europeia. Eu apostaria em Portugal.”

pensar na altura como era maravilhoso. Servimos, tivemos um momento, e quando termina, o que somos é um simples cidadão. Como o próprio Barack Obama diria, ‘o mais importante em qualquer democracia não é o presidente, são os cidadãos.’”

Mas o cidadão comum David Simas é também CEO da Fundação Obama, um trabalho que descreve como “o melhor emprego do mundo”. Mas o que faz exatamente? “Trabalho com a equipa para tentar encontrar umas centenas de líderes emergentes todos os anos. E sei que dentro de dez, 20, 40, 50 anos estes jovens vão ser maravilhosos líderes. Uns sim, outros não. Mas bastam alguns. É este o momento em que me encontro na minha carreira – o meu pai diria que estou no último terço da minha vida. E se o primeiro terço é para descobrir o que queremos fazer, o segundo é para o fazer, o terceiro é para retribuir a quem esteve connosco nós dois primeiros. Não há nada melhor.”

Aposta em Portugal

E como é que David olha hoje para este Portugal, tão diferente daquele que os pais, saídos de cá ainda em tempo da ditadura lhe devem ter descrito quando era criança? “Este é um dos mais vibrantes países com possibilidades”, garante. “Quando penso na geração dos meus pais – quarta classe?! Que crime! Relegar para trás gerações de pessoas. Mas era assim”, exclama, antes de afirmar: “Portugal sempre teve bom tempo, sempre teve pessoas simpáticas, mas hoje tem esta geração, educada e com um sentido de potencialidade, que faz parte da União Europeia. Eu apostaria em Portugal.” E “a estabilidade”, destaca, antes de garantir: “*I am a big fan of Portugal.*”

E este fã de Portugal pensa regressar à política ativa? A resposta não podia ser mais clara: “Nãããã. Já servi o país, agora é tempo de servir de outra forma.”

helenar.tecedeiro@dn.pt

2.º DIÁLOGO

26 OUT
15H00**INATEL**
ALBUFEIRA
HOTEL

DIÁLOGOS DE SUSTENTABILIDADE

Desenvolvimento e Turismo Sustentáveis



DX d IN

FÓRUM galp 
SUSTENTABILIDADE
= SOCIEDADE INATEL  GRUPO BEL 

A agenda de desenvolvimento sustentável das Nações Unidas tem sido a bússola para os assuntos sociais e económicos. Mas num tempo que se prevê de mudanças estruturais, a discussão destes temas tem de ser cada vez mais eficaz.

É por isso que o tema do **Turismo Sustentável** estará em discussão na segunda sessão dos **seis Diálogos de Sustentabilidade**, uma parceria das marcas **Global Media Group** com a **Fundação INATEL**, inserida no **Fórum de Sustentabilidade e Sociedade**.

Inscreva-se e junte-se à conversa no dia **26 de outubro**, pelas **15h**, no **INATEL Albufeira Hotel**.

Conversa debate com a duração de 1h30

Desenvolvimento sustentável, turismo e culturas locais, economia circular.

**Rita Marques**

Secretária de Estado do Turismo,
Comércio e Serviços

**Francisco Madelino**

Presidente do Conselho de
Administração da Fundação INATEL

**INSCREVA-SE AQUI**

Que Ronaldo no Mundial? “Doido para se vingar de Ten Hag” e “ao estilo de Jardel”

FORMA Paulo Futre e Leonel Pontes acreditam que o período conturbado no Manchester United não vai afetar o capitão português na prova do Qatar. E ambos consideram que o treinador dos *red devils* está a faltar ao respeito a CR7.

TEXTO ANDRÉ CRUZ MARTINS

Até que ponto a conturbada situação de Cristiano Ronaldo vai afetar o capitão da seleção nacional no Mundial do Qatar, que arranca a 20 de novembro, caso até lá pouco ou nada jogue pelo Manchester United, devido ao braço de ferro com o treinador Erik ten Hag? CR7 está sob a alçada disciplinar do clube inglês, na sequência do caso em que abandonou o relvado no final do jogo com o Tottenham (depois de se ter recusado a entrar em campo), e se a utilização já não era muita, este episódio pode afastá-lo ainda mais das opções do técnico.

Leonel Pontes, que conhece bem o avançado português e foi o seu encarregado de educação quando CR7 chegou ao Sporting com 12 anos, vindo da Madeira, tem a convicção que todas estas polémicas e a escassa utilização no Manchester United não irá afetar o rendimento do capitão no Mundial.

“Poderá chegar ao Mundial sem o ritmo ideal, mas neste momento ele é um jogador que não precisa de fazer grandes movimentações, um pouco ao estilo de Mário Jardel, que pouco saía da área e era terri-

velmente eficaz”, referiu ao DN o treinador que o acompanhou durante grande parte da formação no Sporting e depois mais tarde na seleção nacional, quando foi adjunto de Paulo Bento.

Paulo Futre também tem muita esperança de que Ronaldo apareça em bom plano no Mundial e, curiosamente, também fez uma comparação com Jardel. “O Cristiano é o melhor jogador do mundo dentro da área. Salta mais do que todos e com os artistas que temos na seleção, ele vai ter umas 10 ou 15 bolas por jogo na área. Se ele estiver totalmente focado, vai fazer muitos golos”, anteviu.

CR7, que falhou a pré-temporada do Manchester United e só se apresentou a 27 de julho, quase um mês depois do início dos trabalhos, tem mantido uma relação fria com o treinador Erik ten Hag. De resto, a escassa utilização do jogador demonstra bem que o neerlandês está longe de o ver como peça essencial na equipa: foi apenas duas vezes titular na Premier League, competição na qual foi suplente utilizado em seis ocasiões. Na Liga Europa fez parte do onze nos qua-

tro encontros que disputou. No total, atuou 690 minutos (com apenas dois golos marcados), o que corresponde a 51% do tempo total de jogo da equipa.

Falta de respeito de Ten Hag

Futre acredita que Ronaldo vai dar uma bofetada de luva branca a Erik ten Hag ao realizar um grande Mundial. “O treinador do Manchester United tem faltado ao respeito ao Cristiano, tem-no humilhado. É um jogador com cinco Bolas de Ouro, não pode entrar a cinco minutos do fim. Disse que, por uma questão de respeito, não o colocou com o Manchester City quando o United estava a ser goleado, e depois põem-no a aquecer a poucos minutos do final de um jogo? Ao longo de toda a sua carreira, o Cristiano vingou-se sempre de quem o colocou em causa. E se meter na cabeça que vai fazer um grande Mundial, podem ter a certeza que vai!”, atirou o ex-jogador e internacional português.

Leonel Pontes também defende que “Ronaldo não tem merecido do treinador do seu clube o devido respeito, pois estamos a falar do

melhor jogador de todos os tempos, juntamente com o Messi”. Na opinião do técnico, CR7 “talvez esteja a pagar pelo facto de não ter realizado a pré-temporada, com Ten Hag a querer mostrar a sua liderança perante os outros jogadores”. Ainda assim, diz que “nada justifica a sua atitude no jogo com o Tottenham, ao abandonar o banco antes do final dos 90 minutos”.

Paulo Futre e Leonel Pontes voltam a concordar ao defenderem que CR7 não está a ter dificuldades em enfrentar o final da carreira.

Ronaldo tem sido poucas vezes opção para o treinador Ten Hag e o caso agora protagonizado pode piorar a relação entre ambos em vésperas do Mundial do Qatar.

“Dizem que está velho por ter 37 anos, mas não vejo nada disso. Posso dar o exemplo do último jogo entre Portugal e Espanha, em que jogou os 90 minutos e mostrou grande intensidade e trabalhou defensivamente”, apontou o treinador. De resto, para Leonel Pontes, o avançado continua a demonstrar uma forma física invejável “estando apto a jogar o tempo que for necessário em cada jogo, se for preciso os 90 minutos”.

Futre lembra que “na temporada passada Ronaldo foi o terceiro melhor marcador do campeonato inglês [n.d.r.: marcou 18 golos e ficou a cinco de Mo Salah, o artilheiro da prova] e recentemente marcou dois golos à Suíça por Portugal [n.d.r.: jogo realizado em junho]. Quando algumas pessoas dizem que ele está acabado deviam ter mais atenção a estes números”, atirou. Evoltou a mostrar-se convicto de que o atacante vai realizar um grande Mundial. “Ele está doido para se vingar do homem [n.d.r.: Erik ten Hag]. Vai treinar de manhã, de tarde, à noite e de madrugada! Todos conhecemos a ‘fera’ que ele é e se for preciso vai treinar 25 horas por dia para aparecer em boa forma no Mundial!”, afirmou.

Leonel Pontes fez uma comparação curiosa com os primeiros tempos de Ronaldo no Sporting. “Continuo a ver o mesmo brilho no olhar e alguém com grande paixão pelo jogo, que quer jogar sempre. Foi essa paixão pelo futebol que justificou aquela sua atitude de abandonar o campo no jogo como Tottenham”, defendeu.

Paulo Futre revelou que não falou com Cristiano Ronaldo nos últimos tempos, “pois são temas muito sensíveis e ele tem outras pessoas para aconselhá-lo”. Mas conversou recentemente com a mãe do futebolista, “que está a sofrer muito com tudo o que o filho tem passado”.

O Mundial do Qatar arranca dia 20 de novembro, e a estreia de Portugal está marcada para o dia 24, frente ao Gana. Desde que é selecionador, Fernando Santos sempre apostou e elogiou o capitão português, pelo que a sua titularidade não estará em risco. Resta saber como chegará à competição em termos físicos e anímicos.

dnat@dn.pt



Ronaldo só foi titular duas vezes pelo Manchester United na liga inglesa e só tem dois golos marcados esta época. Mas na seleção deverá ter lugar reservado no onze de Fernando Santos.

PEDRO ROCHA / GLOBAL IMAGES

O corpo, esse mito de Hollywood

CINEMA Do envelhecimento feminino ao fato de gordura para simular obesidade, o cinema da indústria americana continua a gerar um intenso debate, através dos seus atores, à volta da representação do corpo e do próprio tema da representatividade.

TEXTO INÊS N. LOURENÇO



Foi Marlene Dietrich quem escreveu, na sua autobiografia, que os lexicógrafos nunca foram bem-sucedidos na definição da palavra *glamour*. Ela, por sua vez, identifica aí os rostos e corpos que nos anos 1930, na paisagem do cinema americano, emprestaram sentido ao termo: "A grande *glamour girl* foi Mae West. Depois surgiu Carole Lombard. E a seguir, Dietrich; pelo menos de acordo com a opinião da Paramount. Claro, a MGM [Metro-Goldwyn-Mayer] também teve as suas raparigas glamorosas em Jean Harlow, Greta Garbo, Joan Crawford... Nesse tempo não havia *sex symbols*. A meu ver, essa ideia nasceu com Marilyn Monroe. O sexo na altura era tabu. Temos de fazer tudo isso apenas e exclusivamente com os olhos", explicou-me um dia Mae West. Não havia uma cena em que nos despíssemos ou aparecéssemos seminuas, nada impróprio. Devo confessar que prefiro esse método."

As palavras de Dietrich fazem-nos recuar bem lá atrás para perceber como, em Hollywood, a imagem das atrizes do *star system* sempre se associou a uma certa efemeridade, já que o *glamour* não é eterno nos corpos. Mas são palavras que iluminam também a consciência de que o corpo feminino no grande ecrã simbolizava, por si só, um ideal de sedução sem muita pele à vista — embora Dietrich, curiosamente, seja das atrizes cujo enorme poder de sugestão se afigurou quase o exato equivalente da nudez física... Em 1938, o seu nome, ao lado de outros como as referidas estrelas Mae West, Garbo e Crawford, mas igualmente Katharine Hepburn, era apontado como "indesejável" e "veneno de bilheteira" num editorial pago da Independent Theatre Owners Association no *The Hollywood Reporter*. O artigo mencionava também atores mas as principais visadas eram atrizes, consideradas mera mercadoria dos estúdios. Marlene não tinha sequer 40 anos e pensou em desistir de tudo (aquela era a sua "sentença de morte"), mas acabou por ser demovida pelo produtor Joe Pasternak. Continuou até mais ou menos à década de 1960; sem fazer um único papel de avozinha em toda a carreira... O mesmo não se pode dizer de Garbo, que se afastou do cinema pouco depois desse infame editorial, e de *Ninotchka* (1939), terminando a carreira com 35 anos.

A história da indústria cinematográfica americana está cheia de carreiras femininas atormentadas. É uma história indissociável de padrões de beleza, juventude e perfeição (já não exatamente *glamour*) que ainda hoje assombram o seu imaginário. Mas aqui e ali vão surgindo filmes que levantam questões sobre esse mesmo imaginário, antes de mais, anglo-saxónico. É o que acontece com *Boa Sorte*, *Leo Grande*, o filme de Sophie Hyde estreado há poucas semanas nas nossas salas, uma coprodução Reino Unido/EUA que deu que falar por causa do seu último plano, onde a protagonista Emma Thompson aparece, num nu integral, a examinar-se ao espelho como quem abraça, por fim, as imperfeições da sua silhueta envelhecida. Ela interpreta aqui uma professora aposentada e viúva disposta a descobrir o admirável mundo do prazer com a ajuda de um jovem trabalhador do sexo, em encontros sucessivos num quarto de hotel.

Na conferência de imprensa do Festival de Berlim, Thompson confessou a dificuldade daquele momento — estar despida em frente a um espelho sem fazer qualquer tipo de pose para parecer melhor —, mas sublinhou

A história da indústria cinematográfica americana está cheia de carreiras femininas atormentadas. E é uma história indissociável de padrões de beleza, juventude e perfeição (já não exatamente *glamour*) que ainda hoje assombram o seu imaginário.

a importância de contrariar os requisitos que a sociedade impõe ao corpo da mulher: "Tudo ao nosso redor nos recorda do quão imperfeitas somos. Tudo está errado connosco e devemos apresentarmo-nos de determinada maneira." Requisitos que afetam sobretudo mulheres de uma certa faixa etária, já de si vulneráveis à redução das oportunidades de trabalho.

Indo a dados concretos, de acordo com um estudo de 2019 do Actors Guild, citado num artigo do *El País* a propósito das declarações de Emma Thompson, as atrizes com idade superior a 40 anos representam apenas 25% dos papéis com diálogos. Uma evidente marginalização do envelhecimento feminino no interior da indústria que se reflete no tradicional papel da avó: aquele que Marlene Dietrich nunca aceitou, permitindo-lhe fixar a imagem do *glamour*.

Quanto à nudez, o que o gesto de Thompson veio lembrar é que o corpo feminino maduro no ecrã não tem de ser um exclusivo do cinema *arthouse* europeu ou sequer um monstro – esse que deu origem ao *hagsploitation*, o subgénero do terror inaugurado por *Que Teria Acontecido a Baby Jane* (1962), de Robert Aldrich, com Bette Davis e Joan Crawford, e que continua em permanente reciclagem. Os casos de "desinibição" madura anteriores ao da atriz britânica não vão muito além de Diane Keaton na comédia *Alguém Tem que Ceder* (2003), onde se deixou apanhar despida aos 57 anos, Helen Mirren, aos 58, em *Meninas de Calendário* (2003) e Charlotte Rampling, aos 62, em *No Limite da Ilusão* (2008).

Body positivity

Para além da idade, a questão do corpo imperfeito (ou a desconstrução da ideia de corpo perfeito) é uma batalha que vem sendo travada nos detalhes. Por exemplo, no ano passado Kate Winslet foi notícia por ter recusado os retoques digitais que lhe poderiam ocultar os pneus da barriga numa cena de sexo de *Mare of Easttown*, e ainda outros para tapar as rugas dos seus olhos nos *posters* promocionais da série. Uma atitude em linha com a "libertação" de Jamie Lee Curtis no início deste ano, quando, ao apresentar nas redes sociais a sua personagem no filme *Tudo em Todo o Lado ao Mesmo Tempo*, afirmou que o que viam na foto não era uma prótese mas sim a sua própria barriga – estava cansada de a encolher desde os 11 anos... Também Selena Gomez tem sido uma das vozes do chamado *body positivity*, um movimento de autoaceitação que contraria o conceito de corpo ideal.

O que nos leva a outro assunto muito na ordem do dia em Hollywood: a representa-



Boa Sorte, Leo Grande ficará como um marco na filmografia de Emma Thompson.



Brendan Fraser interpreta um homem com obesidade mórbida em *The Whale*.



No musical *Matilda*, Emma Thompson está quase irreconhecível.

ção da obesidade. *The Whale*, o novo Darren Aronofsky apresentado no último Festival de Veneza (e com antestreia no LEFFEST, dia 16 de novembro), lançou esse debate. No filme, que adapta uma peça de Samuel D. Hunter, Brendan Fraser interpreta um homem *gay* a lidar com um quadro de obesidade mórbida enquanto tenta, nos dias que lhe restam, conquistar o afeto da filha adolescente. À parte de se tratar de um regresso de peso, em todos os sentidos, com o desaparecido ator de *A Múmia* a dar provas de uma entrega dramática digna de Óscar (claro que já se antecipa a nomeação), houve críticas à sua es-

colha para um papel tão específico, já que não se trata de um ator obeso.

O tema é interessante porque não tem nada de simples. De facto, porque esta obsessão de Hollywood em vestir os seus atores com *fat suits* (fatos de gordura) ou cobri-los de próteses quando existem pessoas obesas que poderiam interpretar o papel da sua vida? Veja-se Gabourey Sidibe em *Precious* (2009). Mas as coisas não são preto no branco. Aronofsky diz que começou por procurar mesmo um ator com obesidade severa para *The Whale*, mas percebeu que trabalhar com alguém cuja saúde está em risco não era uma

responsabilidade que pudesse assumir. Para além disso, precisava do "ator certo". Uma ideia partilhada pelo comediante Bill Maher, que recentemente acalorou o debate ao defender que, para personagens de grande porte, o *casting* não deve ser influenciado por questões de raça, etnia, orientação sexual ou tamanho e sim focado no objetivo de encontrar "o melhor ator para o papel".

O caso de Brendan Fraser parece ficar assim arrumado. Mas há outros. Por exemplo: alguém reconheceu Colin Farrell debaixo das camadas de maquilhagem e próteses de Pinguim em *The Batman*? Confesso que só o genérico final me deu essa informação. Se um ator não tem nada de particular a oferecer a uma personagem, e ainda por cima se torna irreconhecível com o preenchimento facial, o que é que justifica a sua escolha? Não será o mesmo que Christian Bale em *Vice*, a "tornar-se" a imagem do ex-vice-presidente Dick Cheney ou Jim Carrey a fazer de Grinch...

Antes de Brendan Fraser e *The Whale*, a própria Emma Thompson, agora tão elogiada por *Boa Sorte, Leo Grande*, gerou polémica nas redes sociais por causa de uma foto da próxima adaptação de *Matilda* (versão musical) em que aparece num suposto fato de gordura. Basta consultar o *trailer* e perceber-se que, tendo em conta o universo de fantasia do filme, o tipo de caracterização da personagem não é desadequado. O ponto sensível está em contrariar o discurso apressado da representatividade. Mais uma vez: um ator ou atriz é escolhido para um papel porque tem as medidas certas ou porque é a pessoa certa? Se não for possível conciliar ambos, o que vem primeiro?

Por outro lado, sabemos também que muitas vezes o sacrifício da transformação física é um caminho deliberado para o Óscar, independentemente do valor das interpretações. Mas isso é outra conversa...

O corpo continuará a ser um mito em Hollywood, objeto de debates e movimentos, mas longe estão os tempos do *glamour*, palavra nada inocente. Voltando às páginas da autobiografia de Dietrich: "A palavra *glamour* significa algo indefinido, inacessível às mulheres normais – um paraíso irreal, desejável mas basicamente fora do alcance. Acho tudo isso muito estúpido. Claro, somos bonitas nas fotos e na vida real, mas nunca fomos tão extraordinárias como a imagem que de nós foi desenhada. Agarrámo-nos a essa imagem porque os estúdios exigiam que o fizéssemos. Nenhuma de nós o apreciou."

dnot@dn.pt



Opinião António Araújo

Os donos disto tudo

É estranho chegara uma certa idade sem perceber nada de como funciona o mundo. Soube há dias, por um acaso, que, nos idos anos 1990, aquando do frenesi das privatizações na Rússia, a PepsiCo, detentora dos refrigerantes gaseificados, tornou-se uma das maiores potências navais do mundo, pois, em troca das garrafas e das latas Pepsi que estava a vender à larga para a ex-URSS, aceitou ser paga em espécie: 17 submarinos soviéticos, um cruzeiro, uma fragata e um contratorpedeiro. A frota foi vendida para sucata, o que levou o presidente da empresa a gracejar com a Casa Branca: "nós estamos a desarmar a União Soviética muito mais depressa do que vocês."

É desta e de muitas outras loucuras que se faz o nosso tempo, triste e opaco, sem rumo nem norte, abominável mundo novo. E, por detrás dos governos e dos políticos, da ONU e de outras organizações internacionais, das diplomacias, cimeiras bi- ou multilaterais, há gente que actua na penumbra e na sombra, que movimenta o planeta e o põe a rodar sem que nós, os comuns mortais, tenhamos a mínima consciência disso, das decisões e opções que afectam milhões, muito mais do que julgamos. Quando lemos nas notícias que a Rússia autoriza ou não a exportação do ucraniano grão, quando sabemos dos movimentos e dos fluxos do petróleo e do recente – e inacreditável – facada da Arábia Saudita nas costas no Ocidente, julgamos que tudo se passa a um nível estritamente político, entregovernos e líderes cujos rostos conhecemos, quando, na realidade, e sem falsos conspirativismos, há outra gente envolvida, muita outra gente envolvida, que compra e vende as mercadorias, os bens de necessidade primeira, que os paga a pronto ou a fiado, que os vai buscar a terras em guerra, que os despacha para onde mais pagarem. *O Mundo à Venda. Dinheiro, poder e as corretoras que negociam os recursos da Terra* (Casa das Letras, Setembro de 2022), um livro recente, da autoria de dois credenciados jornalistas do *Financial Times* e da *Bloomberg*, Javier Blas e Jack Farchy, levanta a ponta do véu da actividade dos corretores de matérias-primas, um punhado de empresas que controlam uma parcela substancial dos recursos naturais do planeta e que na sombra fazem lucros estratosféricos, muitas vezes à conta da guerra e do sofrimento alheio. Dirão os seus defensores que, sem os corretores de recursos, não teríamos o que comer à mesa nem gasóleo nos depósitos, não haveria casas, computadores, aviões no ar, carros nas estradas, o

que é indiscutivelmente verdade, mas mostra o poder que tais indivíduos e empresas têm, a sua capacidade de domínio e influência, com a agravante de não sabermos quem são e o que fazem, de agirem na obscuridade e quase total impunidade, alheios ao controlo democrático e ao escrutínio mediático a que sujeitamos, e bem, os nossos governantes. É por isso, justamente por isso, que se torna ainda mais absurdo, inconcebível, que ignoremos sequer a existência destas pessoas e entidades, que não saibamos quem são e o que fazem, quais são os seus líderes e os seus perfis, concentrados que estamos em celebridades ou políticos que, na esmagadora maioria dos casos, não têm poder comparável ao desta gente sem rosto. Fiz a experiência: na sempre informada Wikipédia, cliquei no nome de "Gary Neagle" e deparei com quatro linhas apenas, que nos dizem tratar-se de um sul-africano que fez um curso de comércio e de contabilidade na Universidade de Witwaterstrand e que em 2000 entrou para os quadros da Glencore, de que é hoje o CEO. Nada mais é dito, nada mais sabemos sobre o homem que está ao comando de uma das maiores empresas do mundo, ainda hoje a maior empresa de corretagem de mercadorias do planeta, até há pouco a maior empresa da Suíça, dominando 60% de todo o zinco comercializado internacionalmente, 50% do cobre, 9% do trigo, 3% do petróleo.

Ou veja-se uma outra empresa, a familiar e centenária Cargill, sediada no Minnesota, da qual provavelmente poucos ouviram falar, ao contrário do que sucede com a Apple, a Zara, a IKEA ou tantas outras. Pois bem, a Cargill é uma empresa privada, mas, se fosse aberta e cotada em bolsa, estaria no 15º lugar do índice Fortune 500. Com mais de 166 mil empregados espalhados por 66 países, dedica-se ao *trading* de cereais e outros produtos agrícolas, como o óleo de palma, mas também ao comércio de energia, aço, gado, rações, bem como à produção de xarope de glucose, óleos vegetais, alimentos processados. É responsável por 25% de todas as exportações norte-americanas de trigo e pelo abastecimento de 22% da carne consumida nos Estados Unidos. Todos os ovos consumidos nos restaurantes McDonald's da América provêm de aviários da Cargill, que é também a maior produtora de frangos da Tailândia. O seu CEO chama-se Dave McLennan e, se forem novamente à Wikipédia em língua inglesa, encontrarão não mais do que três linhas, que dizem apenas que se formou em Amherst e que fez um MBA em Chicago, que é casado e tem três fi-



lhos, mas nada mais adiantam ou esclarecem. Sucedem que, em 2019, num relatório produzido para o Center of International Policy, um *think tank* de Washington fundado em 1975, o antigo representante democrata Henry Waxman não hesitou em qualificar a Cargill como "a pior empresa do mundo", cuja dimensão colossal a faz esmagar todos os seus concorrentes e com um inenarrável cadastro em matéria de abate de florestas, poluição, alterações climáticas e tráfico e exploração de seres humanos. O rol das acusações é extenso e brutal: em 2021, oito antigas crianças escravas do Mali intentaram uma acção contra a Cargill, pelas condições de trabalho que sofreram nas plantações de cacau do Mali, existindo notícias sobre redes de tráfico e exploração nesses países desde 2005, pelo menos, o mesmo sucedendo com o algodão do Usbequistão, que a Cargill adquire e que é produzido com trabalho escravo e trabalho infantil. A isso juntam-se problemas laborais gravíssimos, como tentativas de supressão de sindicatos, exposição dos funcionários aos riscos da Covid-19, a par de aquisição abusiva de vastas parcelas de terra, violando os limites da propriedade fundiária, venda de alimentos adulterados (em 1971, a Cargill foi responsável pela venda de trigo contaminado ao regime de Saddam Hussein, provocando a morte de 650 pessoas, pelo menos), deflorestação na selva amazónica e das florestas tropicais na Sumatra, no Bornéu, no Gana, na Costa do Marfim (a Cargill compra ou compra cacau plantado ilegalmente nos parques naturais desse país!), poluição atmosférica intensa, fraude e evasão fiscal. "A pior empresa do mundo", dizem, e o mais grave é nem sabermos que ela existe e o que faz.

Para termos uma ideia, basta dizermos que as cinco maiores corretoras de petróleo

do mundo lidam diariamente com 24 milhões de barris de crude e produtos refinados, o equivalente a quase um quarto da procura de petróleo mundial. Ou que as sete maiores corretoras de bens agrícolas de têm quase metade dos cereais e sementes oleaginosas do mundo. Ou que a Glencore, a maior corretora de metais do planeta, representa um terço da oferta mundial de cobalto, uma matéria-prima essencial para a produção de veículos elétricos.

É certo que, a par dessas empresas, muitas outras se dedicam ao comércio de matérias-primas, como as grandes petrolíferas, com a BP e a Shell à cabeça, ou instituições bancárias como a Goldman Sachs ou a Morgan Stanley. Mas o que impressiona, além da opacidade tremenda, é o grau de concentração e domínio que este punhado de corretoras adquirem: a partir de um *bunker* numa cidadezinha da Suíça, a Glencore é uma das maiores corretoras de trigo e de metais do mundo e controla uma parcela do negócio de petróleo, cuja empresa-líder é a Vitol, sediada em Londres, a curta distância do Palácio de Buckingham.

Desde que o mundo existe, existem indivíduos ou companhias que se dedicam a negociar e a intermediar compras e vendas de bens e produtos. Contudo, foi a explosão do comércio mundial no pós-Segunda Guerra que levou à expansão das corretoras e, sobretudo, à sua concentração em gigantes colossais que actuam à escala global e desafiam o poder de governos e a soberania dos Estados. Nos anos a seguir à guerra, o comércio mundial de matérias-primas e bens manufacturados representava cerca de 60 biliões de dólares; em 2017, representou mais de 17 triliões de dólares.

É também espantoso notar como estas empresas singraram e se mostraram e mostram imunes às sucessivas convulsões que



RAFAEL COSTA

abalam o mundo – e até, pelo contrário, como são capazes de tirar partido dessas convulsões para aumentarem os seus lucros e o seu poder. Até aos anos 1960, o comércio mundial de petróleo era dominado pelas chamadas “Sete Irmãs”: a Anglo-Persian Oil Company, antecessora da BP; a Royal Dutch Shell; a Standard Oil of California, a Gulf Oil e a Texaco, que se uniram na actual Chevron; a Jersey Standard e a Standard Oil of New York, predecessoras da ExxonMobil. Com as vagas de nacionalizações que assolaram os países do Médio Oriente nas décadas de 1960 e 1970, o monopólio das “Sete Irmãs” foi seriamente afectado e, de repente, o mercado mundial do petróleo tornou-se livre, ou na aparência mais livre, pois logo foi capturado pelas corretoras de matérias-primas, que tiveram aqui o seu grande *boom*. Mais tarde, com o colapso da União Soviética, as corretoras entraram a matar no vasto paraíso de recursos naturais da Rússia e, anos depois, voltaram a beneficiar extraordinariamente do espectacular crescimento económico da China, um país sedento de matérias-primas. Para se ter uma ideia: em 1990, a China consumia o mesmo montante de cobre de Itália e hoje é o maior consumidor de cobre e o maior produtor de metal refinado do mundo. E, na década do *boom* das matérias-primas liderado pela China, que se prolongou até 2011, os lucros combinados das três maiores corretoras eram superiores aos dos mais conhecidos gigantes do comércio internacional, como a Apple e a Coca-Cola.

Outra circunstância que favoreceu, e muito, os corretores internacionais foi, segundo os autores de *O Mundo à Venda*, a “financeirização” da economia e o crescimento do sector bancário nos anos 1980 e seguintes, facto que permitiu aos *traders* negociarem agora com base em vultuosos

créditos e garantias bancárias. Em 2019, as quatro maiores corretoras de matérias-primas tiveram um volume de negócios de 725 mil milhões de dólares – mais do que o total das exportações do Japão.

O abrandamento da economia imposto pela Covid reflectiu-se numa redução dos preços das matérias-primas, o que implicou perdas para os mais frágeis, mas, uma vez mais, permitiu aos grandes potentados adquirir mercadorias a preços de saldo, ridiculamente baixos, guardarem-nas nos seus gigantescos silos e revenderem-nas com lucros fabulosos (alguns corretores compraram mesmo barris de petróleo a preços negativos, o que obrigou a produtores a pagarem para vender a sua mercadoria!). E, a crer do que ocorreu no passado, em que as guerras sempre beneficiaram os *traders* de bens essenciais, é possível, até provável, que hoje em dia existam corretores a fazerem fortunas astronómicas com o grão da Ucrânia ou o petróleo da Rússia. É que, na perspectiva dos corretores, quanto pior, melhor, ou seja, a instabilidade de uma dada região é, em regra, um factor de maior rentabilidade. Se um país rico em recursos mergulhar numa guerra civil fratricida, os que lá se aventuram com o bolso cheio de dólares poderão comprar a preços de saldo aos dois lados em contenda; em certos casos, as corretoras, como dispõe de fundos financeiros gigantescos, não hesitam em financiar uma das facções em luta, ou ambas, a troco de contratos que hipotecam os recursos naturais do país por 10, 15, 20, 30 anos. (foi a Vitol que financiou os rebeldes da Líbia e, em larga medida, precipitou a queda de Kadhafi). Ou seja, a violência e a guerra interessam a estas empresas, como lhes interessam as altas de preços, mesmo que isso implique o sofrimento e a penúria de milhões. Na crise do petróleo de 1979, a Marc Rich & Co. ganhou tanto dinheiro que, se estivesse cotada em Bolsa, teria sido uma das dez empresas com mais lucro da América. Não muito depois, Marc Rich teve de fugir dos Estados Unidos, onde era acusado de crimes vários (ex. evasão fiscal, escutas ilegais, extorsão, negócios ilícitos com o Irão aquando da crise dos reféns), que foram escandalosamente perdoados por Bill Clinton no último dia do seu mandato, facto a que não serão alheios os donativos milionários feitos para o Partido Democrata.

As sanções económicas não dissuadem estes donos do mundo e, pelo contrário, criam até, muitas vezes, um ambiente mais favorável a actuar na sombra e a reclamar maiores lucros. No Iraque, as corretoras negociaram com Saddam Hussein, ignorando as sanções da ONU, da mesma forma que trocaram açúcar por petróleo com Fidel Castro, venderam secretamente toneladas de trigo e de milho norte-americanos à URSS no auge da Guerra Fria e, claro está, financiaram os negócios dos oligarcas de Vladimir Putin, como Igor Sechin, o patrão da Rosneft, alcunhado “Darth Vader”, que hoje é alvo de fundas sanções no Ocidente. Nada que dissuada os *traders* de matérias-primas, que nunca hesitaram em negociar com os ditadores mais sanguinários do planeta, mesmo quando já era certo e sabido as atrocidades que praticavam. E, ao longo das últimas décadas, é inimaginável a dimensão da corrupção praticada as corretoras de recursos: têm-se sucedido os escândalos e os processos, mas eles representam apenas a ponta de um icebergue quilométrico, que já envolveu, entre

outros, um dos maiores bancos do mundo, o BNP Paribas, alvo de uma multa de 8,9 biliões de dólares, em 2014, por negociar com países alvos de sanções pelos EUA, como o Sudão, o Irão e Cuba, país onde o BNP Paribas financiou a acção de uma corretora, a Trafigura, a qual esteve metida em tremendo escândalo como o do programa Petróleo-por-Alimentos das Nações Unidas, que encerrou em 2003 devido aos seus esquemas fraudulentos e corruptos, e o do lixo tóxico despejado na Costa do Marfim, em 2006, responsável por uma crise de saúde pública que afectou cerca de 100 mil pessoas.

É quase desnecessário dizer que uma parcela significativa das matérias-primas que circulam no mundo estão sediadas em *off-shores*, fugindo ao controlo de qualquer regulador nacional, e recorrem a empresas de fachada, enquanto as corretoras se domicíliam na Suíça ou em Singapura, desde sempre complacentes para com a escória do mundo. Num mundo globalizado, de pouco vale ter mecanismos de transparência e controlo nacionais, válidos em cada país, se depois não existir regulação e vigilância num plano mais vasto, internacional. De que adianta ter mecanismos que impeçam, em França, em Portugal, no Canadá ou no Brasil, excessivas concentrações de empresas, práticas monopolistas ou distorções de concorrência se as empresas em causa têm as suas sedes em *off-shores* e actuam não à escala nacional, mas transnacional? Um exemplo: nas

duas últimas décadas, a Vitol, a rainha do petróleo mundial, pagou apenas 13% em impostos sobre os seus lucros de mais de 25 mil milhões de dólares. Na Bélgica, a carga fiscal sobre o trabalho é de 52,6%, em Portugal é de 41,8%, a média dos países da OCDE é de 34,6%. A Vitol pagou 13% sobre os seus lucros de 25 biliões. Em face disto, não admira que surjam, cada vez mais, sentimentos de revolta e populismo anti-sistémicos; o que admira, isso sim, é que essa revolta e esse extremismo sejam ainda tão reduzidos. Para as injustiças que vemos por esse mundo fora, se o comportamento dos cidadãos surpreende por alguma coisa é pela sua moderação, pelo conformismo, pelo respeito por um estado de coisas cada vez mais precário e insuportável. As democracias preocupam-se, e bem, com o ascenso de forças políticas extremistas, mas pouco fazem para debelar os problemas económicos e sociais que lhe dão origem. De pouco adianta, na verdade, gastar milhões na vigilância de grupos neonazis se se mantiver o *statu quo* nas periferias das grandes cidades, com desemprego jovem, falta de oportunidades e perspectivas de futuro, desigualdades crescentes, crise na habitação.

Nos últimos anos, ao que parece, o poder das corretoras tem sofrido algum retrocesso, seja pelo facto de a informação privilegiada de que dispunham sobre fontes de matérias-primas, preços de compra e venda, etc., estar hoje muito mais generalizada e democratizada graças à Internet, seja porque muitos governos e organizações procedem aos seus negócios de forma directa, prescindindo de intermediários, seja, enfim, porque a cultura vigente nos *traders* também mudou para melhor, porventura fruto dos muitos escândalos do passado e das indemnizações milionárias que tiveram de pagar. Resta saber, todavia, se a guerra da Ucrânia e a instabilidade mundial não representarão novas oportunidades para um regresso em força das corretoras, naquele que é mais um efeito colateral, e pouco falado, do gesto louco de Vladimir Putin. Outro, de que pouco se fala, será o fortalecimento das redes e das máfias de tráfico humano no centro da Europa, do crime organizado, bem como dos negócios de armamento, para não falar de que, quando tudo acalmar, existirão certamente centenas ou milhares de homens armados a Leste, com experiência de combate e sem profissão e emprego. Serão necessários anos, décadas, para que tudo possa regressar ao normal.

Agora e por ora, uma coisa é certa: Putin e Xi, Mohammad bin Salman e outros prestaram-nos um grande, enorme serviço, ao mostrarem-nos que temos de arrepiar caminho e mudar de vida, de dependermos menos, cada vez menos, do petróleo sujo das ditaduras. E não, não é indiferente comprarmos energia a uma democracia comercial como a América ou a uma ditadura corrupta como a Rússia. Resta saber como se irão portar, no meio de tudo isso, os donos e senhores do mundo, as corretoras de matérias-primas. Saber sequer que eles existem, conhecer quem são e o que fazem, é já um bom primeiro passo. E depois, confiemos no futuro, já que o presente... enfim.

Historiador. Escreve de acordo com a antiga ortografia.

“

Agora e por ora, uma coisa é certa: Putin e Xi, Mohammad bin Salman e outros prestaram-nos um grande, enorme serviço, ao mostrarem-nos que temos de arrepiar caminho e mudar de vida, de dependermos menos, cada vez menos, do petróleo sujo das ditaduras.



Opinião João Lopes

O saber não ocupa lugar

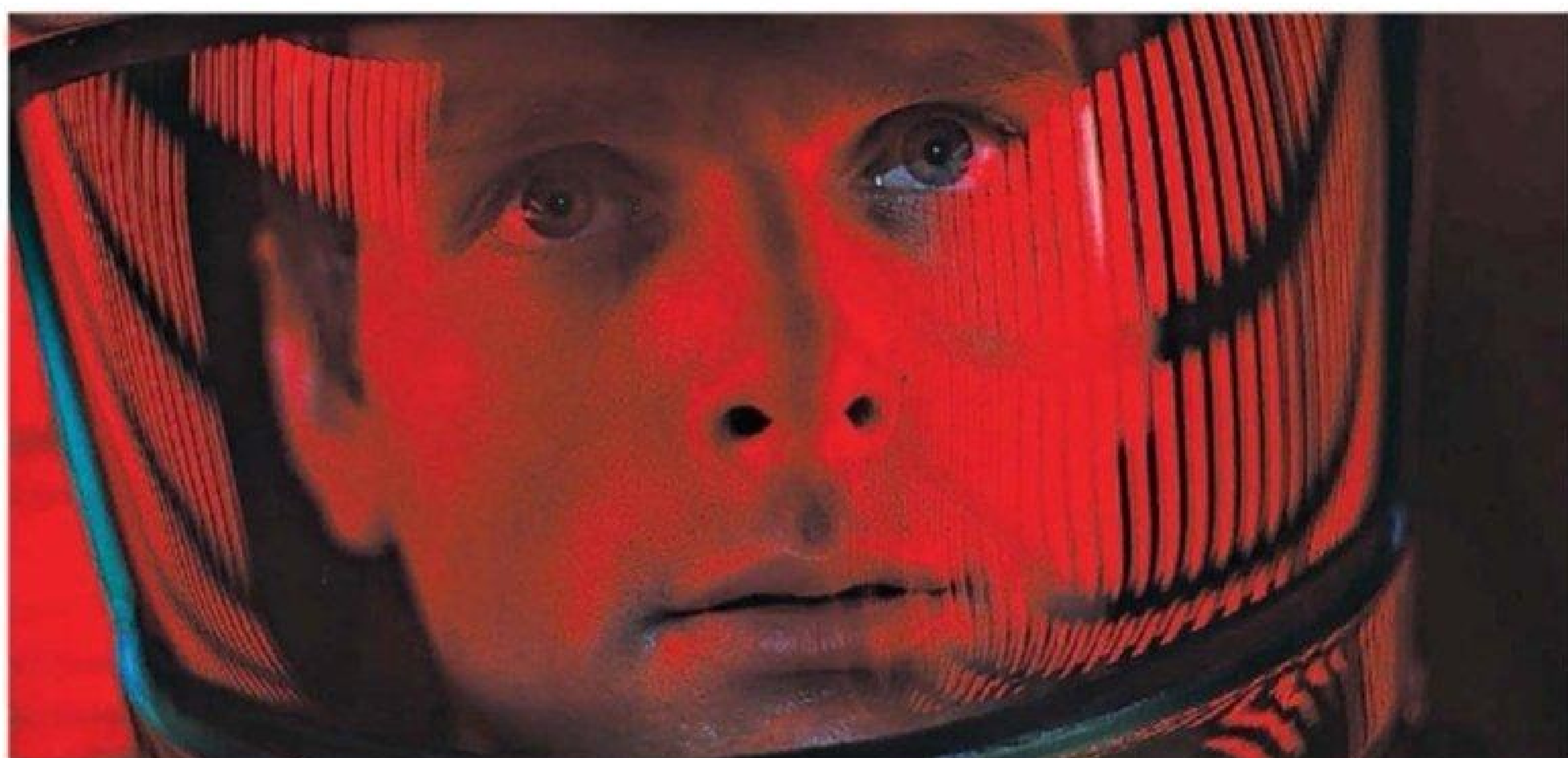
Num recente artigo da revista *The Economist* ("The hard edge of the cloud", 8 outubro), encontramos uma curiosa série de dados sobre a evolução dos sistemas de conservação da informação computorizada. Acélebre "cloud" onde, mediante um preço, qualquer um de nós pode guardar os seus ficheiros – das listas do Spotify aos "milhões de selfies perversas" – tem crescido de modo exponencial, a ponto de ter gerado um mercado global de servidores & chips de computador avaliado em 600 mil milhões de dólares.

Para lá da consolidação da nossa biblioteca virtual, com grande impacto no comportamento de cada um de nós face à informação disponível, procurada ou coligida, a "nuvem" de informação gerou uma gigantesca, verdadeiramente global, rede de negócios. Exemplo revelador: grandes empresas envolvidas na "cloud" (a revista cita os exemplos de Amazon e Google) recorrem a design de origem japonesa, depois tratado por uma firma especializada sediada em Taiwan...

Há uma maneira mais básica de dizer isto: a nossa relação com a informação computorizada foi deslizando para um espaço realmente virtual – e dizer "realmente" a propósito de algo a que damos o nome de "virtual" é uma contradição reveladora do misto de estranheza e transparência da nossa actual relação como império da tecnologia.

O cinema pode ajudar-nos a lidar com o labirinto de questões e perplexidades que tudo isso arrasta. É verdade que, nos dias que correm, há toda uma ideologia de marketing, fortemente dependente de líderes de mercado como a Marvel ou a DC Comics, que promove uma visão dos filmes enredada em escapismo sem inteligência. Mas não é menos verdade que a história do grande cinema popular (repito: popular) está disponível para compreendermos que, no mínimo, não necessitamos de ficar sujeitos a tal futilidade de pensamento.

Penso na referência emblemática de *2001: Odisseia no Espaço* (1968), de Stanley Kubrick, um dos muitos clássicos que, havendo um diferente sentido de risco e alguma imaginação comercial, o mercado poderia relançar e rentabilizar regularmente nos grandes ecrãs das salas IMAX. A relação dos astronautas da nave Discovery One, a caminho de Júpiter, com o seu computador, o célebre HAL 9000, condensa aquilo que, com alguma ironia, podemos chamar a tradição fundadora da informática. Dito de outro modo: a informação que HAL fornece é algo que ainda está



2001: Odisseia no Espaço (1968): nas entranhas do computador.

ali, disponível, por assim dizer no corpo do computador – o conflito com a máquina nasce do facto de o próprio HAL se recusar a partilhar alguma dessa informação com os humanos que com ele viajam.

Aplicada ao computador, a palavra "corpo" poderá parecer estranha neste contexto, mas na dramaturgia concebida por Kubrick adquire toda a lógica e motivação. Assim, numa das sequências mais lendárias de *2001*, David (o astronauta interpretado por Keir Dullea) entra, *literalmente*, no sistema de ficheiros de HAL para, um a um, os desligar. Nos incríveis grandes planos do rosto de David vemos, no seu capacete, o reflexo desses ficheiros: são mensageiros de um poder que já não se enraíza no humanismo clássico.

Aquilo que, em *2001*, tende para a tragédia surgirá, uns anos mais tarde, em *Jogos de Guerra* (1983), uma realização de John Badham em forma de "thriller" político-militar, não deixando de ser uma vibrante aventura à moda antiga. Ali encontramos outro David (Matthew Broderick no papel que o transformou numa estrela juvenil), estudante de liceu que, através de peripécias mais ou menos rocambolescas, acaba por aceder ao sistema de defesa dos EUA (NO-RAD): julgando que está a divertir-se com um "jogo de guerra", a sua acção ameaça desencadear o apocalipse ou, como se diz no filme, a "guerra termonuclear global"...

“A informação disponível na “cloud” transformou-nos em habitantes de um mundo realmente virtual.

Que aconteceu, então? Passámos da crueza física das máquinas para a sua dispersão num universo impessoal, sem centro, em que o consumidor individual já não tem nenhuma relação táctil com essa "nuvem" a que, afinal, pertence. No caso do primeiro David, o confronto dá-se nas entranhas do próprio computador. O segundo David vive a transfiguração do adágio popular segundo o qual o saber não ocupa lugar: no seu sentido original, o provérbio celebra a infinita acumulação de saber; agora, esse saber passou a "residir" numa paisagem etérea que, de facto, já não pertence a nenhum lugar palpável – *literalmente*, não ocupa lugar.

Pormenor simbolicamente interessante: ambas as personagens surgem com o mesmo nome próprio: David. Um e outro estão, de facto, em luta com um "Golias" que os transcende. Os respectivos apelidos são ainda mais reveladores. O astronauta de Kubrick chama-se David Bowman, à letra, "homem do arco": é um arqueiro, alguém que ainda transporta a memória medieval de combates ancestrais. O estudante filmado por Badham é David Lightman, "homem da luz", como se a intensidade do saber que lhe é dado contemplar o pudesse cegar.

Chef Luís Brito

Receita de tártaro de atum

Ingredientes:

150 g de atum fresco
40 g de pepino
30 g de maionese
10 g de lima (sumo)
5 g de cebolinho
15 g de cebola roxa
15 g de azeite extra virgem
3 g de flor de sal
4 tostas de cereais (retângulos; este tipo de tosta pode ser adquirido em qualquer supermercado).

Confeção:

Limpar e cortar o atum em cubos pequenos e reservar.
Misturar a maionese com o azeite e o sumo de lima.
Higienizar a cebola roxa, picar finamente e reservar.
Higienizar o gengibre, ralar e reservar.
Higienizar o cebolinho, picar finamente e reservar.
Extrair a casca do pepino, picar em pequenos cubos e reservar.
Higienizar o piri-piri fresco, retirar-lhe as sementes e laminar finamente.
Juntar o atum com a cebola e o pepino em cubos e misturar bem.
Temperar com a mistura da maionese, sumo de lima e flor de sal e reservar.

Montagem:

Fazer uma sandes com o tártaro e as tostas e colocar no prato. Servir duas unidades por pessoa, terminar com as lâminas de piri-piri e as folhas de rabano daikon.

TEXTO E EDIÇÃO FILIPEGIL

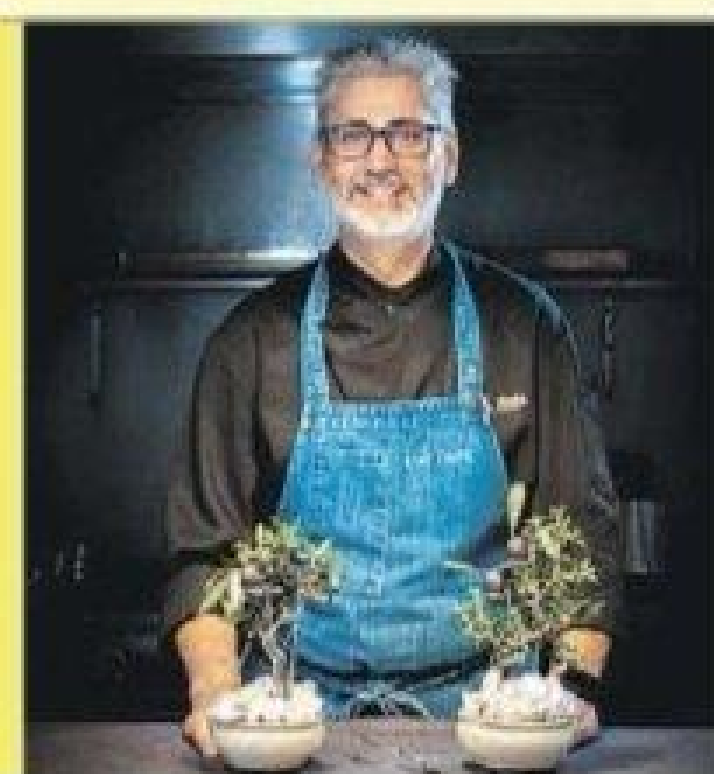
A acompanhar

O chef Luís Brito sugere o vinho AdegaMãe 100% Viosinho para harmonizar com a sua receita



O Chef

Natural de Santa Clara-A-Nova (Almodôvar), Luís Brito ingressou na Escola de Hotelaria de Faro em 1989. Iniciou a sua carreira profissional como cozinheiro em diversos restaurantes e hotéis do Algarve, até assumir a função de sub chef executivo do Hotel Alfamar. Liderou as cozinhas de grupos como o Petchey, o Starwood ou o CS Madeira Atlantic, e foi chef executivo do Hotel Nempanzu, em Angola. Lecionou na Escola de Hotelaria e Turismo de Faro e na Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Brasil, em São Paulo. Hoje lidera o seu próprio projeto, o restaurante A Ver Tavira, que em 2021 ganhou a sua primeira estrela Michelin.





ODN
DE HÁ CEM
ANOS

AS NOTÍCIAS DE 23 DE OUTUBRO DE 1922 PARA LER HOJE

SELEÇÃO DO ARQUIVO DN
POR CRISTINA CAVACO, LUÍS MATIAS E SARA GUERRA

COM O APOIO
INSTITUCIONAL:



GRUPO BEL



O REGRESSO DOS AVIADORES

A proposito duma homenagem projectada

RECORDA-SE O GLORIOSO PAPEL
DA NOSSA MARINHA DE GUERRA
DURANTE O CONFLITO EUROPEU

Uma entrevista com o sr. Leite do Rego

Paris, 18 de Outubro.

No seu quarto da Casa de Saúde, onde esta convalescente, o almirante Leite do Rego chamou hoje a minha atenção para uma informação publicada no «Diário de Notícias» de há dias. Essa informação diz o seguinte:

«Quando chegaram a Lisboa os heróicos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, as bandeiras dos navios da nossa marinha de guerra que entraram em combate com os submarinos alemães durante a grande guerra, serão agraciadas com a Ordem da Torre e Espada e com a Cruz de Guerra».

—E' um acto de justiça, observei.

—Precisamente, retorquiu o ilustre oficial, receio que o não seja. Não porque esses navios não mereçam amplamente a honra que lhes vai ser conferida, mas porque, na nossa marinha de guerra permanente ou improvisada, eles não foram os únicos a merecer as supremas homenagens ao seu esforço e ao seu heroísmo. Uma justiça incompleta não é justiça. Por isso receio que essa homenagem que se anuncia venha a ser apenas mais um erro na sucessão daqueles que se têm praticado para com os nossos marinheiros que tomaram parte na guerra.

O almirante Leite do Rego comandou, como se sabe, a divisão naval portuguesa durante as hostilidades. Melhor do que ninguém ele conhece e pode julgar o esforço das forças do seu comando. E é com emoção e com entusiasmo que ele me diz:

—Muita gente ignora ainda qual foi o papel da marinha portuguesa no conflito e a maneira brilhante como ela soube desempenhá-lo. Pois se os proprios poderes publicos parecem ainda ignorá-lo! E contudo quanta coragem, quanta tenacidade, quanta sciencia, quanto heroísmo despendidos numa tarefa tantas vezes obscura. Sem duvida, os navios de guerra que se bateram com submarinos alemães merecem recompensa. Mas não a merecerão também os que asseguraram no meio de mil perigos, em circunstâncias por vezes dramaticas, o transporte dos nossos soldados e aqueles que tendo recebido a missão de limpar de minas a entrada do porto de Lisboa tão perfeitamente os desempenharam dessa missão que esse porto foi considerado seguro pelas companhias de navegação estrangeiras, cujos navios nunca deixaram de o visitar? Quantos episodios impressionantes dessa luta lhe poderia eu citar! Quantas catastrophes evitadas por uma «surveil-

lance» exercida a cada hora, a cada minuto, dia e noite, pelo sangue-frio e pela decisão rapida no momento do perigo, pelo admiravel espirito de sacrificio de que deram provas os que comandavam e os que eram comandados! Todos esses deram então para a historia da nossa marinha de guerra uma das mais belas paginas de gloria. E o meu amigo sabe de que fracos elementos dispunham os nossos marinheiros para o desempenho de missões tão delicadas na luta contra um inimigo tão provido de recursos de combate quão desprovido de escrúpulos. As patrulhas na barra de Lisboa eram feitas por barcos de pesca improvisados em unidades de combate! Os que com tão frágeis meios couberam fazer tão grandes coisas merecem sem duvida recompensa.

—Mas eu creio que a Cruz de Guerra, criada de resto para premiar esses esforços...—la 'eu a dizer.

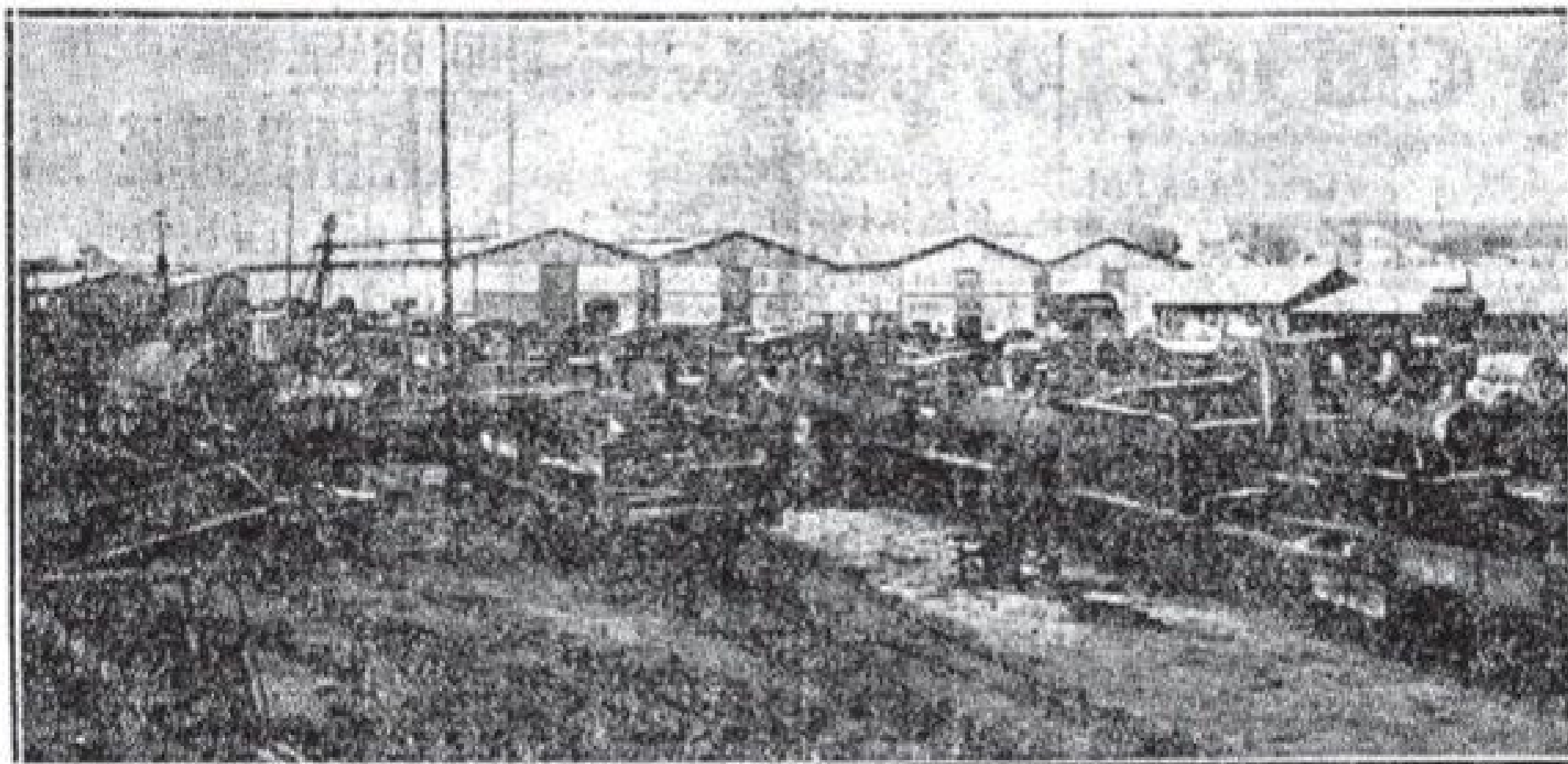
—Sim, a Cruz de Guerra, interrompeu o almirante, sem duvida ela existe e ela foi distribuida no exercito e tambem na marinha, mas, nesta ultima, até hoje, um pouco ao Deus dará. Porque se regras de distribuição que deviam ser as mesmas num e noutro caso não o têm sido até agora. Logicamente, em obediencia mesmo ao espirito da lei, o oficial que comandou a divisão naval devia ter sido convidado a apresentar um relatório sobre os actos de guerra que melhor que qualquer outro, pela natureza das suas funções, estava habilitado a conhecer e a julgar. Sobre a distribuição das recompensas as suas propostas deveriam ser a base essencial. Foi dum modo identico que se praticou no exercito. E foi assim que tambem aqui em França se praticou com as forças de terra e mar. Em Portugal, porém, é a distribuição da Cruz de Guerra no exercito se fez, por assim dizer, automaticamente, dentro de regras estabelecidas, na marinha ela tem sido entregue um pouco ao acaso, á mercê das simpatias dos numerosos governos que se vão succedendo nas cadeiras do poder. Essa solenidade que o «Diário de Notícias» anuncia é, pode dizer-se, mais um retalho de justiça. Mas não é aquela justiça completa, ampla, que a marinha de guerra portuguesa tinha e tem o direito de esperar.

Pareceu-me interessante reproduzir essas palavras, que exprimem a opinião do almirante Leite do Rego sobre um assunto em que a sua autoridade é daquelas que ninguém pensará, suponha eu, em contestar.

JORGE GUERNER

O CEMITERIO DAS LOCOMOTIVAS

Na estação dos caminhos de ferro do Estado, no Barreiro, apodrecem ao sol e á chuva cêrca de 40 máquinas, no valor de quarenta mil contos!



Um trecho do recinto das oficinas dos caminhos de ferro do Barreiro, onde se aglomeram dezenas de locomotivas avariadas

Se não tivéssemos o cuidado de colar uma legenda na fotografia que acima inserimos, o leitor decerto presumiria que lhe apresentávamos uma das muitas cenas de desolação que assinalaram a retirada dos exércitos gregos da Anatólia, quando escuraçados pelas hostes de Mustafa Kemal.

Não! A scena que á gravura representa, embora seja igualmente desoladora, encontrá-la-á o leitor a pequena distancia de Lisboa. Basta que se dirija a um vergonhoso e imundo barracão de madeira assente sobre estacas que existe ao fundo da Praça do Comercio e que dá pelo nome de estação dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e aí tome um desconfortavel e ronceroiro barco que o levará ao Barreiro, onde, passada uma larga hora, desembarcará noutra estação que em limpeza nada fica a dever á primeira.

Chegado ao Barreiro, andara quando muito uns 600 metros, e, olhando á sua esquerda, por entre as frinchas dum ripado de madeira, verá o «cemiterio» de que nos estamos occupando. Ali dormem ha anos o seu «sono eterno» umas 40 locomotivas, minadas pela ferrugem, carcomidas pelo sol e pela chuva, sujeitas ás intemperies.

Fomos lá. O espectáculo é confrangedor. Entrar nesse recinto é expressamente prohibido. Exceptuam-se, ao que nos disseram, uns operarios encarvoados que ali vão ás vezes praticar «x-polições» macabras: despojar as pobres victimas dos seus accesorios de bronze e metal com os quais vão depois ornamentar as suas irmãs mais ditosas, que ainda possuem a resistencia necessaria para correrem pela linha férrea, sujeitas aos deluxos e catarrros que lhes minam a existencia.

Mas mesmo da parte de fóra do «recinto sagrado» cumprimos a nossa missão. Ao longe, lá vimos a machina n.º 1, de saudosa e aristocratica memoria. Amputaram-lhe a grande roda do centro. Com que melancolia naquella campo de silencio ella se não recordará dos longinquos tempos em que toda «coquette», coiffada de verdura, ornamentada de largas fitas bicolores, galgava celere, em poucas horas, a distancia que vai do Barreiro á Vila Viçosa, levando atrás de si os salões realengos! Hoje, nem um sucateiro a ambicionaria...

Mais proximo de nós, encontrava-se um destes pujantes monstros que rebocam uma longa fila de vagões e carruagens. Era uma machina da serie 100. Conserva ainda a chaminé dos tempos em que consumia lenha. Mau grado nosso, aquella locomotiva evoca-nos os dias tragicos da guerra. A chaminé parece um capacete e ao analisarmos o «mamouth» de ferro e aço, sentimos a impressão de ter na nossa frente um gigantesco guerreiro que se deixou matar no campo de batalha, batendo-se até o ultimo momento. Está manca, falta-lhe um dos rodados dos «bogies», e a maior parte das bielas foram-lhe retiradas. O peito apresenta uma larga brecha donde goteja um liquido viscoso e negro, que parece sangue, mas que é apenas agua, lodo e ferrugem. Está

cego; os largos faróis com que em noites escuras percorria quilometros e quilometros da «via» desapareceram.

Pretendemos ouvi-la. O corpo estava ali na nossa frente á apodrecer, mas a alma ainda vive. Talvez o leitor ignore que aquellas machinas de ferro têm uma alma? Pois têm-na. A alma duma machina é o maquinista. E' ele que faz sair aquelle monstro da impossibilidade, que o solta á destinação pelos dois interminaveis «carris de aço»; o faz correr loucamente através dos campos, galgar pontes, atravessar túneis. Suspenso agora no ar «pára de aí a pouco desaparecer á vista», rasgando o ventre duma serra.

—Meu caro senhor, principiou o nosso entrevistado—isto constitui um verdadeiro crime. Não ha palavras sufficientemente energicas para verberar o que se passa nestes Caminhos de ferro ha alguns annos. Ali dentro—e apontava-nos para o recinto—estão apodrecendo milhares de contos, illoje annos locomotiva custa 12 a 15 mil libras, ou seja uma coisa parecida com 1.000 contos. Pode-se computar que ali dentro se tem deixado «criminosamente» estragar. E o dinheiro que se tem inutilmente dissipado? Não faz uma ideia. Se não deixassem chegar o material ao estado a que chegam, poderiam ter evitado a compra de 8 locomotivas que custaram o melhor de 120.000 libras esterlinas. Ainda não houve um percurso quilometrico actual superior aos de 1912 e 1913; pois, nesses annos, o serviço fez-se com menos as 20 machinas que os Caminhos de Ferro adquiriram depois disso. As oito machinas vindas agora são da serie 100, das quatro rodados conjugados e perfeitamente iguais ás que já cá havia e que a pratica indicava que deviam sofrer algumas modificações. A nada disso se atendeu e todos os defeitos foram mantidos. O resultado é este: duas das novas locomotivas já «estão seriamente» avariadas e impossibilitadas de fazer serviço até que lhes sejam substituidos os cilindros.

—Só agora, ao que parece, se está tratando da aquisição de caldeiras para substituição das avariadas. Deixou-se chegar a libra a 100 escudos para se fazer a encomenda.

—Meu caro senhor, isto chegou ao ultimo extremo. E' lembrar-me eu que este serviço de material e tracção era modelar no tempo do sr. engenheiro D'Orey! Com o engenheiro sr. Galhardo e os adjuntos desse tempo, srs. Chaves e Feio Terenas ainda isto se aguentou; depois tem sido caminhar só para a ruina. O Estado vai dando para «to milhares de contos, mas a nada tem chegado, como vê...

—Mas as locomotivas que ali estão dentro não são velhas? perguntamos nós.

—Qual velhas? Algumas delas não têm 10 annos de serviço e poucas serão as que têm mais de 20 e andam aí machinas a trabalhar com mais de 30 annos de aturada serviço. Os vapores da Via Fluvial que agora navegam têm 10 a 40 annos e ainda têm as machinas bem boas. Os que foram comprados depois

disso é que estão na doca em Lisboa a reparar. Ali é que o senhor tambem podia saber coisas interessantes. Vá ter com F...

Despedimo-nos, agradecendo as informações. E, enquanto iamós á procura da pessoa indicada, acudia-nos á mente a seguinte pergunta: «Haverá optimismo sobre a marcha dos negocios publicos e sobre a regeneração do pais tão ardentemente desejada que resista ao espectáculo que acabamos de presenciarmos?».

—Pelo que respeita á via fluvial, a situação é a seguinte nas suas linhas gerais—diz-nos o funcionario que temos agora na nossa frente.

«Encontram-se apenas ao serviço os vapores «Douro» e «Algarve», dois velhos barcos que não oferecem o conforto e a velocidade requeridas. O «Minho», que só em circumstancias excepcionais é posto ao serviço, encontra-se em pessimas condições e a navegação desse barco oferece varios riscos, sendo o menor deles o encontrar-se qualquer dia immobilizado no meio do rio, repleto de passageiros, ao saber da corrente e sujeito ás contingencias do tempo. O «Tavares Trigueiros» e o «Victoria» são dois rebocadores que abusivamente se empregam no transporte de passageiros, faltando-lhes todos os requisitos necessarios para esse effeito.

«Desde setembro de 1920 que o «Estramadura» se encontra a reparar num estaleiro particular e com a sua reparação já até hoje se dispenderam mais de 200 contos. Dizem os tecnicos que a sua reparação não ficará tão cedo concluida e que ainda haverá a gastar com ella uma importancia superior a 100 contos.

«Porque se não reparou este barco na doca do Barreiro? Por falta de mão de obra? Por carencia de materiais? Por se tornar demorada e dispendiosa a sua reparação? Não lho podemos dizer. Os factos ali estão, todavia, a provar que nenhum destes inconvenientes se evitou, antes pelo contrario. Mais demorada e dispendiosa não poderia ter sido essa reparação.

«Em 1913 a capacidade productiva das oficinas estava tão valorizada que, sob a proficiente direcção do engenheiro sr. Henrique da Fonseca Chaves, todos os barcos ali sofriam as grandes reparações de que necessitavam e o tempo ainda sobrava para se repararem barcos estranhos aos Caminhos de Ferro do Estado, como succedeu com o rebocador n.º 4 da Alfandega, que ali sofreu uma importantissima reparação a beneficio.

«Só o «Alentejo» não pode ser reparado no Barreiro em consequencia de seu grande calado lhe não permitir a entrada na doca. A reparação deste barco tambem se encontra confiada á industria particular desde agosto de 1921; algumas dezenas de contos têm sido dispendidos com ella e ninguém poderá prever quanto é que esse barco voltará a navegar.

O leitor dirá agora se se trata ou não de uma desoladora miniatura dos Transportes Maritimos do Estado...

ias

End. tel. — Noticias Lisboa

HOS

ESPA-TEIRA

COME DOS

hoje inaugurado no sob a presidencia chefe do Estado, o cesso scientifico lu-panhol

ORDNICAS INDUSTRIAIS

DIARIO DE NOTIC

nicia amanhã a sua publicac assinadas pelo illustre profe e engenheiro Vicente Fer

Boris volta a Londres e Sunak já tem os votos necessários

REINO UNIDO Nem o ex-primeiro-ministro, que aliados dizem já ter os apoios suficientes, nem o antigo ministro das Finanças apresentaram ainda a candidatura.

TEXTO SUSANA SALVADOR

O ex-primeiro-ministro britânico Boris Johnson regressou ontem das férias na República Dominicana e tinha, ao princípio da noite, 53 apoios declarados para ser candidato à liderança do Partido Conservador. Johnson ainda não anunciou oficialmente a candidatura, mas os seus aliados dizem que ele vai avançar e que já tem mais de cem apoios entre os deputados do partido – o mínimo necessário. Quem cruzou essa barreira (tinha ontem à noite 127 votos declarados) foi o ex-ministro das Finanças Rishi Sunak, que à hora de fecho desta edição também ainda não fizera o anúncio oficial de candidatura.

Na corrida à sucessão de Liz Truss, que cedeu à pressão e se demitiu na quinta-feira, só Penny Mordaunt, líder conservadora da Câmara dos Comuns, já avançou oficialmente. Contudo, segundo as contas da BBC, ainda só tinha ontem 23 apoios. O prazo termina na segunda-feira, às 14.00, e se houver mais de dois candidatos os deputados conservadores votam para escolher os dois finalistas. A escolha final é dos militantes do partido, numa votação online cujo resultado será conhecido na sexta-feira. Mas se só houver um candidato, ele será automaticamente eleito líder na segunda-feira e, consequentemente, novo primeiro-ministro.

Sunak surge para já como o favorito,

contando com o apoio de vários ministros – uma delas Kemi Badenoch, titular da pasta do Comércio Internacional, que tinha sido uma surpresa na corrida à liderança durante o verão. Num artigo de opinião no *The Times*, alega que Sunak é “o líder sério, honesto, que precisamos”. Os apoiantes do ex-ministro das Finanças desafiavam os de Boris Johnson (que terá passado a tarde ao telefone) a mostrar os nomes dos cem apoios que dizem já ter.

Segundo a BBC, Sunak e Johnson terão tido ontem uma reunião ontem à noite, para tentar encontrar uma posição comum, não tendo sido divulgados pormenores do encontro.

susana.f.salvador@dn.pt

BREVES

Chega anuncia voto de condenação a Santos Silva

O Chega anunciou que entregou um projeto de voto para condenar o presidente da Assembleia da República, Augusto Santos Silva, por aquilo que diz ser uma “conduta institucional” que não é pautada pela “imparcialidade e a isenção exigíveis”. “Tal como defendido pelo Chega em projeto de resolução análogo, no decorrer da presente legislatura, o comportamento do Presidente da Assembleia da República tem-se manifestado inadequado face ao seu mais elementar dever de imparcialidade e isenção, circunstância que merece clara e manifesta censura”, pode ler-se no projeto de voto que o partido de André Ventura anunciou ter entregado no parlamento. Este projeto de voto pretende manifestar a “mais profunda e severa condenação ao comportamento do presidente da Assembleia da República”. O Chega defende que Augusto Santos Silva “deve despir-se da sua origem política e/ou ideológica para efeitos de combate político-partidário, devendo antes ser o garante da estabilidade, dignidade, isenção e imparcialidade dos trabalhos parlamentares”, acusando Santos Silva de ter atuado “por diversas vezes” de forma “contrária aos princípios inerentes à sua função”.

Russos ordenam retirada imediata de Kherson

Autoridades pró-russas instaladas em Kherson, no sul da Ucrânia, ordenaram ontem que todos os residentes abandonassem “imediatamente” a cidade antes de um avanço das forças ucranianas. Numa mensagem no Telegram, as autoridades pró-Kremlin apelaram aos civis daquela que é uma das principais áreas urbanas ocupadas pelos invasores no início da guerra que utilizem barcos para atravessar o rio Dniepre, para se dirigirem em direção a territórios controlados pela Rússia. As forças russas citaram uma situação de tensão e uma alegada ameaça de bombardeamentos e “ataques de terror” por Kiev. As forças ucranianas atacaram, na passada sexta-feira, rotas de reabastecimento militares da Rússia em Kherson, tendo em vista um ataque em larga escala às posições russas na região. O aviso da parte russa surgiu no mesmo dia em que Kyrylo Tymoshenko, conselheiro do presidente ucraniano Volodymyr Zelensky, adiantou que mais de um milhão de casas ficaram sem eletricidade na Ucrânia após ataques russos contra instalações das principais redes elétricas das regiões ocidentais da Ucrânia. O presidente ucraniano acusou Moscovo de “um ataque massivo” com 36 mísseis. “O agressor continua a aterrorizar o nosso país”, denunciou Zelensky através das redes sociais.

Portugal brilha na natação adaptada

Vicente Pereira (foto) saiu ontem com o estatuto de nadador mais medalhado da 10.ª edição dos Mundiais para pessoas com Síndrome de Down, competição na qual Portugal fez história ao conseguir 32 medalhas, o melhor resultado de sempre. Em Albufeira, que acolheu o evento pela segunda vez, Portugal fez o pleno com os 10 nadadores selecionados a conseguirem subir ao pódio e a fazerem cair três recordes mundiais. Vicente Pereira, de 17 anos, conseguiu seis títulos individuais de campeão do mundo, dois de vice-campeão, cinco medalhas nas estafetas e ainda um recorde do mundo.



FP NATAÇÃO